Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 1972 — N.º 17726 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

BOM TEMPO

DUELO DE BRANDT COM A OPOSIÇÃO CONTINUA

As eleições alemãs podem ser antecipadas

O chanceler alemão ocidental Willy Brandt discursa hoje no Parlamento, no meio de perspectivas cada vez maiores de eleições gerais para breve, depois de ter sobrevivido ontem a uma tentativa da oposição para derrubá-lo e substituí-lo pelo chefe cristão-democrático Rainer Barzel. Na próxima semana, devem ser sujeitos a voto de ratificação os discutidos tratados do governo social-democrático-liberal com a URSS e Polónia, que a oposição se recusa a aceitar. A seguir ao malogro, por dois votos apenas, da moção de desconfiança apresentada pelos cristãos-democratas, Barzel declarou que o resultado demonstrara que nem ele nem Brandt dispunham de maioria. Por seu lado, o chanceler admitiu a possibilidade de antecipação das eleições gerais de 1973. Assim, o duelo entre o governo e a oposição não terminou, podendo ser as eleições a única forma de sair do impasse.

Brandt sorridente depois da vitória. (UPI/Telimprensa/«DL»)

Deputados liberais aderem à SEDES

Reportagem nas páginas centrais

Assalto a Quang Tri

Fontes sul-vietnamitas informaram hoje ter rechaçado a primeira investida de um grande assalto à capital provincial de Quang Tri, pouco a sul da zona desmilitarizada. Teriam sido mortos 317 assaltantes e destruídos vários tanques que encabeçavam o ataque. As baixas sul-vietnamitas seriam de 13 mortos e 73 feridos. Contudo, ainda segundo as mesmas fontes, um batalhão governamental foi forçado, com muitas baixas, a retirar para uma ponte no extremo ocidental de Quang Tri. Um general sul-vietnamita disse: «Não estamos a ganhar, mas até agora conseguimos impedir os comunistas de tomarem Quang Tri». Nos planaltos centrais, colunas de tanques comunistas convergiram do sul e do norte para a cidade de Kontum. Alguns deles estavam apenas a 10 km da cidade e oficiais norte-americanos temiam um ataque final capaz de destroçar as linhas de defesa.

HOJE 32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

O CAFÉZINHO

O presidente Américo Thomaz iniciou hoje a viagem de regresso a Portugal, embarcando no «Funchal» às 14 horas, hora de Lisboa. Ontem compareceu a um almoço oferecido em sua honra pelo governador do Estado de Guanabara, Chagas Freitas. Na foto após o almoço que decorreu no Copacabana Palace Hotel, o Presidente português toma um «cafézinho» com o arcebispo do Rio, D. Eugénio Salles e com o governador. (Telefoto UPI-Telimprensa-«DL»)

A mentira

A jóvem Gracinda da Conceição Piedade, de 16 anos, residente em Azeitão, surgiu de repente nos jornais como protagonista duma história rocambolesca. Aceitando uma boleia quando ia a caminho de Sesimbra, teria sido drogada e talvez violada pelo condutor do carro em que entrara. «DL» esteve em Azeitão a apurar a verdade e conseguiu saber que o drama de Gracinda é apenas um caso igual a tantos outros: tentam impôr-lhe um casamento que ela não aceita. Foge de casa e depois inventa toda a história que deu notícia sensacional. Mas os pormenores do caso ultrapassam a imagem duma simples rebeldia jóvem. **(Página 4)**

Companhias Reunidas de Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

4.º — Sector — **Concelho de Lisboa:** Est.ª de Benfica de 408 a 454 e 453 a 467, Est.ª de Benfica (traseiras) Lotes 1262. 1263, 1328, Ruas B-C, Circular à Estrada de Benfica, Rua Professor Reinaldo dos Santos, Az.ª da Fonte de 8 a 16 e 5 a 7, Quinta da Granja de Baixo. (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Rua da Trindade de 11-A a 17. (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Rua da Madalena de 188 a 224, Beco do Rosendo 2-C, Trav.ª da Madalena de 26 a 50 e 5 a 9. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Av.ª de Roma de 21 a 29-B, Av.ª Sacadura Cabral de 2 a 4 e 1 a 1-B, Av.ª Oscar Monteiro Torres de 51 a 63-B, Rua Oliveira Martins de 1 a 43. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Campo Grande de 175 a 193 e Restaurante. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Rua Francisco Sanches 1, Rua Marques da Silva de 18 a 42 e 35, Av.ª Almirante Reis de 84 a 100-B. (Das 8 às 12 horas).

9.º — Sector — Rua Gualdim Pais de 110 a 158, Pátio José Inglês, Est.ª de Chelas de 74 a 160 e 85 a 207. Pátio do Firmino, Rua Sol a Chelas de 3 a 9 e 6 a 14, Rua Cima de Chelas de 1-C a 3 e Cd.ª do Teixeira (toda). (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Quinta do Reguengo e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª — Zona — **Concelho de Cascais: AMOREIRA:** Rua da Alegria, Rua do Geraldo, Rua de Diu, Rua de Goa, Rua de Damão, Cd.ª do Juncalinho e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª — Zona — Conceição da Abóboda, Outeiro de Polima e Polima. (Das 8 às 14).

3.ª — Zona — Trajouce e Casal do Clérigo. (Das 8 às 14 horas).

4.ª — Zona — **MARINHA:** Quinta da Marinha (parte a norte do Clube e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.ª — Zona — **Concelho de Sintra: CACÉM:** Bairro Alegre. (Das 8 às 14 horas).

6.ª — Zona — Penedo, Pé da Serra, Casas Novas, Ulgueira. (Das 8 às 14 horas).

7.ª — Zona — **CARENQUE:** Serra da Silveira, Casal Vicente e imediações. (Das 8 às 14 horas).

8.ª — Zona — **ALTO DO BANZÃO:** Rua do Pinhal, Rua da Aloha e imediações. (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **Concelho de Mafra: VENDA DO PINHEIRO:** Av.ª Dr. Oliveira Safazar, Rua das Saloias, Est.ª de Avessada e imediações. (Das 7 às 15 horas).

10.ª — Zona — Codaçal, Gradil, Barras, Carrascal, Livramento. (Das 7 às 15 horas).

11.ª — Zona — Póvoa da Galega, Asseiceira Grande. (Das 7 às 15 horas).

12.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca: VILA FRANCA:** Rua Joaquim Pedro Monteiro, Rua do Curado, Rua Sacadura Cabral, Rua Serpa Pinto, L.º Marquês de Pombal, Rua Palha Blanco (parte), Rua Miguel Bombarda (parte) Cd.ª Fonte Nova, Est.ª Pedra Furada, Pt.ª Jornal Vida Ribatejana, R. João Nascimento Costa, Rua António Lúcio Batista e imediações, Povos (parte) e toda a Margem esquerda do Tejo (Lezirias). (Das 8 às 14 horas).

13.ª — Zona — **VILA FRANCA:** Rua Alegrete, Rua 1.º de Dezembro. (Das 8 às 14).

14.ª — Zona — **ALHANDRA:** Est.ª da Arruda, Quinta do Poço da Eira. (Das 8 às 14).

15.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca: ALHANDRA:** Rua Dr. Sousa Martins, Rua 5 de Outubro (parte), Rua Duque da Terceira (parte), Rua Vasco da Gama, Rua Abel Boto e Sousa, Av.ª Major José Joaquim Paiva, Largo 14 de Outubro, Rua D. Maria Anes, Praça 7 de Março, Largo Moisés do Carmo e imediações. (Das 8 às 14).

16.ª — Zona — Vialonga (Toda). (Das 8 às 14 horas).

17.ª — Zona — **Concelho de Torres Vedras:** Santa Rita, Penafirme, Santa Cruz, Boa Vista e Silveira, Praia Azul, Assenta, S. Pedro da Cadeira, Maçofaneira, Freiria, Pedras, Ponte de Rol, Bordinheira, Casal Fernandinho (das 8 às 14 horas).

Américo Thomaz de regresso a Portugal

No Cais das Bandeiras, no Rio de Janeiro, o Almirante Américo Thomaz, Presidente da República Portuguesa, embarcou hoje às 10 horas locais (14 em Lisboa) a bordo do «Funchal» de regresso a Lisboa.

No cais privativo do Ministério da Marinha, o movimento principiou cedo: às 8 horas e 30 (meio dia e trinta em Lisboa) formaram as tropas para a guarda de honra, enquanto as entidades ocupavam os lugares que lhes estavam reservados.

As mesmas pessoas que há seis dias ali se congregaram para a cerimónia de boas vindas - todos os membros do Governo brasileiro, delegações das duas câmaras do Parlamento, dirigentes das associações portuguesas e luso-brasileiras, as direcções das instituições culturais que o chefe de Estado português visitou durante os dias que passou na Guanabara estiveram presentes na despedida.

Às 9 horas (13 em Lisboa) chegou o cortejo presidencial brasileiro: o presidente Garrastazu Medici e o vice-presidente, almirante Rademaker, com as esposas. Um quarto de hora depois, novo cortejo se aproxima - é o chefe de Estado português, com sua esposa e filha que chega.

As bandas executaram os hinos nacionais dos dois países. A guarda de honra foi prestada por um batalhão da Escola Naval e por um destacamento dos fuzileiros navais.

O «Funchal» dirige-se à Bahia, onde chegará na manhã do dia 30.

Um brasileiro, um português eis o que foi D. Pedro de Alcântara: brasileiro, continuando a política de integridade do Brasil, dos reis de seu sangue, digno herdeiro de D. João I.; português, dando a vida por essa união efectiva, que não consistia na dependência, mas na igualdade — afirmou ontem Américo Thomaz, na sessão, realizada no Instituto Histórico e Geográfico Português, no decorrer da qual o Presidente português foi investido na previdência de honra da instituição.

No Real Gabinete Português de Leitura realizou-se mais tarde a abertura oficial do ano camoneano, com a presença dos chefes de Estado de Portugal e do Brasil. Ao fim da tarde, o Presidente de Portugal visitou a Academia Brasileira de Letras.

O almirante Thomaz, que comparecera ao almoço oferecido em sua honra pelo governador do Estado de Guanabara, Chagas Freitas, ofereceu à noite uma recepção à colónia portuguesa do Brasil na embaixada de Portugal. O Presidente estava manifestamente fatigado. À recepção compareceram mais de duas mil pessoas.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O mistério da luva amputada...

Um «suspense» atroz... de cortar a respiração!

HOJE às 21.45 CONDES ESTREIA

SENHORES CAPITALISTAS!!!

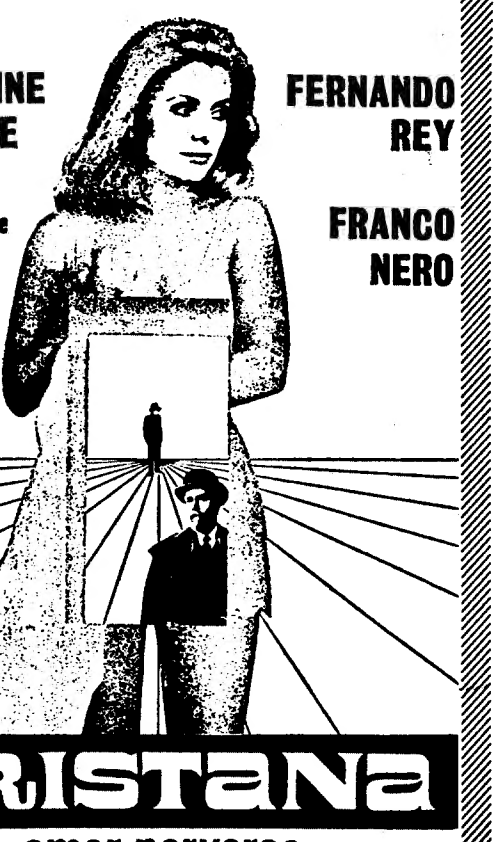
Coloquem o vosso capital nas melhores condições com garantia hipotecária, ao juro da Lei.

A CONFIDENTE

R. do Ouro, 292, 1.º (esq. Rossio)

Telefs. 369384 5 6 LISBOA

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta



«TRISTANA, uma admirável obra-prima do cinema contemporâneo. A não perder, dê lá por onde der.»

«Laura António in Diário de Lisboa»

«TRISTANA é soberba! Bravo, Buñuel!» *«New York Times»*

GRUPO D - 18 ANOS COLORIDO

3.ª SEMANA LONDRES

às 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

MONTGOMERY WOOD · SENTA BERGER

QUANDO ELAS TINHAM CAUDA

(WHEN WOMEN HAD TAILS)

...ou a love história da Idade da Pedra!!

EASTMANCOLOR

GRUPO D - 18 anos

Realização de PASQUALE FESTA CAMPANILE

VENHA RIR!

Hoje, estreia no EDEN

Opinião

ERA, NÃO ERA, ANDAVA LAVRANDO...

A agricultura portuguesa debate-se desde há longuíssimo tempo com problemas estruturais que vêm a agravar-se em termos de nos encontrarmos hoje na ponta aguda de uma crise que dá ampla margem para todos os pessimismos. A iniciativa, agora promovida pela Sociedade de Ciências Agronómicas, de uma semana de estudos sobre o tema «Adaptação agrícola ao desenvolvimento económico» estaria sempre justificada no quadro normal das actividades daquela associação, mas torna-se exigência imperiosa na situação económica e social em que se acha a nossa agricultura e quem dela vive: em sentido lato, o País inteiro.

É costume generalizado esperarem-se mundos e abundâncias destas iniciativas, criando-se um estado de espírito público que leva a confundir a simples abordagem dos problemas com o estudo aturado e a solução deles. Exprimir um voto passa a ser instantânea realização daquilo que só o muito trabalho poderá efectivamente alcançar. Acresce também que, em muitos casos, as comunicações dos participantes, por muito pertinentes que provem ser, se esterilizam nos imponentes volumes onde acabam por ser reunidas, sob o aparente estatuto da imortalidade...

Bom seria que tal não acontecesse à notável comunicação do prof. Henrique de Barros com que se iniciaram os trabalhos: «O papel da agricultura no desenvolvimento económico». A clareza das ideias, o vigor da expressão, o sinal evidente de uma longa prática dos problemas em causa, deveriam impôr-se imediatamente a quem, no plano em que as decisões se tomam, não pode ignorar ou apartar de si as propostas vindas de quadrantes menos conciliatórios.

Não é realmente comum que a atmosfera algodoada em que decorrem, em regra, tais reuniões seja abalada por palavras como estas: «Julgo sinceramente que ao abordarmos os problemas ligados à modernização da empresa agrícola em Portugal, com o seu pressuposto, que é a modernização da mentalidade do agricultor, todos nós, técnicos agrários conscientes da força dos adversos condicionalismos a que estamos sujeitos, temos o dever de assumir uma atitude combativa, senão polémica, ou até, para empregar um qualificativo que está na moda, contestatária.» E pondo o dedo numa ferida que já sabemos congénita, o prof. Henrique de Barros lembrou «que se impõe que sejam tomadas decisões políticas que transformem em realidades as conclusões dos estudos efectuados e que se evite aos programas propostos a triste, mas frequente situação de ficarem a apodrecer nos arquivos em lugar de seguirem o seu natural destino, que é a passagem à fase operacional.»

Dirigindo-se precisamente aos políticos, o prof. Henrique de Barros manifestou o desejo de «que saibam dominar os complexos que, porventura, os inibam de reconhecer a indispensabilidade e a premência do conjunto de decisões compreendidas na expressão, banalizada, talvez, mas nem por isso destituída de força, que é a reforma agrária...»

Singular terra esta em que uma expressão declaradamente e reconhecidamente banal como «reforma agrária», precisa de rodear-se de tantas precauções oratórias, em vez de impor-se por si mesma, como evidência e necessidade. É que, no espírito de muita gente, a reforma agrária não é mais do que um eufemismo, manifestação segunda de «jacquerie»... Não entendem esses catastróficos espíritos que ela seja, neste país e neste tempo, talvez uma das condições da sobrevivência nacional.

Moda inesperada

A moda das blusas campestres, dos vestidos amplos e dos grandes aventais, mais adequados para esperar um bebé do que para ajudar a elegância, levou mais de um ano a chegar aos Estados Unidos (até agora, ainda não atravessou as nossas fronteiras...). Sobre este importante assunto, escreve o semanário americano «Neweweek»:

«Duas nova-iorquinas lembraram-se de inventar a «almofada da gravidez», forrada de cetim, que se coloca em redor do estômago e dá à mulher o aspecto de estar no seu sétimo mês. Temos a impressão de sermos umas senhoras, diz uma delas (...), os motoristas de táxi seguram a porta dos carros, as pessoas levantam-se no metropolitano. (...) Há quem ache que se trata antes de um sinal destes tempos, em que tudo é natural, o parto, o aleitamento, a alimentação (...). O ar «gravidez» é natural, «sexy» e romântico...»

Mas nem toda a gente é desta opinião. A prova é que uma rapariga de dezassete anos comprou a almofada para viajar tranquilamente, sòzinha, através do país, durante o Verão. Pensa ela que a almofada a protegerá de atrevimentos...

Fábrica bem comportada

Há alguns meses, entrou em funcionamento, em França, região litoral do Languedoc, uma fábrica de cimento particularmente bem equipada.

Doze por cento dos investimentos foram consagrados à luta antipoluição, conduzida em três frentes, a poeira, as águas, o ruído. Todas as instalações de transporte e de tratamento foram concebidas de maneira a que a matéria não seja nunca visível no decurso das diferentes transformações. Era preciso evitar que os ventos que sopram do litoral a dispersassem sob a forma de poeiras. Para o transporte, recorreu-se a tapetes rolantes colocados numa estrutura metálica inteiramente coberta. Com o mesmo objectivo, a «pré-homogeneização» opera-se num recinto fechado e a armazenagem do «clinker» (cimento não esmagado) sob uma cúpula totalmente estanque.

O despoeiramento é obtido, quando da trituração, graças a uma pulverização de produto molhante e por meio de filtros electrostáticos ou de mangas, nos estádios seguintes: pré-homogeneização, esmagamento, cozedura, arrefecimento e ensilagem.

Para conseguir uma fábrica completamente «limpa», não se podiam lançar efluentes poluídos. Existe uma instalação que trata as águas de arrefecimento de modo a permitir um novo circuito de utilização.

Para reduzir os ruídos, escolheu-se um esmagador de mós para o cimento «cru» e integrou-se a oficina do «clinker» numa estrutura horizontal no interior da fábrica.

Estas informações não são certamente ignoradas pelas fábricas de cimento portuguesas, mas pômo-las à sua consideração... Acrescentamos apenas que esta instalação obteve diversos prémios que distinguem os estudos e as pesquisas no domínio da luta contra os danos de origem industrial.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José da Paz Palma Bica. «Papelaria Maria Adelaide» ALVALADE - SADO

EDUARDO GEADA

UM MESTRE ESQUECIDO

Mais para caracterizar a força explícita de uma obra que sempre escapou às classificações prefabricadas do que para insistir na piada de circunstância, contam alguns amigos de Buñuel que este, no dia da estreia do seu primeiro filme, «Un Chien Andalou» (1928), realizado com a colaboração de Salvador Dali, levava as algibeiras do casaco cheias de pedras para agredir os espectadores que o assobiassem. Se o facto é ou não verdadeiro pouco importa agora nem consta da anedota o resultado imediato de semelhante atitude. O que consta, e o que se vai tornando um lugar-comum quando se fala do autor da «Tristana», é a maneira como Buñuel, perseguido pelo histerismo das instituições que nos seus filmes sempre derrotou, foi sistemàticamente afastado dos grandes circuitos de exibição.

O seu segundo filme, «L'Age d'Or», celebrado por André Breton como o único filme verdadeiramente surrealista de toda a história do cinema, foi, dois anos mais tarde, o alvo definitivo dos galões da extrema direita, numa época em que a França, eufórica e inquieta, se preparava para assistir ao triunfo da intolerância. No dia 3 de Dezembro de 1930, vários comissários e representantes das ligas patrióticas, entre as quais a tristemente célebre Liga Antijudaica, invadem o estúdio das «Urselines», onde o filme de Buñel era exibido conjuntamente com uma exposição de quadros surrealistas, e proclamam bem alto os valores sagrados do Cristianismo e da Pátria que a película ousava enfrentar com uma subtileza pouco vulgar.

Buñel era formalmente proibido. Mesmo que o não fosse, o caminho do desafio seria o itinerário constante dos seus filmes. Incluindo «Tristana», quarenta anos depois, obra distinguida com salas de luxo nos Campos-Elíseos, nas Plazas de Madrid e na Avenida de Roma em Lisboa. E que, entretanto, Buñel fora designado «mestre de cinema», honra máxima do Festival de Veneza (1969), e, logo depois, solicitado como glória nacional pelo Governo do Generalíssimo Franco.

Mas, que se passou entrementes que levou este «mestre» esquecido, perseguido, humilhado, a não voltar a Espanha depois da Guerra Civil e a aceitar, na América, um modesto emprego de arquivista no departamento de curtas metragens da Metro Goldwyn Mayer? Em 1932 realizara o seu primeiro filme espanhol e isso era coisa difícil de perdoar: «Terra sem pão», retrato desencantado de uma realidade marcada pelo título, documentário agreste, falado por Pierre Unik e acompanhado por Brahms, que os cineclubes exibem muito discretamente numa cópia usada até ao limite.

Sùbitamente despedido do seu cargo da Metro, ao que parece porque um belo dia o senhor director da companhia descobriu por acaso a existência de um filme ateu chamado «L'Aged'Or» que de resto nunca obteve licença de exibição pública nos Estados Unidos. Luís Buñel entra no cinema mexicano pela mão e pelos cheques de Oscar Dancigers que o contratara para rodar meia dúzia de melodramas comerciais. Se é verdade que Buñel não conserva hoje uma opinião favorável acerca da maior parte dos filmes que dirigiu no México, entre 1947 e 1955, o certo é que raros são os críticos europeus conhecedores de Buñel que não colocam esses filmes entre os mais extraordinários de uma carreira sujeita a todas as pressões exteriores. Comparem, por exemplo, «Susana, carne y demonio» com o «Teorema» de Pasolini, ponham lado a lado «El» com qualquer das películas de Polanski e digam-me em que é que os filmes de Buñel perderam em agressividade, rigor e lucidez?

Entre o México e a França, entre as produções comerciais e uma liberdade provisória, sempre seguro na intrasigência moral de que os seus últimos filmes são a melhor prova, Buñel regressa a Espanha em 1961 para realizar «Viridiana», filme galardoado nesse mesmo ano no Festival de Canes. Uma vez mais a ideologia oficial espanhola, preocupada com o enorme sucesso crítico e comercial do filme no estrangeiro, vota Buñel ao mais completo silêncio. Quem ousava assim perturbar as mais firmes ideias da reacção?

De um só golpe, objectivo até à crueldade (no sentido exacto em que Artaud entende a palavra), afiando de filme para filme o gume da sua observação, Buñel demole os valores estabelecidos da religião, da família e do Estado. E tudo isto com uma serenidade em que se não detecta um partido antecipado, uma intenção preconcebida. Aceitando que a estética nada tem a ver com a piedade, então Buñel limita-se como ninguém a constatar a gravidade das feridas que o rodeiam guardando para o público todos os juízos de valor definitivos. É talvez nisto que os filmes de Buñel são literalmente escandalosos — obrigam-nos a repensar as ideias feitas, mal feitas e passivamente recebidas, a pôr em causa toda uma estrutura de relações sociais, em suma, a subverter o esquema mental de uma sociedade enfeudada às mais diversas formas de alienação.

Pela terceira vez, com intervalos de tempo bem espaçados, depois de «Terra sem pão» (1932) e «Viridiana» (1961), Buñel regressa a Espanha para rodar «Tristana» (1970), segundo uma novela de Perez Galdos publicada em 1892.

Se soubermos que Buñel transfere a acção da novela original dos fins do Século XIX para os anos vinte deste século (época da primeira ditadura militar em Espanha) e a localiza numa Toledo provinciana, identificada pelo anacronismo da sombra medieval, em vez de se concentrar no bairro miserável de Madrid que Galdos propunha, podemos talvez perceber melhor e que interessou Buñel neste regresso irónico a uma Espanha que o imobilismo ideológico parece marcar com o cinzel da eternidade.

Não é por isso de estranhar que alguns críticos avisados possam ter invocado a propósito de «Tristana», os nomes de El Greco, Goya ou Garcia Lorca. Quem melhor do que eles pode fornecer uma caução cultural sólida a este cineasta que jamais se preocupou com semelhantes referências? Mas quem melhor do que eles, também, pode fazer deslocar o verdadeiro sentido de um filme que, nada interessado em procurar os caminhos da «arte universal», mergulha decididamente no inconsciente de um estrato social mais actual do que nunca?

Interrogado sobre algumas das obsessões que dominam os seus filmes, Luís Buñel explicou, a propósito, que considerava a pornografia uma característica essencial de todo o erotismo casto. Esta distinção necessária, exacta, base da ambiguidade axiológica dos seus filmes vem de novo a mostrar que o fim da crítica aberta de Buñuel coincide com todas as formas de autoridade paternalista (a religião do Pai).

Se é certo, como escreveu Georges Bataille, que o domínio do erotismo é por excelência o domínio da transgressão, devemos arriscar-nos a defender na perversão de Tristana a conquista de um desejo merecido que os outros lhe negam. Que as leis foram feitas para favorecer os homens, como diz a irmã de Don Lope, ou para manter o privilégio dos poderosos, como insinua o próprio Don Lope, é coisa de que Tristana não duvida. Pois não é da destruição da figura obsessiva do Pai que se trata neste filme blasfematório que ousa apontar as coisas pelo seu nome dando a imagem mais justa?

A omnipotência do amor nunca se manifesta tão fortemente como nestes desvios. O que há de mais elevado e de mais baixo na sexualidade mostram por toda a parte as mais íntimas relações» (Freud).

O desenvolvimento dos impulsos de Tristana, a sua libertação da autoridade sagrada (dada no filme, entre outros pormenores, pela maneira como ela se desliga das pantufas do pai-amante, passando da posição de ajoelhada à atitude de desprezo) é paralelo ao movimento regressivo que leva Don Lope a integrar-se nas fronteiras da ordem e da reacção. De início posto à margem pela irmã (Família) e pela força oficial (Estado), porque recusa os rituais da Igreja e porque não abdica dos seus ideais libertários, Don Lope acaba por oferecer parte dos seus bens à esmola pública, acaba por casar na Igreja e receber à mesa, agora confortável e recheada, a voracidade alegre dos curas locais.

Objecto de uma interdição de que o seu pai-amante extrai uma densa satisfação, Tristana depressa aprende que o desejo exige da sua experiência pessoal a violação de todas as regras que lhe são impostas pelo puritanismo (exemplo: cena em que os amantes são censurados por se beijarem na rua). Assim, Tristana recusar-se-á a casar com o homem que ama: se o casamento é o pior inimigo do erotismo é justamente porque organiza a sexualidade dentro de um esquema institucional que a torna lícita, logo casta. Quem não se engana é o padre confessor de Tristana que a aconselha a casar com o tutor precisamente para santificar uma situação até então pecaminosa. Não se engana mas não compreende Tristana, como não compreendeu o filme, creio bem, quem nele não viu a mais implacável das lutas contra a pornografia.

Luta implacável, disse eu, porque o regresso de Tristana a casa do pai-amante mais não é do que o encontro decisivo com as armas por ele escolhidas: um duelo de morte.

Jovem inventou história de violência

A jovem Gracinda da Conceição Piedade viu ontem, pela primeira vez, o seu nome em letra de forma. A notícia, enviada de Azeitão, para a redacção dos jornais, tinha o seu quê de sensacionalista. Desaparecera de casa durante quase dois dias e, ao regressar, parecia em estado de choque, incapaz de dizer palavra. Mais tarde, já no hospital de Azeitão, onde ingressara para ser observada, a Gracinda contaria uma história rocambolesca: A caminho de Sesimbra, teria sido drogada e violentada. Fomos saber da verdade dessa história. E aqui está o que apurámos.

Chegados ao pequeno hospital de Azeitão uma simpática enfermeira levou-nos junto da jovem. A Gracinda lá estava, metida num catre, aguardando que a família a fosse buscar. Ao ver-nos entrar, deitou-nos um olhar assustado. Tranquilizámo-la: Não eramos da polícia, queríamos apenas que nos falasse da sua história. Embora com dificuldade de expressão lá nos contou a sua **aventura.** Que tinha saído de casa às três e tal na tarde de anteontem, para comprar fósforos, a mandado da irmã, a sra. Elvira de Lurdes da Conceição Piedade Bartolomeu, em cuja casa vive na Quinta do Porto da Vila, Aldeia de Irmãos. Que não sabe o que lhe passou pela cabeça, pois em vez de ir ao recado que a irmã lhe ordenara, resolveu dirigir-se à Ponte da Apostiça, ali perto, disposta a apanhar a camioneta que a levasse a Sesimbra.

— E que ia você, fazer a Sesimbra? - inquirimos.

Encolhe os ombros, perdida no seu espanto.

— **Sei lá** - respondeu-nos.

— **Ia passear...**

E prossegue no seu relato: Quando esperava a camioneta na Ponte da Apostiça, surgiu um carro branco, pequeno, (não sabe dizer a marca) com um senhor ainda novo, que a convidou a subir, dizendo-lhe que a levaria a Sesimbra. Ela aceitou e entrou no carro. O senhor novo e simpático começou a falar com ela, e, em dada altura, tirou do bolso duas pastilhas e ofereceu-lhas:

— Tome. Isto vaz bem ás pessoas - teria dito o condutor.

A Gracinda diz ter engolido as pastilhas sem pestanejar, sentiu-se estonteada, sem forças, alquebrada. Depois... só se lembrava que o sr. do carro branco a tinha deixado no sítio de Santana, bastante longe de casa, e que nem soubera como pudera regressar. Mas não se recorda de que aconteceu entre a Ponte da Apostiça e Santana.

A Gracinda é filha de gente pobre. A mãe trabalha no campo, o pai é pedreiro e gosta de se meter na pinga. Eram sete irmãos, três dos quais casaram. Ficou a Gracinda e mais três irmãos: um de dez, outro de cinco e outro de dois. Mau passadio, um ambiente que não agrada a ninguém e menos à Gracinda que é uma jovem de imaginação viva e algo intempestiva - o que não impede que seja considera uma excelente rapariga. Um cunhado que mora perto feitor de profissão, resolveu trazê-la para sua casa. Sempre estaria melhor que com os pais. Mas a vida tem coisas que a Gracinda ainda não sabe encarar. De repente apresentam-lhe um rapaz e dizem-lhe que vai casar.

A pequena já nos confessou que não gosta dele. Para desobedecer ao cunhado e á irmã, teria de voltar para casa dos pais, que é uma coisa que a aflige. Estabeleceu-se nela o pânico da situação. Como sair dele? Muito simplesmente, desaparece de casa, talvez para afligir a irmã com uma hipótese de suicídio. Talvez...talvez nem ela saiba para quê. Mas pensa que isso a ajudará a resolver o problema. Chama a atenção das pessoas, terá aliados, quer dizer, um pocuco da ternura que decerto nunca teve. Mas vem a noite, o medo de se sentir tão só, a aventura tem de acabar. No outro dia, ou seja, hoje, quer voltar para casa, mas receia ser castigada. E então inventa uma história para que se apenem dela e não a castiguem. Não calculou, naturalmente, as repercussões inesperadas dessa história. E quanto a mim, a verdadeira história está, toda ela, no íntimo de Gracinda.

A GNR de Azeitão estivera nas buscas para encontrar a Gracinda. Dirigimo-nos ao posto.

— **Se os senhores quiserem esperar um pouco eu vou chamá-la aqui na presença do cunhado e da irmã, e talvez saibamos a verdade num momento** - diz-nos aquela graduado da GNR.

E assim foi. A Gracinda veio ao posto da guarda e tudo se aclarou. A história do senhor do carro branco, da boleia inesperada, das pastilhas, só aconteceram na sua imaginação exaltada pelo medo do castigo. Ela tinha pensado, talvez, fugir de casa, para não ter de casar com o noivo que, lhe impunham. Às tantas, como não tivesse coragem de levar àvante o seu plano, voltou para Azeitão. Passou a noite numa pocilga, perto de casa, receando o cunhado e a irmã, que, na realidade, nem pensavam em castigá-la.

Entretanto, conseguimos que a Gracinda nos confidenciasse:

— **Quero ir trabalhar para Lisboa. Já fui empregada doméstica em Sesimbra, durante dois anos e tenho alguma prática. Se arranjasse uma casa séria e de boa gente que me quisesse...Eu nem pedia muito ordenado. Não posso é continuar a viver aqui. Não posso...**

Gracinda de olhos escuros, os teus 16 anos são uma esperança. A vida é dura, mas aprenderás com ela que a felicidade se alcança lutando. Nada de histórias rocambolescas.

Afinal, o drama da Gracinda, de Azeitão é igual ao drama de muitas outras jovens. Que também pensam que uma fuga resolve todas as angústias com que uma vida de pobreza e de incerteza as marcou. E aqui damos por terminada a história da menina pobre de Azeitão sem drogas, nem violações. Para a completar, bastará afinal, um pouco de ternura e compreensão.

JOSUÉ DA SILVA

Companhia Portuguesa de Electricidade — CPE

S. A. R. L.

CAPITAL: 5 700 000 CONTOS

Sede
Rua de Sá da Bandeira, 567
PORTO

Estabelecimento Central
Avenida Infante Santo, 15, 1.°
LISBOA

1.ª EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES CONVERTÍVEIS EM ACÇÕES

RATEIO

A subscrição das 250 000 obrigações convertíveis em acções — 200 000 para os accionistas e 50 000 para o público — atingiu 306 017 obrigações.

Deste modo, tornou-se necessário proceder ao rateio, o qual será efectuado mediante a aplicação das percentagens que constam dos seguintes quadros:

SUBSCRIÇÃO RESERVADA A ACCIONISTAS	
Obrigações subscritas sujeitas a rateio	Percentagens a aplicar (arredondamento por excesso)
1 a 10	70%
11 a 500	60%
601 a 1 000	55%
1 501 em diante	53,43%

SUBSCRIÇÃO RESERVADA AO PÚBLICO	
Obrigações subescritas	Percentagens a aplicar (arredondamento por excesso)
1 a 10	70%
11 a 520	60%
601 a 1 000	55%
1 501 em diante	54,4%

Os subscritores de obrigações reservadas ao público poderão a partir de 1 de Maio p. f. proceder ao levantamento das importâncias respeitantes às obrigações não atribuídas, mediante a apresentação das respectivas cautelas, nos estabelecimentos de crédito onde efectuaram as subscrições.

As cautelas definitivas referentes às obrigações atribuídas em rateio aos subscritores de obrigações reservadas a accionistas serão entregues pelos estabelecimentos de crédito onde foram efectuadas as subscrições, sendo o pagamento da 1.ª prestação efectuado juntamente com o da 2.ª prestação, de 15 a 22 de Maio próximo futuro.

——————//——————

Dá-se conhecimento de que, por comunicação da Direcção-Geral da Fazenda Pública, o Estado, depois de conhecer o resultado do rateio, deliberou pôr à disposição das pequenas subscrições o lote de obrigações convertíveis que lhe foi atribuído em consequência do exercício do direito de accionista nesta emissão.

Deste modo, todos os pedidos de subscrição até ao limite máximo de 10 obrigações que não foram integralmente satisfeitos com o rateio, podê-lo-ão ser desde que os seus titulares assim o declarem nos balcões onde apresentaram os pedidos iniciais, no período que decorre de 15 a 22 de Maio próximo.

As cautelas correspondentes à satisfação de tais pedidos são entregues dentro do mencionado prazo contra o pagamento de Esc. 1000$00 por obrigação.

Porto, 26 de Abril de 1972

O CONSELHO DE GERÊNCIA,

motor

MAIS UM NÚMERO
A VENDA
EM TODO O PAÍS

CONVERSAR É PRECISO; DESCONVERSAR TAMBÉM

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

O programa juvenil de ontem teve alguns defeitos. Um deles, talvez o maior, foi o de ser aborrecido. Uma total ausência de naturalidade, uma total incapacidade de comunicar com os telespectadores. É evidente que Jorge de Sena não pode considerar-se um poeta simples, por isso mesmo não é um poeta de que se possa falar a contra-relógio ou com algumas frases mais ou menos estereotipadas e sem qualquer justificação crítica («Jorge de Sena, depois de Fernando Pessoa um dos grandes poetas de Portugal...»)

Por outro lado, será aquele o Jorge de Sena que mais interesse agora dar ao público jovem da televisão, disperso por todo o país, alheio às questões de grandes cavalarias críticas? Não estarão os jovens de «Conversando» a sofrer de universidatite aguda que os encerra num círculo opressor, mais e mais limitado, mais e mais alheio da realidade? Assim como está, aquele grupinho de «Conversando» é um grupinho caricato: muito importantizado, muito solene, muito dentro do sistema...

Felizmente que eles próprios começam a ter consciência disso: procuram romper os seus limites, abrem concursos literários mas **«o principal não é o concurso: o principal é que venham cá, estejam connosco, leiam coisas»**.

Oxalá que sim. Que lá vão muitos, muitos jovens. Ler coisas. Dizer coisas. Mas com a boca toda, entendido? Com a alma toda, entendido? Sem nhã-nhãs, entendido? Sem bastidores nas palavras, entendido? Possa isto acontecer — e «Conversando» pode torse um programa vivo. Não aconteça isto — e «Conversando» vai conversando, vai morrendo. Ah, meus amigos, meus amigos, nunca se conversa muito se não «desconversarmos» um pouco...

O mesmo carácter de ligeireza presidiu à rubrica «Quinzena Juvenil», a cargo de Júlio Isidro, que se seguiu a «Conversando». Ninharia na ginástica, reduzida a imagens deslavadas; ninharia na esgrima, sem qualquer interesse; ninharia na promoção da prevenção rodoviária; ninharia - e isso aqui muito mais grave no mini-inquérito sobre o filme «O Recado», feito a correr. Assim não, assim não. Assim, os jovens agradecem mas não se incomodem, não se incomodem...

BENFICA NO ALGARVE

Novamente; à noite, o futebol. A hora é dele. As telespectadoras, apreciadoras das «Noites de teatro», vão sentir-se muito infelizes neste mundo sem amores, sem paixões, sem filhos a gritar com os pais, sem os pais a gritar com os filhos, sem intrigas (pelo menos muito visíveis) sem o Emílio Correia desfeito em lágrimas, sem o Gamboa das grandes tiradas. Aqui, no território do futebol, é tudo muito estranho para elas. 0 4-3-3, o fora de jogo, os cantos, as cargas fora de tempo, a saberem só que o Benfica tem de ganhar, mas não é pouco. No público adepto do futebol, só os homens morrem do coração.

O Benfica-Ajax, também eles agora, mas em gente mais miúda. Como novidade, para muitos telespectadores, os comentários a cargo de Manoel Caetano. Plenamente à vontade no reconhecimento dos atletas, com uma atenção poucas vezes traída, sem exageros no vício da locução radiofónica e sobretudo, com a preocupação permanente de manter uma posição crítica e independente a procurar as linhas de força do encontro. Manoel Caetano não fez lembrar **nenhum** dos habituais comentadores de futebol. Esforçou-se, ainda, aqui e ali, por conduzir o telespectador à compreensão de algumas situações próprias da modalidade e ao entendimento das qualidades e defeitos deste ou daquele jogador. Manoel Caetano soube, finalmente, ser calmo sem ser chato o que, nele, é verdadeiramente de surpreender. Conclusão, sua vocação é falar, não ler.

Em tempo, que bela acústica, no estádio de Faro! Os pontapés soavam como tiros. Bom local para ópera ao ar livre.

A FEDERAÇÃO ESCLARECE

Da Direcção da Federação Portuguesa de Andebol e com o pedido de publicação recebemos o seguinte esclarecimento que muito garbosamente, e em seguida, damos.

«Nova Mesa-Redonda em Momento Desportivo. Tema. O congresso organizado pela Federação Portuguesa de Andebol de Sete. Presentes, o presidente desta Federação, o presidente da Federação de Hóquei em Patins e o Advogado Silva Resende... etc.

Assim, cumpre-nos esclarecer.

1 — Só existe uma Federação comum para Andebol de Sete e de Onze.

2 — O Sr. José Araújo Machado não é presidente desta Federação nem ocupa qualquer cargo na mesma.

3 — Até ao momento não tem a Direcção da Federação Portuguesa de Andebol quaisquer conhecimentos oficiais sobre a elaboração de novos estatutos.

Com os nossos melhores cumprimentos, apresentamos a V. Exa. cordiais

Saudações Desportivas

CONGRESSO DE FUNDIÇÃO

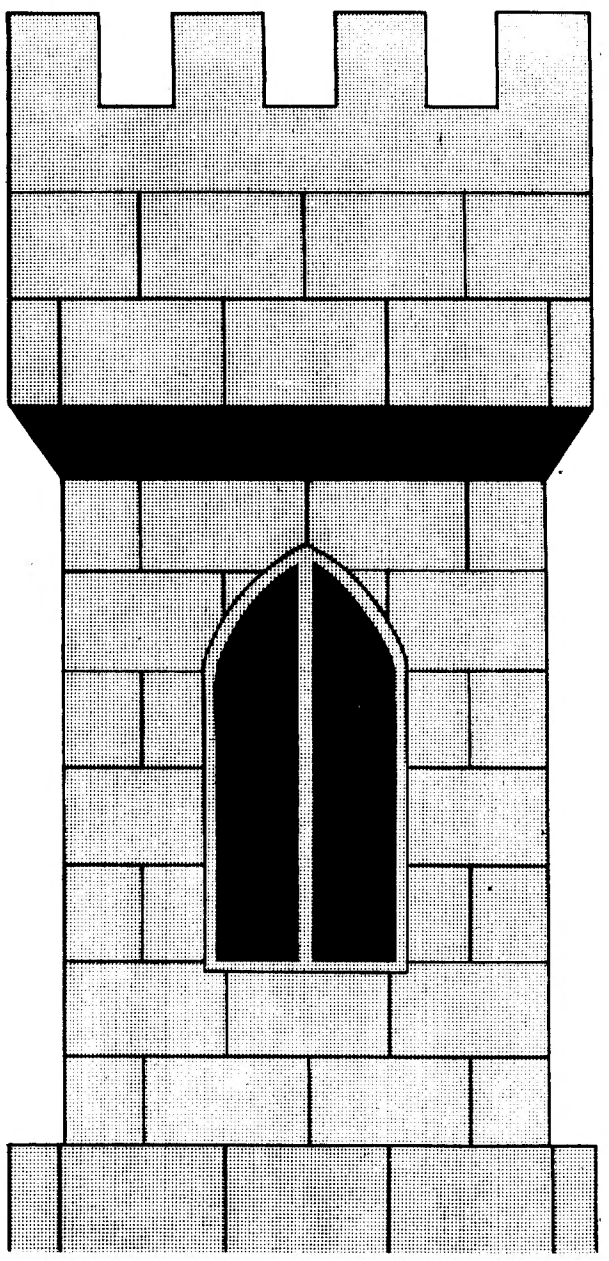
Decorre nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, com a presença do Secretário de Estado da Industria, eng. Rogério Martins, o 4º Congresso Nacional de Fundição que decorrerá até ao próximo dia 29.

Simultâneamente, realizár-se-á, também nas instalações da FIL, a 3ª Exposição Internacional de Fundição, na sequência de outras iniciativas congéneres, levadas a cabo em 1965 e em 1969.

O SEU LAR TORNA-SE O SEU CASTELO

COM A AJUDA DO CRÉDITO INDIVIDUAL.

Podemos dar-lhe uma mão no arranjo do seu lar.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

José Afonso e Adriano mais uma vez na "Orfeu"

Conforme noticiámos oportunamente, José Afonso renovou o seu contrato de gravação com a firma Arnaldo Trindade e C.ª Ld.ª numa altura em que muito se especulava já a propósito de uma possível transferência. Pois não foi caso único: Adriano Correia de Oliveira, que foi pràticamente dado como certo noutra etiqueta, voltou a assinar contrato com a mesma empresa, pelo processo que sempre utilizou com Arnaldo Trindade: um aperto de mão. Ponto final, pois, num assunto que fez correr muita tinta e deu muitas dores de cabeça a muita gente. Em breve, segundo nos informam, se iniciarão os trabalhos de gravação de novos discos, do Adriano e do Zeca para a mesma editora, à qual estão há muito, ligados.

Um aspecto da sala do curso

PROMOÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL NA ATLANTIC

Num dos salões da Associação Industrial Portuguesa, tem estado a decorrer um Seminário de aperfeiçoamento da rede de vendas da «ATLANTIC» - Fábrica Lusitana de Tintas e Vernizes, Lda.

Nos trabalhos participam mais de duas dezenas de vendedores de todos os pontos do País. O objectivo fundamental deste Seminário a cargo da CETEL - Bernad Krief a ptomoção técnica e profissional dos quadros de vendas da Atlantic cuja expansão cobre todos os pontos do território nacional.

O Seminário termina hoje com um jantar de convívio, com a presença da administração da Atlantic, assim como de elementos representativos do pessoal comercial e técnico.

PACO BANDEIRA a caminho do LP

Alentejano de Elvas, 26 anos, meteòricamente popularizado com «Oh Elvas, Oh Elvas, Badajoz à Vista!», Paco Bandeira grava nos Estúdios Valentim de Carvalho um novo trabalho, com Pedro Osório.

«Estamos a gravar um Estava previsto lançarmos já um «long-Play», mas por necessidade de produção, sem muitos intervalos de tempo (um LP é bastante demorado de fazer) editamos este de quatro canções. Aliás, temos em vista o mercado espanhol. E, sendo assim, gravo cá e vendo lá. Tenho duas canções em espanhol e duas em português. Todas de minha autoria, música e letra. Mas não sei ainda se incluirei neste EP um poema de Antunes da Silva, «Mensagem». Tenho comigo os livros deste meu conterrâneo e tenciono aproveitá-los para o meu trabalho. Funciono em conjunto com o Pedro Osório que orquestra as minhas canções».

Os nomes das canções deste disco?

«Os títulos não interessam. Os títulos são rótulos. Além disso, não sei os nomes que vou dar a estas canções. Temos o tal EP a seguir, masmtodo ele será inédito. Não acho bem que se incluam nos LP, as canções já conhecidas em «singles» e EPs. Acho que se engana o público desse modo, embora saiba ser esse um método usual. Um LP deve ser todo um trabalho novo e original. E tenho já muito mateiral para um. Quanto ao resto de minha vida musical, são actuações em espectáculos e o que for vindo. Sou um profissional e tenho de comercializar o que sei melhor fazer».

Para já, um lançamento em Espanha.

«Tenciono lançar este disco também em Espanha. Já tenho os contactos estabelecidos com gente de lá. Eles querem reeditá-lo, numa sua etiqueta. Mas não sei. Depois se verá, consoante a qualidade técnica com que o disco ficar. Espanha é um dos melhores mercados do mundo.

Como encara o estado actual da canção portuguesa?

«A guerrilha que se tem desenvolvido, favorece bastante a nossa canção. Toda esta agitação tem o condão de indicar ao público um gosto mais selectivo. Estes movimentos de contestação têm favorecido o meio e até eu tenho lucrado com isso, atendendo ao género que canto. Vai-se verificando mais colaboração entre artistas e maestros. Mas a crítica devia ser menos dogmática em destruir...

O que falta atingir é uma unidade completa entre nós, os da música. De um modo geral só os maestros sabem o que é bom ou mau. Os artistas não sabem nada quanto a isso.a maioria deles, claro. Isto de compôr e contar, é uma profissão. Temos o instinto de não ficar para trás e fazer o nosso melhor. É preciso, sobretudo, conquistar o mercado estrangeiro. Eu alinho com os movimentos de renovação da nossa canção, surgi com eles e sinto-me, até certo ponto, participante. Tudo vai melhorar como consequência destas guerrilhas...

Ainda o EP.

«Os músicos contratados, que são sempre os mesmos das nossas orquestras e que deambulam pelos agrupamentos ligeiros, são caros. E está certo que se façam pagar bem, uma vez que necessitam de biscatos à toa para viverem condignamente. Portanto eu e o Pedro Osório, dispensamo-lo. Eu e o Pedro fazemos pràticamente o disco todo. Eu e ele tocamos vàrios instrumentos e quase dispensamos a intervenção de outros músicos. Este disco estará à venda em meados de Maio. Mas o nosso objectivo principal é o LP e estamos a trabalhá-lo com muito cuidado. Vai sair coisa boa. Já gravei cinco discos em Portugal e dois em Espanha. Comecei com umgénero piroso e depois evolui. Geralmente cá começa-se pelo trabalho e depois vêm todos parar cá abaixo. Eu comecei pelo princípio que era muito mau e piroso (repito) e tenho vindo a melhorar. Vou-me aperfeiçoando, quer quanto a música, quer quanto a letras. O certo é que o meu lema é a evolução».

Como compreende o seu êxito popular?

«Vendo em média mais de 10000 exemplares de cada disco. Normalmente, um bom artista não vende mais de mil, exceptuando a Amália e o Zeca Afonso, e pouco mais. «O «Oh Elvas, Oh Elvas, Badajoz à Vista», já atingiu cerca de 30000 de venda. E estes meus 10000 regulares de venda, não são exagero nem gabarolice. O que ganho nos discos vendidos quase que me dava para viver. Há dias convidaram-me para actuar no teatro, num espectáculo que vai ser levado brevemente à cena. Pagavam-me dezoito contos por mês com duas sessões de trabalho diárias. Não aceitei. Para quê, se faço uma actuação em público e cobro, por cada, dez contos? Com dois espectáculos desses, ganho e mesmo e posso ficar vinte e oito dias de papo para o ar. Não é assim?

É assim, sim senhor, Paco Bandeira. É mesmo assim. Dez mil escudos por cada actuação são obra. Depois da Amália e do dr. José Afonso.

Luís Miguel Dominguin: dificuldades em Itália

A Sociedade Protectora dos Animais de Itália está resolvida a fazer gorar os planos do matador de touros espanhol Luis Miguel Dominguin de realizar quatro touradas em Verona, a cidade de Romeu e Julieta.

As touradas não se realizariam em Verona ou em qualquer outra parte de Itália visto as corridas de touros estarem proibidas nos termos das leis italianas, preveniu a noite passada aquela sociedade.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Florência C. Dias, Rua Elias Garcia, 126 - CACÉM

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

2.º PRÉMIO

28819—420 CONTOS

Vendido pelo feliz Cambista TESTA

Número certo recebido directamente da Santa Casa da Misericórdia

Habilite-se aos 8 000 contos da lotaria comemorativa da descoberta do Brasil

Bilhetes a 400$00 — 1/8 a 50$00

Pelo Correio mais 3$50 para registo

JOGUE NO TESTA

E TERÁ FESTA!...

74, RUA DO ARSENAL, 78

LISBOA-2

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES

(Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortavel de lisboa

DE TERÇA A SÁBADO às 21 h. e às 23 h.

DOMINGO ÀS 16 H. E ÀS 21.45 HORAS

Segundas-feiras descanso da companhia

O Tartufo

RAUL SOLNADO

e a sua Companhia com

FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"

DIVERTIDÍSSIMO !!!

M/18 anos

327493 TEATRO CAPITÓLIO

D. M/18 anos

HOJE

À NOITE: 21.45 H.

Amanhã 2 sessões 20.45 e 23 h.

A CASA DE BERNARDA ALBA

Sobre o texto de Frederico Garcia Lorca

UM DOS MAIORES ÊXITOS DA TEMPORADA PELA

★ COMPANHIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO ★

Domingo: ULTIMO DIA às 16 e 21.45 h.

TEATRO • tel 326037 "VARIEDADES"

VASCO MORGADO APRESENTA

DE RAY COONEY E JOHN CHAPMAN

GRUPO D

(Maiores de 18 anos)

HOJE E AMANHÃ

2 SESSÕES

20.45 e 23 h.

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO

GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS EM ÉVORA

Maiores de 6 anos

Domingo 30 de Abril de 1972

Pelas 17 horas

Grandiosa Corrida, concurso de ganadarias, organizada pela Tertúlia Tauromáquica Alentejana e em que serão lidados 6 toiros das mais afamadas ganadarias pertencentes aos **Srs. António José Teixeira, Joaquim Grave, Sociedade Agrícola Rio Frio, José Infante, Irmãos Vinhas** e **Conde Cabral**

3 CAVALEIROS

MANUEL CONDE, JOSÉ CORTES e MESTRE BATISTA

Grupo de Forcados Amadores de Évora

Preços: Sombra desde 90$00 — Sol desde 40$00

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS

Com 3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização

Preço: desde 550 contos

Próprio: JOAQUIM BARAONA

Escritório: Avenida Valbom, 28-1.º — Telef. 282345 CASCAIS

Informa pelo telefone 289957 aos sábados e domingos à tarde

ALBERTINA ADÉLIA GOMES FERREIRA GALRÃO DA COSTA CASANOVA

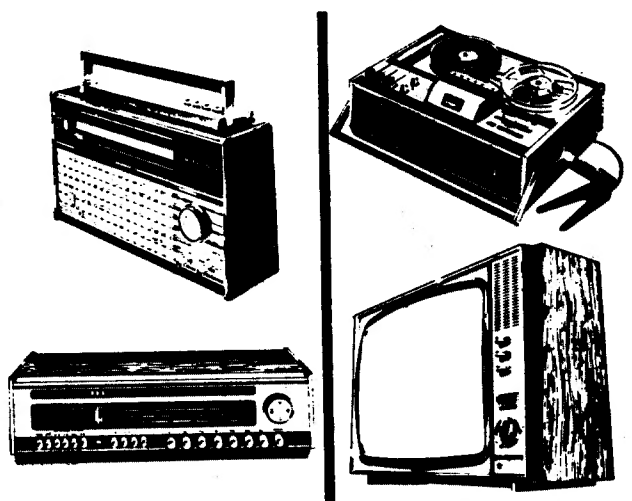
Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Augusta Regina da Costa e Sousa Freire de Moura Guedes, seus filhos Afonso de Sousa Freire de Moura Guedes, sua mulher e filhas, Justino de Sousa Freire de Moura Guedes, Maria Tereza de Sousa Freire de Moura Guedes Outeiro Pereira seu marido e filhos, Rui de Sousa Freire de Moura Guedes, sua mulher e filhas, Carlos Manuel de Sousa Freire de Moura Guedes, Maria Casanoya da Silva sua mulher e filhos, Maria Inês Casanova da Silva Antero, seu marido e filhas, Maria Rita da Costa e Sousa Leote e seu marido, António José da Costa de Sousa Cardoso de Oliveira, sua mulher e filhos, Maria da Graça da Costa e Sousa Cardoso de Oliveira Bonfigli, seu marido e filhos, Laura Amélia Gomes Ferreira Galrão da Costa Gameiro e demais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, avó, bisavó, irmã e parente e que o funeral se realiza amanhã às 11 horas saindo da Igreja de S. João de Deus para cemitério do Lumiar. Às 9.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO
TELEF. 534167

GRUNDIG



GRANDIOSA CAMPANHA

SUPERMANOS
Largo do Mastro, 3-9 - Lisboa

NOVALIS
Av. Almirante Reis, 21B-Lisboa

MUNDILAR
Rua 1.º de Maio, 138-Lisboa

Vendas em 36 prestaçoes
Sem entrada - Sem fiador
TV GRUNDIG '72
a qualidade... e a forma perfeita

Manuel d' Almeida

Missa do 30.º dia e agradecimento

Sua família participa que amanhã dia 29 pelas 9 horas no Altar-mor da Igreja de S. João de Deus será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto. Aproveita a oportunidade para agradecer muito reconhecidamente a todos o que o acompanharam à sua última morada e bem assim áqueles que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, não o fazendo directamente por desconhecimento de alguns endereços.

P.N.A.N.

AGÊNCIA SALGADO

MARIA DO AMPARO GAMA REIS PEREIRA D' ALMEIDA E SEUS FILHOS, OS MENINOS GIL E JOSÉ

PARTICIPAÇÃO
MISSAS DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Alexandre Lopes d' Almeida e seu filho Alexandre; Augusto da Gama Reis Pereira e Celeste de Sá Pereira; Alexandre d'Almeida; Mário de Sá Gama Reis Pereira, sua mulher e filhos; Carlos de Sá Gama Reis Pereira, sua mulher e filhos; Maria Cecília d' Almeida Feio; Gil Lopes d' Almeida; Regina de Sá Pereira; Dinora de Sá Pereira Perry Vidal e seus filhos; Octávio de Sá Pereira e sua mulher e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento dos seus muito queridos mulher e filhos; mãe e irmãos; filha, nora e netos; irmã, cunhada e sobrinhos; tia e primos; sobrinha e sobrinhos-netos e parentes; e que amanhã dia 29, serão celebradas missas pelo eterno descanso da sua Alma às 9 horas na Igreja Matriz do Luso; às 10.30 horas na Igreja de S. Domingos, em Lisboa; às 12.30 horas na Igreja de N.ª Sr.ª da Encarnação (ao Chiado), em Lisboa, e às 11 horas na Capela do Palace Hotel da Curia, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a estes piedosos actos, assim como a todos os que os acompanharam no doloroso transe.

P.N. A.M.

MONTEMOR-O-NOVO

Festival taurino

No dia 7 de Maio, domingo, às 16 e 30, realiza-se na praça de toiros de Montemor-o-Novo, um festival taurino organizado pelo Hospital Infantil de S. João de Deus, revertendo a receita a favor da obra de recuperação da criança deficiente motora, mantida por aquele estabelecimento hospitalar.

Actuarão os cavaleiros Gustavo Zenkl, Frederico Cunha e João António Moura; os toureiros Diamantino Viseu e Armando Soares; o matador José Manuel Pinto, vários bandarilheiros e o Grupo de Forcados Amadores de Evora.

Serão lidados toiros das ganadarias dos srs. António José da Veiga Teixeira, Sociedade Agrícola Pecuária de S. Estêvão, António Antunes Barbeiro, António Charrua, Prudêncio da Silva Santos e eng.º Alberto Xavier.

S. JOÃO DA MADEIRA

Conferência

O deputado dr. Manuel José Homem de Mello proferirá, amanhã, às 21 e 30, no salão nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de S. João da Madeira, uma conferência sobre o tema «Coordenadas de uma política externa», seguida de colóquio.

Necrologia

D. Albertina Adélia Gomes Ferreira Galrão da Costa Casanova

Faleceu a Sr.ª D. Albertina Adélia Gomes Ferreira Galrão da Costa Casanova de 86 anos de idade, natural do Livramento-Maviúva. A extinta era mãe das Sras. D. Augusta Regina da Costa e Sousa Freira de Moura Guedes e D. Maria Inês de Sequeira da Costa Casanova. Deixa ainda 10 netos e 21 bisnetos. O funeral a cargo da AGÊNCIA MAGNO realiza-se amanhã às 11 horas saindo da Igreja de S. João de Deus para cemitério a determinar.

ÁTICA
EDITORES
LIVREIROS
Rua Alexandre Herculano, 17-A
Lisboa-2

SERRA MÃE
Poemas de
SEBASTIÃO DA GAMA
4.ª edição — 45$00
Colecção Poesia
Para Sebastião da Gama, qualquer parcela de beleza pode servir de motivo a um poema

RAPARIGA
Romance de
ESTHER DE LEMOS
Prefácio de António Ferro
2.ª edição — 75$00
Um retrato sempre actual e verdadeiro da geração que chega à vida

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37
AMADORA

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

HOJE
AS 21,45 H.
GRUPO B — M/10 ANOS

DOMINGO, 30 DE ABRIL
ÀS 18 H.
GRUPO A — M/6 ANOS

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
MAESTRO:
Manuel Ivo Cruz
SOLISTA:
Domingos Taneco
(TROMPETE)
PROGRAMA
ABERTURA «CONDESSA CAPRICHOSA»
Marcos Portugal
CONCERTO PARA TROMPETE
Haydn
SINFONIA N.º 5
Tchaikowsky

BILHETES DESDE 12$50

acerola diese
VITAMINA C NATURAL EM CÁPSULAS
•indispensável ao fumador•
• em embalagens portáteis de 80$ •
alimento diese
à venda em todos os supermercados e boas casas de alimentação

ULTRALAR
PRAÇA DE LONDRES, 7-A

SÓ HOJE E AMANHÃ
DAS 21 ÀS 24 HORAS

convite

assista à demonstração prática das novas máquinas de lavar SIEMENS — e venha beber connosco uma chávena de bom café.

Eleição da Princesa das "Teen-Agers" Portuguesas - 1972

"Charme" e passaporte

Pelo quinto ano consecutivo o «Diário de Lisboa» vai organizar a eleição da princesa das «Teen-Agers», iniciativa que de ano para ano tem vindo a conquistar a atenção do público, especialmente das camadas jovens. Ficou bem patente nas edições anteriores o nível geral da grande percentagem das concorrentes e que, relativamente à idade de uma, permite incluí-las entre os grupos mais válidos da juventude portuguesa.

Até ao fim do mês e durante os primeiros vinte dias de Maio continuam abertas as inscrições. Para tanto, basta preencher o cupão que diáriamente publicamos e envia-lo ao «Diário de Lisboa», acompanhado de duas fotografias uma de busto e outra de corpo inteiro.

Haverá depois uma primeira selecção destinada a apurar um certo número de participantes e desse grupo sairá finalmente aleita a Princesa. A vencedora participará em seguida na eleição da Princesa Mundial das Teen-Agers que se realizará em Munique-Alemanha.

Exige-se um pouco de simpatia, juventude, beleza e cultura. Concorra e poderá conviver com outras jovens, receber prémios fascinantes e sobretudo conhecer um país diferente e jovens de todo o mundo.

CONDIÇÕES PARA CONCORRER

- **Ter nacionalidade portuguesa**
- **Não ser nem ter sido casada**
- **Ter14 anos feitos no dia 10 de Julho e não completar 19 anos antes do mesmo dia 10 de Julho.**
- **Enviar o boletim de inscrição, acompanhado de uma foto de busto e outra de corpo inteiro.**

cupão de inscrição N.º____

NOME

MORADA TELEF.

LOCALIDADE

DIA DO NASCIMENTO DE DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa 1

DL

Ribatejo, Sol e Touros

30 DE ABRIL — ALMEIRIM

ASSISTA A UMA TOURADA À PORTUGUESA, DEPOIS DE UM «PETISCO» EM PLENA LEZÍRIA, DA ESTADA EM SANTARÉM E DE TER PARTICIPADO NUM ALMOÇO REGIONAL, DURANTE O QUAL SERÁ APRESENTADO UM RANCHO FOLCLÓRICO LOCAL

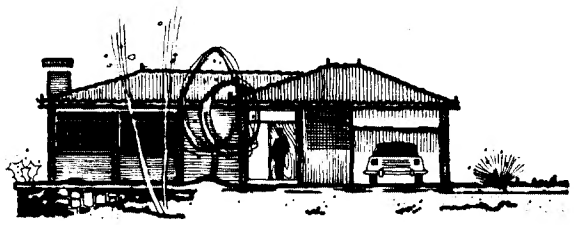
MAIS UMA ORGANIÇÃO

WASTEELS EXPRESSO

PEÇA PROGRAMA DETALHADO E INSCREVA-SE NA AV. ANT. AUG. AGUIAR, 88 - C — TEL. 42185/6/7 OU R. CAM. DE FERRO, 82 - C — TEL. 868588/9 OU, AINDA, NÁ SUA HABITUAL AGÊNCIA DE VIAGENS

PARA PRÉDIOS

OU PARA



A SUA MORADIA

VENDEMOS-LHE LOTES DE TERRENO APROVADOS, NA NOSSA URBANIZAÇÃO* EM:

QUELUZ DE BAIXO

* PROJECTOS APROVADOS
ARRUAMENTOS
ABASTECIMENTO DE ÁGUA
ESGOTOS
ENERGIA ELÉCTRICA

INTERCONSULTA, LDA.

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 71-1º, LISBOA-1. (TEL. 531235-531892)

UMA VIDA PODE FICAR MARCADA
QUANDO TUDO SE PROCESSA DE UMA FORMA
A QUE ESTAMOS POUCO HABITUADOS...

O BAILE DO CONDE DE ORGEL

com
JEAN CLAUDE BRIALY
SYLVIE FENNEC
BRUNO GARCIN
e MICHELINE PRESLE
um filme de
MARC ALLEGRET
COLORIDO

HOJE

ESTREIA NO ALVALADE

ÀS 21,45

EXCLUSIVOS TRIUNFO

GRUPO D 18 ANOS

Notícia de LIVROS

TORQUATO DA LUZ

PORNOGRAFIA

Os diversos aspectos do impacto da pornografia sexual na sociedade contemporânea são analisados no livro «Sexo, Sociedade e Pornografia», um volume organizado por Terêncio Figueiroa e agora publicado pela Arcádia, na sua colecção «Ponto de Mira».

• O livro inclui um extracto do relatório da Comissão Presidencial dos Estados Unidos para a Obscenidade e a Pornografia; o relatório divergente de um membro da mesma comissão; uma declaração do presidente Nixon sobre o assunto; um capítulo dedicado a ilações da experiência inglesa e, finalmente, uma breve panorâmica portuguesa.

CARDOSO RICO CARDOSO POBRE

A Editorial Estúdios Cor publicou o livro de contos e novelas de Franco de Sousa intitulado «Cardoso Rico, Cardoso Pobre», a reprodução de uma Lisboa colectiva e individual que escorre nos cafés, nos empregos, nas casas de hóspedes, na teia sufocante dos vizinhos.

Pela óptica de uma crítica humanizada, quase enternecida, sem virulências panfletárias, Franco de Sousa é, com «Cardoso Rico, Cardoso Pobre», na panorâmica de um realismo crítico, o autor mais próximo dos heróis que cria. Como disse Mário Sacramento, «Franco de Sousa sabe narrar. E criar ambientes, concretizar situações, erguer personagens. O seu estilo é fluente, macio, e adere à história como uma epiderme. A acção desenrola-se com nitidez, com elegância, com solenidade».

GUILHERME

«Guilherme Cumpre o Seu Dever» é um livrinho para jovens, de Richmal Crompton, agora publicado pela Editorial Estúdios Cor. Em tradução de Ana Maria Rabaça, inclui três belos contos: «Guilherme cumpre o seu dever», «Guilherme, ladrão de estrada» e «Coisas de rapazes». As ilustrações, convencionais, são de Thomas Henry.

artes plásticas

COLAGENS DE FLORES

Está patente ao público, numa das salas do Palácio Foz, uma exposição de colagens de flores naturais da artista Maria do Carmo de Almeida.

CERÂMICA EM LEIRIA

LEIRIA - Na galeria da sede da Comissão Regional de Turismo desta cidade, está patente ao público uma exposição de cerâmica, constituída por 30 trabalhos do escultor Francisco Lagarto.

EXPOSIÇÃO DE FERNANDES DA SILVA

Na Sociedade Nacional de Belas Artes, é inaugurada hoje, ás 22 horas, uma exposição de pintura do artista Fernandes da Silva, que estará patente ao público até 7 de Maio, das 14 ás 20 horas.

Um dos trabalhos do pintor Fernandes da Silva

Recebemos na nossa redacção as seguintes publicações:

«A Cooperação», n.º 192.

«Canada Courier», número 9, volume 9.

«Asian Outlook», número 12, volume 6, e número 1, volume 7.

«Infância e Juventude», n.º 68, de Outubro a Dezembro de 1971.

«Opinião», n.º 1, III série, Março de 1972.

«Boletim cultural da Guiné Portuguesa», n.º 103, volume XXVI.

«In via», n.º 13.

«Asea», de 1971.

«Notícias da África do Sul», n.º 304.

«Cel Cat», boletim n.º 42.

«Menina e moça», n.º 279.

«Casa de repouso dos motoristas portugueses-Inválidos do volante», relatório e contas de 1971.

«Mundo motorizado», n.º 349.

«Formel Vau», jornal oficial da Associação Europeia de Fórmula V. de Maio de 1971 a Janeiro de 1972.

«Câmara Municipal de Espinho», relatório e contas de 1971.

«Ministério das Obras Públicas», boletim da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, n.º 1, de Janeiro.

«Revista BP», n.º 1, ano XVI, Janeiro/Março.

«C B», n.º 48, de Março.

«O árbitro», n.º 177, de Março.

«Asilo de D. Pedro V», relatório e contas de 1971.

«CFM», boletins de Outubro e Dezembro de 1971, da Direcção dos Serviços dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique.

«Banco Português do Atlântico», relações económicas com a Itália, conferências e conclusões (IV encontro).

«Conselho Regional do Porto da Ordem dos Engenheiros», relatório e contas do ano de 1971.

«Polícia Portuguesa», n.º 208.

«Inválidos do Comércio», n.º 12, de Fevereiro.

«Laboratório de física e engenharia nucleares», «Rotational properties of the 25 Mg doublet at 2,7 MeV», por M.G. Figueiredo Dias, M.F. da Silva e C. M. da Silva.

«Detenção por dívidas às Caixas de Previdência», por Durval da Fonseca Ferreira.

«O condicionalismo bancário português no apoio ao desenvolvimento industrial», por Vasco Vieira de Almeida.

«A tese subjacente à peça «Antepassados vendem-se», de Joaquim Paço de Arcos», por Cruz Malpique.

«Comércio Português», números 271 a 278, de 1970-1971.

«Mutual-Companhia de Seguros», relatório e contas de 1971.

«Lisnave», n.º 74, de Fevereiro.

«RM», n.º 420, de Fevereiro.

«Os Transportes», n.º 579.

«Mundo da Canção», n.º 27.

O REINO FLUTUANTE
de
Eduardo Prado Coelho
(EXERCÍCIOS SOBRE A RAZÃO E O DISCURSO)
Onde se fala de:
Nova Crítica — Humanismo e Ideologia — Estruturalismo — Magalhães Godinho — Roland Barthes — Mário Sacramento o neo-realismo — Eduardo Lourenço — Óscar Lopes — Casais Monteiro — Eugénio de Andrade — Fernando Echevarria — Fiama Brandão — Gastão Cruz — Mourão Ferreira — Gilles Deleuze — João Cabral de Melo Neto
COLECÇÃO "SIGNOS" Volume de 320 págs — 75$00
EDIÇÕES 70 Avenida Duque d'Ávila 69-1.E-Lisboa
Dist. Livraria Quadrante
Av. Luís Bivar, 85-C
Telef. 53 37 66 LISBOA

Concurso: Os 20 pontos Hertz
para a sua segurança

Num carro
há 20 pontos essenciais
para a sua segurança e conforto

A Hertz verifica
sempre 19
o 20º é você

Este é o tema de uma batalha que a HERTZ trava há longos anos...
Se Você está de acordo com ela, participe no Concurso que a **HERTZ,** com a colaboração da **GENERAL MOTORS** e o apoio técnico da **PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA,** organizou para si. Claro que não precisa ser cliente da HERTZ ou proprietário de um carro GM (quer ele seja um Opel ou um Vauxhall). Precisa apenas demonstrar que na cidade ou na estrada Você conduz o seu carro (ou o que alugou à HERTZ) com **prudência** e **segurança,** e **ganhará:**

1.º Prémio* – Um carro HERTZ à sua disposição (onde quer que esteja) e **1 semana** num hotel de Ofir (para duas pessoas).
2.º prémio* – Um carro HERTZ à sua disposição (onde quer que esteja) e **4 dias** num hotel de Ofir (para duas pessoas).
3.º prémio* – Um carro HERTZ à sua disposição (onde quer que esteja) e **Fim de semana** num hotel de Ofir (para duas pessoas).

bastando apenas preencher e enviar o boletim junto, até ao dia 15 de Maio de 1972 colado num postal, para:

Prevenção Rodoviária Portuguesa
Rua Rosa Araújo, n.º 12-4.º — Lisboa 2

* – Em qualquer data, até 31 de Dezembro de 1972, excepto nos meses de Julho e Agosto.

Todos os boletins concorrentes serão apreciados por um júri, especialmente qualificado, e o apuramento dos resultados será divulgado oportunamente através da Imprensa.

Os 19 pontos essenciais HERTZ
Antes de utilizar o seu carro, verifique sempre se os seguintes pontos estão em ordem:
MOTOR DE ARRANQUE – ACELERADOR
EMBRAIAGEM
TRAVÕES
DIRECÇÃO
CLAXON
LIMPA-VIDROS – LAVA-VIDROS
INDICADORES DO PAINEL DE INSTRUMENTOS
AQUECIMENTO
LUZES E INDICADORES DE DIRECÇÃO
PALA DE SOL – RETROVISOR
CINTO – MOVIMENTO DOS BANCOS
PORTAS – FECHADURAS – JANELAS
ÓLEO – ÁGUA – BATERIA
RODAS E PNEUS
MACACO – FERRAMENTAS – TRIÂNGULO
CINZEIROS
DOCUMENTOS E PORTA-LUVAS
LIMPEZA DO INTERIOR E DA MALA
NÍVEL DO DEPÓSITO DE COMBUSTÍVEL

O 20.º é VOCÊ — O CONDUTOR
Todos estes pontos são importantes. No entanto, faça uma selecção pessoal dos 5 pontos mais importantes para a segurança do seu carro, antes de o conduzir.
Para o ajudar, mencionamos por si o primeiro
1.º — O CONDUTOR
2.º —
3.º —
4.º —
5.º —
Escreva agora uma frase — tipo «slogan» — com o máximo de 10 palavras sobre o tema **a segurança rodoviária,** cujos direitos serão propriedade da P. R. P., que poderá utilizá-la como e onde entender.
Indique por favor o seu nome e morada

Hertz® VAUXHALL OPEL

A Hertz vela pela sua segurança, com a colaboração da General Motors

Apoio técnico da Prevenção Rodoviária Portuguesa PRP

RUI SANCHES NAS CALDAS

O ministro das Obras Públicas e das Comunicações, eng.º Rui Sanches, desloca-se amanhã aos concelhos das Caldas da Rainha e da Batalha, a fim de estudar com as respectivas autoridades problemas afectos aos dois Ministérios e observar obras em curso.

Cerca das 10 e 15 presidirá, nos Paços do Concelho das Caldas, a uma sessão de trabalho, visitando depois alguns estabelecimentos de ensino e várias obras em curso.

À tarde, aquele membro do Governo seguirá para a vila da Batalha, onde presidirá a nova reunião na Câmara Municipal, visitando em seguida a zona envolvente do Mosteiro, o Centro Paroquial, a zona desportiva e outros locais. Regressará a Lisboa ao fim da tarde.

TAP

Transportes Aéreos Portugueses, S. A. R. L.

CONCESSIONÁRIA DO ESTADO

3.º Aumento de Capital

250 000 CONTOS

Entrega dos Títulos Definitivos

Informa-se os Senhores Accionistas que a partir do dia 1 de Maio de 1972 se procederá à troca das cautelas representativas do 3.º Aumento de Capital desta Companhia pelos títulos definitivos, nos Bancos onde efectuaram as subscrições.

As cautelas deverã ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos correspondentes às acções que me foram atribuídas e às quais se refere o presente documento».

a qual deverá ser datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal, sendo a assinatura abonada pelo respectivo estabelecimento bancário.

Lisboa, 26 de Abril de 1972

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto

Joaquim Pavão homenageado

O dr. Guilherme Pereira da Rosa, director do jornal «O Século» promoveu ontem à tarde, nas instalações da Colónia Balnear que este matutino criou em S. Pedro do Estoril, uma homenagem a um dos grandes benfeitores dessa instituição, o sr. Joaquim Pavão, recentemente falecido.

Guilherme Pereira da Rosa no uso da palavra

Para os muitos amigos que ali compareceram, o dr. Guilherme Pereira da Rosa, disse: **A colónia vai entrar dentro de dias uma vez mais, em actividade; sofreu aqueles benefícios que todos os anos é indispensável fazer, foi caiadinha, está neste momento pronta a receber a criançada, que vai encher esta grande casa com os seus gritos de alegria, com a sua vida, com o seu respirar de saúde.**

E referindo-se ao homenageado, continuou: **Porque as camaratas têm o nome dos grandes benfeitores, era indispensável, penso eu, que a uma delas fosse dado o nome do meu tio Joaquim. A lápida já foi descerrada pelos netos, que ele tanto amava; fica ao lado do irmão, fica numa casa que foi obra que meu pai fez com amor e com dedicação inexcedíveis.**

Não eram precisas estas letras para a gente se lembrar de meu tio Joaquim. Nós os da família, nós os que o conhecemos, de quem ele foi amigo, nunca o esqueceremos. Em todo o caso, quanta criança há que ao passar por aqui já não o conheceu; quantas pessoas, quantos adultos vão passar aqui, que não o conheceram e ficarão sabendo que no número das pessoas a quem a colónia muito deve, está o Joaquim Pavão.

Os convidados percorreram, depois, as instalações da colónia, onde foi inaugurada uma exposição de trabalhos realizados pelas crianças que no ano passado ali estiveram.

A terminar, foi servido um beberete.

Comissão da ONU propõe sanções contra Portugal

ADIS ABEBA, 28 (F.P.) — O Comité de Descolonização terminou ontem à noite em Adis Abeba a sua digressão africana adoptando uma resolução que condena a Inglaterra e preconiza a transferência imediata dos plenos poderes do povo rodesiano na base do Governo exercido pela minoria.

A resolução adoptada por 20 votos e duas abstenções (Suécia e Ilhas Fidji) pede à Inglaterra a convocação urgente de uma conferência constitucional «de todos os dirigentes nacionalistas e de todos os movimentos de libertação da Rodésia, chamando ainda a atenção do Conselho de Segurança para a necessidade de intensificar as sanções contra o regime de Ian Smith e de impôr eventualmente medidas análogas em relação a Portugal e a Africa do Sul, devido ao apoio dado por estes dois países ao regime de Salisbúria.

Quanto à Namíbia, os membros do Comité de Descolonização não quiseram adoptar uma resolução formal, preferindo aguardar o relatório do Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, sobre a sua recente visita àquele território. O Comité limitou-se a provar um «consenso» que condena o Governo de Pretória, bem como alguns dos seus «parceiros da OTAN», pedindo ao Conselho para adoptar «medidas eficazes» para obrigar a Africa do Sul a respeitar as decisões anteriores e a retirar-se da Namíbia.

POSIÇÕES FIRMES

ARGEL, 28 — O presidente Mikhtar Dadá, da Mauritânia, chefe interino, da Organização de Unidade Africana (OUA) declarou hoje que a próxima reunião cimeira africana, a realizar em Rabat, no mês de Junho, devia tomar «posições firmes contra o colonialismo português e o racismo sul-africano».

Investimentos Sul-Africanos em Angola

JOANESBURGO, 27 — (ANI) — Empresas sul-africanas estão a exportar capital e técnica para Angola, participando assim nas grandes oportunidades de desenvolvimento que existem naquele território, nesta fase de rápido crescimento» - lê-se na revista «FAP», órgão dos serviços de comércio externo da República da Africa do Sul.

«A razão para o aumento de investimentos sul-africanos é de dupla natureza. Por um lado, as companhias sul-africanas começaram a aperceber-se de que a única maneira pela qual poderão sobrepor-se à tensão das importações, e de introduzirem uma certa forma de participação local, em que sejam utilizados componentes intervenientes importados da Africa do Sul. Por outro, as empresas com mais ampla missão consideram os seus investimentos em Angola como uma oportunidade para tomarem parte no desenvolvimento daquele território magnânimamente dotado» - acrescenta a revista.

Aborto mortal parteira presa

Empregada comercial, e residente no Barreiro, a sra. Celeste Felisberto, por razões muito suas, resolveu recorrer aos serviços duma parteira naquela vila. Infelizmente, a desditosa senhora viria a falecer depois de consumado o acto abortivo. As circunstâncias em qué decorreu a morte daquela senhora chamaram a atenção da Polícia Judiciária, pois embora a parteira afirmasse que a sra. Celeste falecera devido a uma injecção, o Instituto de Medicina Legal, ao proceder á respectiva autópsia, verificou que o falecimento se dera após a interferência da parteira.

Ao iniciaram-se as diligências para o aclaramento do caso, a P. J. encontrou na casa da parteira elementos comprometedores.

A parteira já terá confessado a sua participação no caso de tão infeliz desenlace. No entanto, as investigações prosseguem até que tudo esteja devidamente esclarecido. A sra. Lucília encontra-se detida.

Acúrcio contra ciclismo clubista

LOURENÇO MARQUES, 28 (ANI) — O facciosismo dos clubes prejudica grandemente o ciclismo» — afirmou ao «Diário» de Lourenço Marques, o antigo ciclista benfiquista António Acúrsio, que em Moçambique está ao serviço da «Fagor».

«A regulamentação em vigor em Portugal não está em pé de igualdade com outros países como a Espanha, França, Bélgica ou Itália temos de partir do principio de que a modalidade é muito mais indicada para marcas, tanto sob o ponto de vista individual, como publicitário.

«Na Metrópole são poucos os ciclistas que realmente tiram partido da condição de profissionais. E porquê? Porque não atingem a craveira dos fora-de-série como Joaquim Agostinho ou Fernando Mendes. Tendo em conta os baixos ordenados, só o ciclismo por marcas é vantajoso para o profissional.

«Agostinho é um corredor excepcional e não é fácil surgir de um momento para o outro um que se lhe iguale.

AGÊNCIA DE LEILÕES

"ANTIQUÁRIA"

de ANTÓNIO JOSÉ, LDA.

AMANHÃ, SÁBADO, ÀS 15 E ÀS 21 HORAS

BOM

LEILÃO

De:

BOM MOBILIÁRIO GÉNERO ANTIGO E DE ESTILO na:

MORADIA DA RUA PINHEIRO CHAGAS N.º 15

(PERTO DA MATERNIDADE DR. ALFREDO DA COSTA)

Por ordem do Ex.mo Proprietário e venda da propriedade vender-se-á PELAS MAIORES OFERTAS todo o bom recheio que consta em especial de boas mobílias de sala de jantar Holandesa e **Renascença de boas fabricações, quartos p.s casa e pessoa** de estilo, **Bilros e Luiz XV. Finos jogos de maples em veludo e goblin, bonitos lustres, bronzes assg.dos, bons serviços de jantar e almoço, serviços de cristal completo, credências mesas e espelhos com talha dourada. Carpetes de lã, relógios de caixa alta, BOAS PRATAS TRABALHADAS, FAQUEIRO DE PRATA C/ 176 P.** (meia cana). **Roupeiros diversos, CÓMODAS DE SALA D. JOSÉ E LUIZ XV, biombo oriental, cofre monobloco** da F.ca Portugal, **Bons apliques em bronze** antigos c/ figuras, **bonita cadeira de baloiço** c/ costas c/ capitoné, **arcas e armários trabalhados, vitrine, chillonier estilo Luiz XV** c/ bronzes, **armas antigas, bacamartes e pistolas, quadros diversos, bar oriental** c/ figuras, **boa mobília de escritório de torcidos e tremidos** óptima fabricação c/ cadeirões c/ couros, **Passadeiras** de veludo e alcatifa, **jarras e jarrões** Mandarim e Japão, **muitos biblotes** diversos, **tocheiros** dourados, **mesas de jogo,** cadeiras diversas, **boa mesa francesa de sala c/ bronzes, muitos lotes de cozinha, bom frigorífico** moderno Frimatic, Esquentadores de distribuição, **muitos lotes de casa de banho** como: armários, toalheiros, prateleiras, etc. Algumas roupas e **muito mais patente aos nossos Estimados Clientes aos quais se pede atenção p.s este leilão tudo para vender com urgência pelas maiores ofertas.**

SEGUNDO TENENTE

AUGUSTO HENRIQUES DA SILVA

AGRADECIMENTO

Seus filhos e restante família, na impossibilidade de o fazer directamente a todos quantos o acompanharam, vêm, por este meio, agradecer reconhecidamente.

CASA VIOLA

VENDEU O 3.º PRÉMIO

6843 — 240 CONTOS

BILHETE CERTO RECEBIDO DIRECTAMENTE DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RUA DA ASSUNÇÃO, 67-69 — LISBOA

O FUNERAL DE GUILHERME CARVALHO

Constituiu profunda manifestação de pesar o funeral, realizado para o cemitério do Prado do Repouxo, no Porto, do jornalista Guilherme Carvalho, que foi, durante muitos anos, delegado do «Diário de Lisboa» na capital nortenha.

No prestito fúnebre incorporaram-se muitas dezenas de pessoas, entre as quais numerosos redactores dos jornais de cidade, deputações dos Bombeiros Voluntários do Porto, Portuenses, Matosinhos-Leça, Leixões, S. Mamede de Infesta, Vila do Conde, Moreira da Maia, Riba d'Ave, Barcelos, Cruz Vermelha Portuguesa, e, ainda, larga representação dos bombeiros do norte do País, elementos da «velha guarda» dos Bombeiros Voluntários e do Batalhão de Sapadores Bombeiros.

A urna coberta com a bandeira da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras (também representada no funeral) foi transportada num pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários do Porto.

AGONIA E MORTE DO ASSOCIATIVISMO MUTUALISTA

Os tempos vão maus para o associativismo mutualista. A grande proliferação de associações de socorros mútuos era uma tentativa primária de resolução das carências de grandes camadas da população angustiadas pela luta pela sobrevivência. O movimento surgido no século XIX vai morrendo, a pouco e pouco, ferido de velhice e inadaptação, esmagado pela concorrência estadual. Na província, ou nos centros urbanos e industriais, os óbitos sucedem-se.

Lisboa exemplifica bem este estado de coisas. É com frequência que se vê uma associação mutualista ser encerrada ou em situação tal que a única saída possível para adiar a respectiva morte é a de se integrar noutra, mais forte.

Recentemente os jornais noticiaram a simbiose de duas associações mutualistas, com o beneplácito do Conselho Superior de Acção Social, já homologado pelo ministro das Corporações e Previdência Social. São elas a «Aliança Mutualista» e a associação do «Dr. Adriano de Carvalho». A primeira, constituída em 1943, resultou da fusão de outras duas — a «Nova Aliança» fundada em 18843, e o «Montepio Aliança» de 1849 — e irá albergar os sócios da «Dr. Adriano de Carvalho» que já em Janeiro do ano passado verificara a impossibilidade de subsistir, quer por razões económicas, quer por não conseguir o número mínimo de sócios legalmente exigidos, que é de 200 para Lisboa e Porto.

Apesar das suas tradições dentro do mutualista lisboeta, a «Aliança Mutualista» assiste à sua própria agonia. Das instalações às pessoas tudo parece envolvido, irreparàvelmente, numa exaustão e numa tristeza paralizante, enquanto um indecifrável círculo de adversidades se vai apertando:

diz-nos um dos dirigentes da associação Dr. Adriano Cavalheiro — **O mutualismo está condenado. Bem ou mal, grande parte dos trabalhadores já está coberta pela Previdência e já só temos como associados umas tantas pessoas idosas e de fracos recursos financeiros. Um dos problemas mais graves desta associação é o do envelhecimento dos sócios sem que haja um afluxo de elementos novos.**

A diminuição do número de sócios traz, consequentemente, uma diminuição dos recursos económicos que, em grande parte, provêm de quotizações. Em 1951, o número de associados era de 3 086 e fazia progredir a instituição: hoje não passa de 790, dos quais só 6 são menores, e 270 estão situados entre os 20 e os 64 anos, com grande percentagem para os mais velhos. Os restantes têm para cima de 65 anos. De todos eles, 70 por cento são do sexo feminino.

Não se podendo manter ùnicamente com as ajudas dos sócios, a «Aliança», diminuiu o espaço que ocupava no prédio (que é sua propriedade), para poder arrendá-lo e, assim, juntar mais um fraco rendimento às suas economias. Tenta ainda a sua sorte em títulos de dívida pública de taxa muito reduzida.

Num último esforço, tentou-se fazer uma campanha de publicidade para angariação de sócios mas nem dinheiro havia para isso, nem muito haveria para oferecer a quem viesse a entrar — **Grande parte dos nossos associados vive em casas antigas, espalhadas por Alcântara, Belém e Ajuda ou pela zona oriental, por Marvila, Beato, Xabregas, etc. A demolição dessas casas antigas implica a mudança dos seus moradores, que vão muitas vezes para as zonas afastadas dos arredores. Também isso contribui para a eliminação dos sócios.**

As palavras ecoam por altas paredes donde, emoldurados, pendem bigodes vastos de antigos beneméritos, agora amarelecidos pelo passar dos dias. O silêncio inunda os corredores, esvazia-os: já a morte se prefigura no tom escuro dos móveis e recantos. Uma espera moribunda e calma, como a velhice.

Aguardar o quê? Os que ainda participam neste mútuo socorro interrogam-se. Um tipo de associativismo que morre, incapacitado de se inserir no presente. Agonia e morte.

MARIA CÂNDIDA ANDRADE CID DE OLIVEIRA PROENÇA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

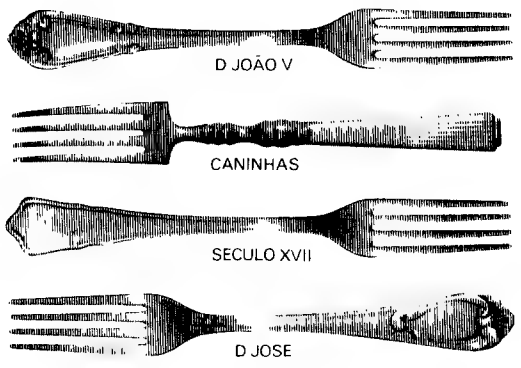
Fernando Cid de Oliveira Proença, sua mulher e filhos; Maria Henriqueta de Proença Oliveira Cid; José Albano de Proença Oliveira Cid e sua mulher; Jorge de Andrade Cid Proença, sua mulher e filhos; Maria Alice Proença de Oliveira Cid; José António Cid de Oliveira; Maria dos Anjos Cid de Oliveira Ponces e mais família participam o falecimento de sua Mãe, Sogra, Avó, Irmã e Parente e que, em Lisboa, será celebrada por sua Alma Missa de 7.º dia no sábado, dia 29, pelas 13 horas, na Igreja do Loreto (Chiado).

opal

Para ambientes requintados

TALHERES DE PRATA

TOPÁZIO



duplamente trabalhados

*

À VENDA NAS BOAS OURIVESARIAS

CTT

Correios e Telecomunicações de Portugal

SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

Os CTT comunicam que a partir do dia 29 às 0 horas os assinantes de Lisboa TLP, com acesso ao SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO, passam a marcar directamente os assinantes das redes de: CASTRO LABOREIRO, COVAS, FRIESTAS, MELGAÇO, MONÇÃO, MOREIRA (Monção), PAREDES DE COURA, POMARES (Melgaço), TANGIL, VALENÇA, VALINHA e VILA NOVA DE CERVEIRA, do grupo de redes de Valença, marcando para o efeito o indicativo 0021, seguido do número do telefone desejado.

Na mesma data os assinantes das redes automatizadas dos grupos de redes de AVEIRO, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ÉVORA, FIGUEIRA DA FOZ, GUARDA, IDANHA-A-NOVA, LEIRIA, MEALHADA, PENAFIEL, PESO DA RÉGUA, POMBAL, PORTO, SANTARÉM, S. JOÃO DA MADEIRA, SETÚBAL, TORRES NOVAS, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA FRANCA DE XIRA, VILA NOVA DE FAMALICÃO, VILA REAL e VISEU, com acesso ao SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO, obtêm igualmente aquelas redes marcando o indicativo 021, seguido do número pretendido.

Texto de FRANCISCO MENDES PEDRO

SEDES: maior politização

A adesão à SEDES dos deputados Alarcão e Silva, Oliveira Dias, Magalhães Mota, Joaquim Macedo, Pinto Machado, José da Silva, Correia da Cunha e Sá Carneiro, a juntar à remodelação do conselho coordenados, em eleições antecipadas de um ano, abre perspectivas a uma maior participação dos sectores liberais na vida política nacional.

Na assembleia eleitoral da associação de há dois dias, notou-se a presença discreta do deputado Joaquim Macedo, mandatado pela secção nortenha para manifestar as posições por ela anteriormente definidas, em reuniões preparatórias do acto eleitoral.

- Que perspectivas se abrem com o novo conselho coordenador?

— Marca um certo compromisso político. Trazia mandato do Porto e embora não conhecesse as listas, sabia da ideia de incluir Sá Carneiro numa delas. Como nenhuma estabelecera um programa foi necessário um voto pessoal em função do que se conhece e espera das pessoas e verifiquei que a tendência dominante no Porto, de maior compromisso político, triunfou também aqui.

- Qual o significado que atribui à SEDES no contexto geral do país?

— A SEDES não tem actualmente uma função política, pois tem sido sobretudo um grupo de diálogo. Estão aqui representadas várias correntes políticas e parece-me vital para a sociedade portuguesa que esse diálogo se estabeleça como única maneira de impedir a radicalização da vida política portuguesa, na medida em que estabelece a convivência. É essa tendência que tenho defendido não só na minha vida política como em toda a minha actuação.

A presença interveniente do dr. João Salgueiro e o facto de ter sido eleito, por larga maioria, para o conselho coordenador, suscitou a nossa conversa com o ex-subsecretário de Estado.

— Está a SEDES destinada a ocupar em Portugal, o espaço que a Opus Dei ocupa na Espanha?

— Penso que não. A SEDES não é confessional e é pública. Nasceu, à partida, com pessoas de várias tendências.

Fazemos-lhe notar que a pergunta é mais subtil. Não se pergunta se a SEDES é da Opus Dei, mas se poderá desempenhar funções políticas semelhantes ás que esta desempenha no país vizinho.

— A nossa situação económica social e política é muito semelhante à espanhola. Embora na SEDES haja uma predominância de tipo técnico, eu não diria que a proporção dos católicos neste organismo seja superior à proporção dos católicos no país. Não pretendemos, nesta associação criar modelos mas suscitar um esforço de transformação. A Opus Dei pretende conquistar posições de domínio e não é esta a posição dos sócios da SEDES. Por exemplo, os deputados Magalhães Mota e Oliveira Dias abandonaram, mesmo, cargos públicos que exerciam.

Paralelamente a esta inflexão política, a SEDES sempre aglutinou no seu seio quadros técnicos do país. Aí se encontram desde professores (de Económicas, de Direito, de Ciências Sociais) até dirigentes empresariais. Falámos com representantes destes dois sectores.

Para o prof. Pinto Correia, a evolução política da SEDES não tem alternativa:

— A SEDES deve evoluir num sentido de muito maior politização porque essa é a única maneira de motivar as pessoas, no nosso país. Em países mais desenvolvidos é possível motivar as massas exclusivamente por razões económicas; nos menos desenvolvidos, as motivações de ordem política são essenciais.

Uma rápida amostragem de quinze pessoas presentes, catorze afirmaram terem tido formação religiosa na juventude.

Perguntámos qual a relação entre o seu catolicismo e a participação na SEDES.

— Não vemos relação, não há uma orientação nesse sentido. O predomínio de católicos e de técnicos é consequência do grupo social que lançou o movimento. Em todo o desenvolvimento de associações políticas encontrará, neste meio burguês, o predomínio de católicos.

No meio da assembleia encontrava-se também o dr. Fernando Pizarro, administrador da «C. Santos. Este, ao ser-lhe posta a questão do associativismo político respondeu:

— A SEDES não é política pois que não está nem orgânica nem estruturalmente instituida como tal. Evidentemnte que da análise dos problemas económicos e sociais decorrerão implicações políticas. Esta associação pretende ser um ponto de encontro de um factor de conscencialização do trabalho a efectuar no país.

O dr. Pizarro não vê qualquer contradição entre o seu estatuto social e a sua qualidade de membro da SEDES.

— «De maneira nenhuma».

Quando lhe foi perguntado se achava suficientemente representada, no organismo, o meio operário, respondeu:

— Não conheço todos os sócios, não sei qual a sua composição. Mas a SEDES é uma associação aberta.

Tentámos encontrar entre os presentes, um representante da classe trabalhadora. Foi-nos indicada a presença de Amílcar Mateus ligado a um sindicato e antigo elemento da J. O. C.:

— Represento os problemas do meio trabalhador. Embora aqui esteja na minha qualidade pessoal, sou delegado à assembleia-geral do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório.

- Quantos trabalhadores são sócios da SEDES?

— Vinte a trinta.

- Não lhe parece que, embora a SEDES tenda a politizar-se, se pode transformar num clube de técnicos?

— Não me parece. Tenho estado ligado à implantação regional e nesse trabalho constato que há um pequeno grupo de pessoas que desenvolve uma actividade intensa em favor dos trabalhadores e da resolução dos seus problemas.

A presença de três padres suscitou a curiosidade do jornalista.

— Não estaria aqui se a SEDES estivesse ao serviço de uma classe.

- Respondeu-nos o padre Victor Melicias, professor da Universidade Católica.

— Sou pelo desenvolvimento integral do Homem e penso que a nossa associação muito poderá contribuir para o seu desenvolvimento nos aspectos económico-sociais.

As intervenções dos elementos mais novos, ainda que em escasso número sobressaíram pela sua acuidade. Falámos com Manuel Amado, recém-formado engenheiro agrónomo e funcionário do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa:

— O futuro da SEDES é o futuro dos jovens que se preparam agora para desempenhar, mais tarde, um papel fundamental no país. A nossa associação, tal como está, necessita muito do impulso dos novos e dos jovens - recém-formados. Penso que poderemos desempenhar uma acção primordial no desenvolvimento económico do país pois muitos dos jovens saídos há pouco da Universidade, sócios da SEDES, ocupam papéis importantes em trabalhos de planeamento em organismos oficiais.

Trocámos também algumas impressões com Maria Benedita Monteiro, uma das cerca de vinte mulheres entre a centena de presentes ao acto eleitoral. É ela quem diz:

— Penso que a insistência de personalidades de prestígio político à frente da SEDES é prejudicial e paraliza a actividade que este organismo poderia desenvolver com as classes trabalhadoras.

Discreto, o dr. Alçada Baptista conversava com alguém. Interrompemo-lo. O seu depoimento resume, talvez, a situação presente da SEDES:

— A vinda dos deputados liberais para a SEDES é um bom sinal e vai permitir-lhes um complemento da acção que, noutras áreas, já estavam desenvolvendo. A SEDES permite a criação de hábitos de vida cívica que são essenciais à mentalidade do país e à sua acção política.

FRANCISCO PEDRO

Na sessão da tarde de ontem da Assembleia Nacional, o período antes da ordem do dia teve particular interesse e vivacidade.

O diálogo mais animado foi provocado pelo deputado Miller Guerra, ao referir-se à necessidade de novas universidades. A certa altura, disse aquele parlamentar. «Com motivos e razões variadas, mas de valor desigual, numerosas cidades e até vilas, apresentaram a sua condidatura a centros de ensino universitário. Não posso discutir o problema a fundo, como era mister; apenas me refiro a ele com o fim de levantar reparos à maioria das pretensões. Limitando-me ao essencial, devido os argumentos em três categorias, principiando pelos mais meritórios. O primeiro é de ordem demográfica; fundamenta-se na densidade populacional e no número elevado de estudantes que frequentam a Universidade, oriundos da mesma região. O segundo respeita às necessidades locais de progresso económico. A Universidade constituiria um elemento propulsor das actividades adormecidas ou inertes. O terceiro, como não podia deixar de ser num País onde a História pesa tanto, invoca as tradições de uma Universidade extinta no século XVIII.»

Mais adiante, o dr. Miller Guerra defendeu o ponto de vista que «a localização das universidades, terá naturalmente de se submeter aos critérios do planeamento regional e à política do desenvolvimento, que determinarão as prioridades e os meios, excluindo decerto as localidades pretendentes por motivos sentimentais ou por influências particularistas. Não desço a minucias, mas desejo que fique clara - prosseguiu - a noção de que uma Universidade só se justifica como resposta às necessidades dinâmicas de uma aglomeração humana, as quais contribuirá para desenvolver e, de forma nenhuma, como agente provocador do progresso de regiões democráticas, económica e socialmente declinantes. Em vista do exposto, parece-nos que as novas Universidades se devem instaurar na extensa orla marítima que vai de Setúbal a Braga, onde se concentram a indústria e os serviços e onde conclui a população activa que não emigrou para o estrangeiro.»

BATATAS

Até ao fim da semana em curso deverá chegar ao porto de Lisboa o que falta de um contigente de oito mil toneladas de batata, importada de França para cobrir o défice da produção nacional. A falta que se fazia sentir desde há muito e, sobretudo, a constante subida dos preços de venda ao público, motivaram a intervenção da Junta Nacional das Frutas, que, com o intuito de suprir a carência, abriu conccurso público, e após a sua realização autorizou três firmas da capital a importarem a referida quantidade.

A batata velha da produção portuguesa está neste momento a ser vendida nos mercados a um preço que anda á volta dos 5$00 quilo, enquanto que a nova orça pelos 4$80. Como a Junta Nacional das Frutas ao autorizar a importação fixou que a batata teria de ser vendida ao armazenista pelo preço de 2$50 por quilo, não podendo este depois colocá-la no retalhista a mais de 2$75, para a seguir a oferecer ao público ao preço de 3$00 por quilo, receia-se que venha a manifestar-se a tendência para o açambarcamento da batata importada, a fim de ser lançada no mercado como

Oito mil to

BIO-STRATH

SUPER ALIMENTO NATURAL
À BASE DE LEVEDURA

Restitui ao organismo as energias necessárias para o desenvolvimento físico e intelectual.

Aumenta as possibilidades de sucesso escolar.

Revigora as células e equilibra o sistema nervoso.

Produto Suiço preparado por
STRATH LABOR-ZURICH

À VENDA NAS FARMÁCIAS

UNIVERSIDADES NOVAS: ONDE?

Foi então que surgiram várias interrupções, sendo a mais importante a do deputado Cotta Dias, que defendeu, por exemplo, a legitimidade das pretensões de cidades afastadas da zona costeira, incluindo o caso de Évora.

Depois de insistir na frase: «As Universidades não se pedem, é preciso merecê-las», o dr. Cotta Dias afirmou que as razões de tradição e históricas também são de ter em conta.

O dr. Miller Guerra, depois de explicitar o seu ponto de vista nestes pontos, insistiu no facto de que as novas Universidades não devem sacrificar-se ao império da produção nem ser postas ao serviço das empresas; devem estar as serviço da sociedade e dos fins humanos, de que a economia é tão-sòmente um aspecto. «Eis porque - acentuou - a sua fundação pressupõe o delineamento dos objectivos políticos gerais que dinamizem as estruturas e os homens, apontando-lhes um ideal colectivo moderno e atraente». E ainda. «As universidades tradicionais repousam na trilogia centralização, divisão em Faculdades, ensino «excathedra». As novas universidades devem basear-se em outros princípios. Serão antónomas, pluridisciplinares, diferenciadas em departamentos e com gestão participada».

O dr. Montalvão Machado interveio a propósito de a C.P. ter pedido ao Governo a extinção das linhas do Corgo e do Tua, que servem a região de Trás-os-Montes. Aquele deputado, lembrou: «Todos sabem que as populações de Trás-os-Montes, longos anos abandonadas pelo Estado, não dispõem nem de escolas, nem de professores; não dispõem nem de hospitais nem de assistência médica, nem de electricidade e de água potável, nem de estradas e caminhos. A semelhante situação de abandono, juntou-se uma pavorosa crise económica da região - tão pavorosa que não vale a pena caracterizá-la em pormenor. De tudo isso se entreteceu e resultou a praga do êxito - permanente, inexorável.»

Lembrando que num relatório dos trabalhos preparatórios do IV Plano de Fomento se dizia que «o encerramento da linha poderá comprometer a valorização sistemática da região em análise, nomeadamente em face da sua fraca densidade de estradas», o deputado Montalvão Machado acrescentou. «O Estado tem o dever inalienável de manter em funcionamento todos os serviços públicos. Este é um deles - e dos mais essenciais, enquanto a região não dispuser de estradas que respondam em condições mínimas à necessidade aflitiva de comunicações. Seria demasiadamente amargo, numa altura em que as populações aguardam ainda, esperançosa e confiadamente, a indispensável colaboração do Estado na luta pela sobrevivência económica, que fosse afinal o Estado a vibrar o golpe de misericórdia nessa esperança! Protesto contra a campanha insidiosa que traumatiza e desmoraliza, ainda mais, populações que sofrem um clima de autêntico desespero económico.»

A ordem do dia continuou a ser a discussão na especialidade de proposta de lei sobre a revisão da Lei Orgânica do Ultramar, que começara na sessão da manhã, com as declarações dos deputados Casal Ribeiro e Moura Ramos, contra a designação de «Estados» às províncias de Angola e Moçambique. «Sei que tudo tem que evoluir, excepto os princípios que estão na génese da nossa própria grandeza. Sei, inclusivamente, que esses princípios não estão postos de lado pelo Governo nem pela esmagadora maioria da Nação, aqui representada. Mas temo, sinceramente e afirmo, que entremos num caminho cuja saída só Deus sabe qual será!» - disse a certa altura o deputado Casal Ribeiro.

A Assembleia, embora deparando com uma proposta de lei que era acompanhada por mais de 60 propostas de emendas, foi aprovando, com relativa lentidão, os textos da proposta ou, em sua substituição, as alterações recomendadas pela Comissão Eventual.

De um modo geral, os pontos de vista da Comissão Eventual foram defendidos pelos deputados Almeida Cotta, Neto de Miranda e Júlio Evangelista.

Um curioso incidente deu-se ao discutir-se o N.º 1 da base XII, que diz. «O Governo da República superintende na administração das províncias ultramarinas em ordem a garantir a unidade nacional e a realização dos fins superiores do Estado».

O deputado Pinto Balsemão perguntou se os defensores do ponto de vista da Comissão Eventual entendem ou não que esse número aumenta o poder do Governo em relação ao Ultramar. Como o deputado Almeida Cotta respondesse afirmativamente, o dr. Pinto Balsemão votou «em conformidade», isto é contra. Logo a seguir o dr. Almeida Cotta reconheceu que percebera mal a pergunta e julgara que o dr. Balsemão se referia ao poder das Assembleias Legislativas do Ultramar. Mas a votação fizera-se e o incidente, aliás em tom sorridente, terminou com a intervenção do eng.º Amaral Netto.

«Uma maior liberdade de movimentos do Ultramar», foi a explicação dada a certa altura pelo deputado Nogueira Rodrigues para justificar certas propostas de emendas e reservas apresentadas por si e pelos seus colegas Carlos Ivo e Montanha Pinto, além de outros deputados ultramarinos.

Essas tentativas não obtiveram êxito e a Câmara foi discutindo, dialogando e votando até à base XIV, altura em que o presidente encerrou a sessão.

Algumas propostas de emenda da «frente ultramarina» foram rejeitadas por pequenas diferenças (29 contra 24, por exemplo).

Hoje, com a mesma ordem do dia, haverá sessão à tarde e à noite.

EXERCÍCIOS DA N.A.T.O. NO MEDITERRÂNEO

De 2 a 19 de Maio decorrerá no Mediterrâneo um importante exercício naval e aéreo da N.A.T.O. em que participarão navios de superfície, submarinos e aviões de oito países.

Denominado «Dawn Patrol», este exercício de rotina, destinado a testes às forças da — N.A.T.O., foi organizado pelo Almirante Horácio Rivero, da Armada dos E. U. A., Comandante Chefe das Forças Aliadas da Europa do Sul.

Mais de 80 navios de guerra e 300 aviões participarão no exercício. Aquelas forças executam manobras de defesa aérea, de guerra anti-submarina, operações anfíbias e de vigilância.

Os oito países da N.A.T.O. fornecerão navios desde porta-aviões até às vedetas rápidas.

Os aviões aliados desempenham as suas missões tácticas a partir de países da região sul da N.A.T.O., enquanto os porta-aviões executarão saídas completando a cobertura aérea e os ataques contra alvos terrestres.

REFORMA AOS 100 ANOS

O Homem mais velho de Cuba não está contente, admira-se por já não ter memória apesar dos seus 127 anos de recordações atrás de si.

António Rodriguez Aramas nasceu a 13 de Junho de 1845 e orgulha-se muito com o seu grau de sargento do Exército da Independência Cubana, que abandonou em 1898.

Único sobrevivente de sete irmãos cinco dos quais ultrapassaram os cem anos — só um morreu «jovem» aos 64 anos — António Rodrigues Aramas já deixou de trabalhar há muito o seu patrão reformou-o aos cem anos.

MUITAS MAS AÇAMBARCADAS

Texto de ANÍBAL JORGE MENDONÇA
Fotos de NELSON DE VASCONCELOS

ata nacional, portanto a um ço superior ao de 3$00 por lo.

HÁ QUALQUER MANO-A

Segundo um porta-voz da pecção Geral das Actividades nómicas, a quem o «D/L» esentou a possibilidade de tativa de açambarcamento, queixumes acerca da falta da ata e dos preços praticados sido muitos.

O porta-voz da I.G.A.E. escentou:

Há qualquer manobra de mbarcamento, mas nós estamos atentos. Não permitiremos que se venda a estrangeira a nacional e os preços que a Junta Nacional das Frutas fixou terão de ser rigorosamente cumpridos.

Segundo os retalhistas nos mercados da capital, há efectivamente falta de batata.

Batata nova, ainda muito miúda, é oferecida a 4$80. A francesa agora importada, maior e de boa aparência, poderá muito bem ser vendida ao mesmo preço. Qualquer dona de casa frente às duas qualidades, e sendo ambas ao mesmo preço, optará pela estrangeira. E pagará, de olhos fechados, os quase cinco escudos por um quilo... — comenta um consumidor.

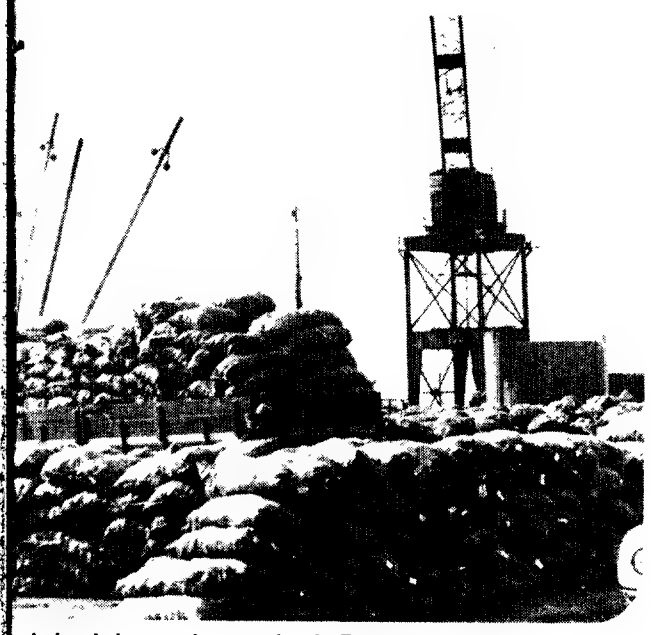
O »D/L» entrou também en contacto com um representante de uma das firmas importadoras. O sr. Jaime Benito, a quem expusemos o que se propala (insistentemente) sobre as tentativas de açambarcamento ou especulação, disse-nos:

Nós como importadores vendemos a 2$50 o quilo e daí não passamos. Para dar a nossa colaboração colocámos facturas das vendas ao armazenista um carimbo onde se pode ler «Esta batata não pode ser vendida a preço superior a 3$00». Sabemos de muitos boatos, nada mais.

Depois de se referir e de classificar os armazenistas de batatas, o sr. Jaime Benite afirmou:

Sabe que a produção da batata está condicionada ao tempo: A última falta de chuva prejudicou a produção. Creio, no entanto, que para o próxima semana haverá batata nova. E faltar, não falta. Lisboa e o Porto foram abastecidas. Agora é só preciso que os armazenistas e alguns retalhistas as não desviem.

Mas há na realidade falta de batatas. Elas faltam, são más e caras, à I.G.A.E. competirá colocar as coisas no seu lugar. Isto no que se refere às nacionais. Que as outras, as importadas, essas se faltam foram açambarcadas.

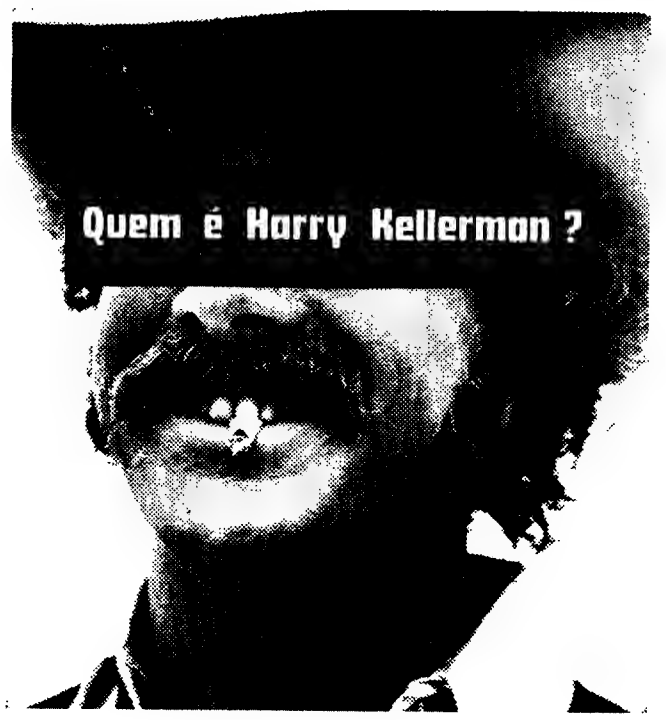


heladas de batatas importadas de França.

«Há qualquer manobra...»

O ARQUITECTO FERREIRA DOS SANTOS FOI ONTEM HOMENAGEADO

Realizou-se ontem à noite num restaurante da linha de Cascais uma expressiva homenagem ao arquitecto Ferreira dos Santos, promovida por todos os seus colaboradores dos Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Oeiras, onde o homenageado deixou, recentemente, de exercer funções.



DL mundo

JORNALISTAS FERIDOS

SAIGÃO, 28 — Ficaram, ontem, feridos dois jornalistas que trabalhavam para a televisão oeste-alemã «ZDF», quando efectuavam uma reportagem num gasolina da marinha sul-vietnamita no rio Van Co Dong.

Trata-se de Hans J. Friedrichs, de 44 anos, ligeiramente atingido na testa, e do seu assistente Kim So, de 39 anos, vietnamita, que foi atingido por um estilhaço numa perna.

TITO VAI À URSS

BELGRADO, 28 — O marechal Tito, presidente da Jugoslávia, irá a Moscovo no princípio do próximo mês de Junho, retribuindo a visita feita em Setembro do ano passado à Jugoslávia do secretário geral do Partido Comunista da URSS, Leonid Brejnev.

Antes disso, em meados de Maio, o presidente Tito encontrar-se-á, na fronteira jugoslavo-romena, com Nicolae Ceausescu, chefe de estado romeno, por ocasião da inauguração da estação hidráulica das «Protas de Ferro».

APOLO 16: regresso "de cabeça para baixo" dos astronautas Young, Duke e Mattingly

HOUSTON, 28 (R) — Os astronautas da Apolo 16 amararam no Pacífico, embora de cabeça para baixo, após uma missão de 11 dias que foi cumprida da melhor maneira possível.

O módulo de comando «Casper», descendo lentamente devido à acção dos paraquedas, foi amarar apenas a 1,6 quilómetros do principal navio de recuperação, o porta-aviões «Ticonderoga».

«Apesar de tudo estamos perfeitamente estabilizados», anunciou John Young, o comandante da missão, referindo-se a terem amarado de cabeça para baixo. Levou cerca de quatro minutos a encher os sacos estabilizadores de modo a que a cápsula «Casper» se endireitasse ficando na posição correcta.

Respondendo a uma pergunta vinda do barco de recuperação, ouvia-se a voz de Young responder: «Finalmente, já estamos de cabeça para cima e felizmente bem. A nossa condição é excelente, e a missão para nós foi «canja».

No seu caminho através da atmosfera terrestre, a tripulação foi sujeita a forças de gravidade sete vezes acima do normal, bastante mais altas do que as anteriores missões à Lua devido ao ângulo de aproximação da Apolo 16 ser ligeiramente mais inclinado.

A velocidade foi, também, fraccionàriamente mais alta do que o habitual, cerca de 39809 quilómetros por hora.

Desta vez não houve os problemas com os páraquedas que afectaram a missão Apolo 15, em Agosto do ano passado, quando um dos páraquedas falhou levando a cápsula a bater com demasiada dureza nas águas do Oceano Índico.

Os homens-rãs da equipa de recuperação foram mais do que o habitual, com o objectivo de recuperarem os páraquedas a fim de serem inspeccionados.

Cerca de 26 minutos depois de terem amarado nas águas do Pacífico, Young, Duke e Mattingly arrastaram-se para fora do módulo de comando e entraram num barco de borracha.

Mattingly, o último a sair, fechou a escotilha do «Casper». A cápsula tinha sido o seu lar durante todo o vôo, incluindo nos três dias que passou sòzinho na sua cabine enquanto Young e Duke exploraram a superfície selenita na região das terras altas de Descartes.

O trio de astronáutas, nos seus tradicionais fatos brancos, foram, depois, puxados para bordo de um helicóptero dentro de uam rede de aço — primeiro Duke, depois Mattilngly e finalmente John Young, o comandante da missão.

O helicóptero partiu imediatamente para o «Ticonderoga» para as tradicionais boas vindas da Marinha aos astronáutas regressados à Terra.

Aguarda-se que a tripulação da Apolo 16 esteja em Houston amanhã à tarde, poucas horas depois da sua preciosa carga de rochas lunares ter sido jà entregue aos cientistas do centro de contrôle da NASA, que as espera febrilmente.

Quando ainda a caminho da Terra, o astronáuta John Young conseguiu solucionar um pequeno problema surgido a bordo da nave Apolo 16 com uma técnica que é muito conhecida das pessoas desesperadas que pretendem consertar qualquer coisa sem conseguirem, principalmente dos telespectadores cujo aparelho começa de repente a funcionar mal — Young vibrou muito pura e simplesmente um pontapé no equipamento em causa.

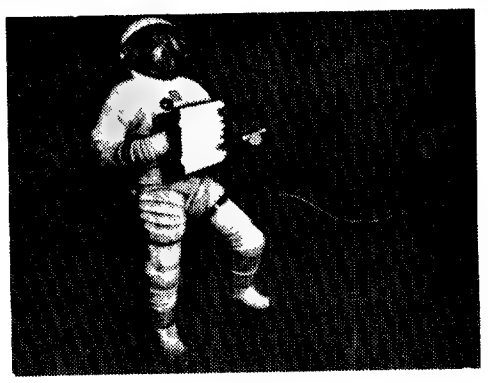
O problema registou-se numa luz de alarme que começou a acender e a a apagar insistentemente, é sem qualquer razão aparente, numa das unidades do complexo orientador do módulo de comando «Casper».

Pouco depois, o comandante Young disse à missão de controle: «Pronto. A coisa já está novamente em andamento». A missão de contrôle tinha estado a tentar todas as espécies de combinações nos ordenadores para tentar remediar a avaria.

O comandante da missão Apolo 16 anunciou ainda: «Foi remédio santo, espetei um pontapé no apinel e tudo passou a correr às mil maravilhas, Parece-me que o interior do aparelho de comutação deve estar cheio de lixo».

Regresso espectacular da cápsula «Carper» que vemos caíndo em pleno Pacífico (Telefoto/UPI/Telimprensa/«DL»)

PUBLIMPAR



A DURO-TEST concebeu também um sistema portátil de luz espacial utilizando tubos fluorescentes OPTIMA de elevada intensidade luminosa

As lâmpadas especiais de XENON que equipam os holofotes de iluminação das torres de lançamento de todas as cápsulas APOLLO do programa espacial da NASA foram concebidas e fabricadas pela DURO-TEST CORPORATION

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & Cª LDA

Trv. Fábrica das Sedas, 22-A * Tel. 65 3711-654165 * LISBOA

Mkrumah volta ao Ghana depois de morto

ABIDJAN, 28 - (R.) - Kwame Nkrumah, que faleceu no exílio, após ter sido o primeiro homem a conduzir uma colónia negra à independência, poderá ainda regressar à sua pátria, o Ghana.

A morte do dirigente ghanês, que governou o seu país como o «Redentor», de 1957 a 1966, foi anunciada ontem em Conakry.

Contudo, uma comunicação oficial, emitido em Acera, dizia que o conselho de redenção nacional que governa actualmente o Ghana, estava a estudar a possibilidade de trazer para a pátria o corpo do antigo presidente, a fim de ter um funeral adequado.

O falecimento do dr. Nkrumah foi anunciado pelo presidente Sekou, Touré da Guiné, que o nomeara «co-presidente» do seu país quando o chefe ghanês ali procurou refúgio, após a sua deposição a seguir a um golpe de Estado militar que ocorreu há seis anos.

O presidente Touré anuncoiu quatro dias de luto nacional e um funeral oficial para «o nosso estimado amigo e companheiro de armas», quando falou pela Rádio Conakry.

Uma comunicação oficial dizia: «O lugar de Nkrumah na História foi assegurado por ter sido o arquitecto principal da independência do Ghana, o que acelerou o ritmo do movimento de libertação em Africa».

Entretanto, a rádio oficial do Ghana revelou que o dr. Nkrumah falecera na Roménia.

Círculos romenos disseram que se sabia que o dr. Nkrumah estava a ser tratado em Bucareste, mas ignorava-se quanto tempo estivera exactamente nessa capital.

A comunicação de rádio ghana acrescentou que estavam a ser feitos preparativos para transportar de avião o corpo do dr. Nkrumah para o Ghana, a fim de se realizar o seu funeral.

PRÉDIO

À ESTRELA

Construção antiga, composto de 5 inq., habitações c/5 div. assoalhadas, cozinha, casa de banho, desp. e corredor. PREÇO 700 000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rua do Ouro, 292, 1.º — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

ELEIÇÕES À VISTA

Brandt propôs à oposição uma declaração conjunta

BONN, 28 (R) — O chanceler Willy Brandt propos hoje que o governo e o partido da oposição da Alemanha Ocidental cheguem a acordo quanto à publicação de um comunicado conjunto sobre a política externa do país. Mas acrescentou estar a considerar a possibilidade de eleições gerais se não houver outra maneira de garantir um governo viável.

O chanceler fez esta proposta ao discursar esta manhã no Bundestag, fazendo o balanço da sua escassa vitória de ontem.

Brandt sugeriu que os chefes dos quatro partidos representados no Parlamento se reunissem esta noite para estudarem uma acção de conjunto, em vez de se limitarem a fazer a lista das divergências.

O chanceler disse que o seu governo entendia que devia prosseguir com o processo de ratificação dos tratados com a união soviética e a Polónia na próxima semana — mesmo com uma estreira margem de maioria. Brandt considerou inaceitáveis as propostas de adiamento e alterações feitas pelos cristãos-democráticas.

Brandt preveniu os deputados não ser de forma alguma garantido que eleições definissem uma maioria clara que pudesse governar facialmente.

Segundo a constituição, devem realizar-se eleições de quatro em quatro anos, calhando as próximas no Outono de 1973.

O chanceler declarou que para limitar os conflitos que surgiriam inevitàvelmente no caso de eleições antecipadas conviria que todos os partidos estudassem, em conjunto o melhor processo de as organizar.

A coligação governamental concluiu Brandt está pronta a fazer novas eleições, se não houver possibilidade de continuar a governar eficazmente até ao termo do seu mandato.

O chefe dos cristãos-democratas, Rainer Barzel, replicou que a oposição estava preparada para novas eleições.

«Aqui declaro considerar essa a melhor solução» — disse.

Barzel rejeitou a ideia de tréguas parlamentares e pediu que o Bundestag prosseguisse os seus trabalhos: discussão e votação do orçamento de 1972.

A desistência de Muskie beneficia Humphrey

OAKLAND (CALIFORNIA), 28 - ANI e FP) - Bobby Seale, presidente nacional do partido extremista dos «panteras negras» declarou ontem que a sua organização apoiará a sra. Shirley Chisholm, para obter a candidatura à presidência.

Chisholm é uma das representantes negras do Partido Democrático no Congresso pelo populoso bairro de Brooklyn, em Nova Iorque.

Entretanto, Hubert Humphrey é considerado o principal triunfador no campo democrático, aquele que mais tem a ganhar com a desistência de Edmund Muskie, anunciada ontem.

Humphrey e George McGovern estão agora nitidamente na frente, entre os democráticos que participam nas eleições primárias.

No entanto, Muskie ainda espera que o partido se vire para ele e o chame como salvador, no caso de o congresso democrático se dividir inrredutívelmente entre os partidários de Humphrey e os de McGovern.

O governo foi demitido

SÃO DOMINGOS, 28 (F.P.) — Num acto sem precedentes na História da República Dominicana, as duas Câmaras destituiram o governo da capital, depois do presidente Joaquim Balaguer o ter acusado de conspiração para derrubar o governo. O visado, Manuel de Jesus Jimenez Rodriguez, disse imediatamente que a acusação era absurda. À tarde, refugiou-se na embaixada do México em São Domingos. A mensagem do presidente Balaguer à Câmara dos Deputados e ao Senado dizia que Jimenez Rodriguez visitou na Terça-feira passada, o general de brigada Adriano Valdez Hilário, para o incitar a formar uma junta militar. O governador teria prometido ao general o apoio de grupos da esquerda.

A MULHER ALMIRANTE

Pela primeira vez na sua História, a marinha americana nomeou uma mulher almirante. Trata-se de Alene Bertha Duerk, de 52 anos, com 29 passados ao serviço desta arma, cujo corpo de enfermeiras dirige. Será a única mulher entre os 52 almirantes americanos.

O dilema Nipónico

Desde que Richard Nixon anunciou, no ano passado, a sua visita a Pequim, a primeira de um presidente americano à China, os acontecimentos aceleram-se na Ásia, provocando modificações decisivas numa das áreas mais nevrálgicas do Globo e ameaçando deixar à margem um dos futuros «grandes», o Japão.

Uma das potências esmagadas militarmente na segunda guerra mundial e até agora o único país que conheceu os horrores da guerra atómica, o Império do Sol Nascente, privado dos vastos territórios que ocupara no continente asiático e da rede de ilhas estendendo-se da Formosa até ao centro do oceano Pacífico, conseguiu recuperar de maneira tal que se tornou a terceira potência económica mundial. O «milagre japonês» processou-se, no entanto, sem que se tivesse alterado fundamentalmente a condição de protectorado a que o Japão se viu reduzido ao render-se às tropas americanas em 1945 e ao transformar-se em peão no tabuleiro de xadrez da «guerra fria», o que conduziu à situação presente de gigante económico sem poderio militar correspondente, dado que os Estados Unidos da América têm garantido com o seu «chapéu de chuva atómico» a protecção sob a qual os súbditos do imperador Hirohito puderam concentrar-se no trabalho de reconstrução.

Mas não há bela sem senão e os japoneses voltaram também a ser concorrentes dos americanos nos mercados mundiais, o que, somando-se à recuperação de outro protectorado americano, a Europa Ocidental, colocou os EUA na posição particularmente incómoda de estar afinal a proteger rivais economicamente cada vez mais perigosos. A lógica de grande potência obriga-ria, portanto, Washington a redefinir, mais tarde ou mais cedo, a sua política global, a fim de salvaguardar os interesses vitais da América do Norte, mesmo à custa das relações mantidas com fiéis aliados. É esse, na verdade, o sentido do novo «equilíbrio do poder» planetário enunciado por Nixon e que deverá assentar no reconhecimento da existência de cinco grandes potências. Estados Unidos, URSS, China, Europa Ocidental e Japão. É esse igualmente o sentido da retirada parcial americana no Sueste da Ásia, incluindo a «vietnamização», e das visitas a Pequim e a Moscovo, esta última marcada para o próximo mês.

E se os europeus ocidentais se mostram decididos a enfrentar todas as consequências da sua emancipação da tutela americana, o que implica independência em toda a linha, da moeda à defesa, os japoneses permanecem hesitantes perante o dilema de permanecerem sob a alçada dos EUA, cedendo sempre que os seus interesses entrem em colisão com os de Washington, ou enveredarem por um caminho próprio, que será sinónimo de rearmamento.

Henry Kissinger, conselheiro de Nixon, devia ter ido a Tóquio este mês, em mais uma missão de importância vital, provàvelmente destinada a evitar o agravamento das divergências nipo-americanas. Devido à ofensiva anti-Saigão, a viagem foi adiada. Portanto, não causará muita surpresa uma visita secreta do professor-diplomata ao Japão, se bem que a sua eficácia venha a mostrar-se discutível, como a de outras viagens que o conselheiro presidencial tem realizado.

Novo avanço no Vietname leva a retirada de Dong Ha

SAIGÃO, 28 - (R.) - Tropas norte-vietnamitas, tendo na sua vanguarda tanques e reforçadas com uma nova divisão de infantaria voltaram hoje a romper as defesas governamentais ao recomeçarem com o seu avanço sobre a cidade ameaçada de Quang Tri - revelaram círculos militares.

Foi ordenado ás forças governamentais que retirem de Dong Ha, no rio Cua Viet, quando uma densa barragem de fogo de morteiros e foguetões caía na cidade.

As tropas norte-vietnamitas, que avançam, surgiram do outro lado do rio.

A nova arrancada norte-vietnamita forçou a linha de defesa governamental a recuar dez quilómetros.

A área e a frente setentrional contra as tropas comunistas, que avançaram através da zona-tampão desmilitarizada, que divide os dois Vietnames.

A nova ofensiva comunista registou-se depois de forças sul-vietnamitas comunicarem terem repelido o primeiro franco assalto contra Quang Tri e afirmarem ter destruido 14 tanques e morto 317 soldados norte-vietnamitas durante a luta.

MÍSSIL SAM

Um caça-bombardeiro americano Phantom F-4 foi abatido hoje a leste da cidade de Quang Tri por um míssil terra-ar Sam, de fabrico soviético, segundo anunciou o comando dos Estados Unidos.

Um informador do comando disse que os dois tripulantes se ejectaram em pára-quedas e foram recolhidos ilesos no Mar do Sul da China, perto da costa, por um helicóptero de salvamento.

Ignorava-se o míssil fora disparado do Vietname do Norte ou abaixo da zona desmilitarizadas. O informador acrescentou que se sabia que rampas de mísseis Sam se encontravam logo ao norte e dentro da zona-tampão.

MAIS SETE ABATIDOS

O vietname do Norte anunciou hoje que tinha abatido mais sete aparelhos americanos e que os Vietcong não ficara intimado pelo recente discurso do presidente Nixon acerca da Indochina.

O jornal oficial do exército de Hanói, declara, na sua edição da manhã, que a perda de seis aviões e de um helicóptero, ontem «constitui um aviso severo para os agressores americanos na sua escalada da guerra».

THO REGRESSA

Em Pequim, a China reafirmou o seu apoio ao Vietname do Norte num banquete em honra de Le Duc Tho, um membro do politburo norte-vietnamita, que regressa de Hanoi a Paris para o recomeço das negociações de paz.

Le Duc Tho chegou ontem a Pequim, de regresso á capital francesa, segundo comunicou a agência Nova China.

O delegado norte-vietnamita declarou, no banquete em sua homenagem, que «estamos a desencadear uma ofensiva contra os agressores americanos e os seus lacaios em todo o campo de batalha do Vietname e temos conseguido algumas vitórias...», acrescentando: «Estamos determinados a obter ainda maiores vitórias».

Mónaco premeia compositores musicais

MONTE CARLO — O presidente do Conselho Musical de Mónaco, anunciou ontem os laureados em 1972 com o prémio de composição musical. O prémio «Princípe Pedro do Mónaco» foi para Aenettovich, de nacionalidade italiana, de 22 anos, residente em Trieste, pelo seu «Concerto para Flauta e Orquestra».

Duas menções honrosas foram para Hugo Amendola, italiano de 55 anos, pelo seu «Concerto para Piano e Orquestra» e para Augustin Bertomeu Salazar, espanhol de 42 anos, pela sua obra intitulada «Confluências Equidistantes».

Não haverá novas Rodésias

- Afirmou Franco Nogueira na Assembleia Nacional

Na sessão desta manhã da Assembleia Nacional, o período antes da ordem do dia, foi dominado por um discurso de política internacional do antigo ministro dos Estrangeiros e actual deputado, dr. Franco Nogueira. Na sua intervenção, aquele parlamentar analisou a evolução do mundo pós-guerra atacando os «novos mitos» apoiados, segundo declarou, no socialismo, a Oriente, e no demo-liberalismo, a Ocidente.

Falou da nova política das potências, afirmando a certa altura que hoje assistimos ao descrédito desses «mitos», ao descrédito da ONU, à exploração do Terceiro Mundo, etc., acentuando que no meio da confusão actual, é o bom senso daqueles que são acoimados de «reaccionários» e «nacionalistas» que acaba por ter razão. Disse ainda que a viagem de Nixon a Pequim ou a Moscovo demonstrou a quebra de todas as falsas ideologias e o regresso a uma política de interesses nacionalistas e de esferas de influência.

O dr. Franco Nogueira, ouvido atentamente e com constantes aplausos da Câmara, criticou a Noruega e a Dinamarca, pela política de apoio aos terroristas que, segundo disse, resulta de «questões demagógicas internas». Também criticou outros actos que qualificou de anti-portugueses e louvou a política internacional do Governo português, bem como a sua política africana. Entendeu ainda que Portugal tem seguido a razão que lhe vem de uma política centenária e advertiu os ingénuos que possam pensar que Angola e Moçambique se possam tornar em novas Rodésias.

Não haverá novas Rodésias — afirmou aquele antigo ministro com certa força dramática, e exprimiu o ponto de vista de que Angola e Moçambique só podem existir enquanto forem portuguesas de contrário seriam dominadas e retalhadas ao sabor dos interesses dos vizinhos.

A concluir, o orador declarou que «estamos a praticar a nossa própria política, temos o nosso caminho, sigamo-lo. Digam os outros o que disserem».

Na ordem do dia, prosseguiu a discussão na especialidade da proposta governamental sobre a Lei Orgânica do Ultramar.

...Aos 20 anos, seu filho lhe dirá:

obrigado, papá!

Prepare hoje o futuro do seu filho comprando-lhe um andar em **Miraflores-Lux**! Dentro de 20 anos encontrará as mesmas razões que o levaram agora a fazer essa compra:

- a situação previlegiada de **Miraflores-Lux**, sem paralelo nos arredores de Lisboa,
- o meio ambiente social,
- a alta qualidade dos materiais de construção.
- 3, 4, 5, 6 e 7 assoalhadas
- Confortáveis condições de pagamento

Visite **Miraflores-Lux** e adquira o andar das gerações futuras!
Piscinas, Garagens privativas, Centro comercial, Escolas, Jardins... Equipamento Completo.

MIRAFLORES LUX *merece a sua visita*

ADVOGADOS	6%
ALTOS FUNCIONARIOS	6%
COMERCIANTES	9%
DIRECTORES EMPRESAS	7%
DIPLOMATAS	3%
ECONOMISTAS	3%
ENGENHEIROS E ARQUITECTOS	9%
GERENTES COMERCIAIS	7%
INDUSTRIAIS	6%
INVESTIDORES	12%
MÉDICOS	8%
PROFESSORES	2%
PROPRIETARIOS	7%
INVESTIDORES ESTRANGEIROS	4%
DIRECTORES BANCARIOS	2%
DIVERSOS	9%
	100%

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas Avenida das Tulipas - Lote 10 – Algés
Telefs 215756 - 216749 - 216768

MHP 12/72

Protesto de Portugal nas Nações Unidas

NAÇÕES UNIDAS, (Nova York), 27 (ANI-DL) Portugal negou enèrgicamente o direito da Comissão de Descolonização da ONU a considerar o «Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde», ou PAIGCV, representante «legítimo» representante «legítimo» da Guiné-Baissau.

A nota distribuída a esse respeito pela representação diplomática de Portugal junto da sede das Nações Unidas volta a refutar as afirmações de que elementos da Comissão de Descolonização visitaram certas zonas daquele território.

A declaração portuguesa visa, principalmente, uma resolução aprovada, há duas semanas, em Conakry, ácerca da viagem que a Comissão está a efectuar à Africa. Essa resolução considera o PAIGCV» único representante legítimo da Guiné Bissau.

A declaração salienta que a resolução divulgada em Conakry «é contrária ao princípio de soberania nacional inscrito na carta das Nações Unidas, e consitui uma clara violação de todas as normas de relações amigáveis entre as Nações e os Estados».

Encerramento da semana da agricultura

Ao dissertar, na manhã de hoje durante a sessão de trabalhos da Associação de Ciências Agronónicas, sobre os tipos de empresa mais adaptáveis às caracteristicas da agricultra nacional, o eng. Cândido Ferreira disse que se **impõe uma análise prévia do quadro em que se desenrola a agricultura (portuguesa) dopresente, para cuja rigidez muito contribuiram determinadas facetas de ntureza histórica, política, económica e social.**

A semana de estudos sobre a adaptação da empresa agrícola ao desenvolvimento económico (caso potuguês), que tem estado a decorrer na Fundação Gulbenkian, encerra esta tarde com intervenções do prof. Castro Caldas e eng. Américo Miguel.

ACTUALIZAÇÃO DAS RENDAS DE CASA NAS CIDADES DE LISBOA E PORTO

—Projecto de lei de Alberto Meirelles

Após ter sido apreciado pela Comissão Polética e Administração geral e local da Assembleia Nacional, vai ser remetido à Câmara Corporativa, para objecto de parecer, o projecto de lei da autoria do deputado pelo Posto, dr Alberto Meirelles, que prevê a revisão do regime de rendas de prédios destinados a habitação em Lisboa e Porto.

Como se sabe, o princípio da actualização das rendas de casas para habitação, por avaliação final, não se aplica aos concelhos de Lisboa e Porto. A lei 2030, de 22 de Junho de 1948 consignou um regime excepcional para os prédios destinados a habitação nas duas grandes cidades, não facultando aos senhorios, transitòriamente o recurso à avaliação. O Código Civil vigente mantém este regime, também com carácter transitório.

E o fim desta situação excepcional que o deputado Alberto Meirelles, fazendo-se porta-voz dos proprietários urbanos das grandes cidades, propõe. «**A situação actual é profundamente injusta**», lê-se no relatório do projecto de lei, «**e não é desconhecida; mas não é este relatório, por natureza breve, o local próximo para nos alongarmos na demonstração dessa injustiça. A crescentaremos sòmente que não podem conceber-se fàcilmente dois regimes jurídicos sobre a matéria. Se é posto e equilibrado o sistema da avaliação fiscal instituído pela lei n.º 2030, hoje codificado, não se vê razão para que se mantenha a excepção vigente em Lisboa e Porto - a que tão maus resultados parecem estar ligados**».

E o seguinte o texto do projecto de lei, que só será votado na próxima sessão legislativa, a iniciar em Novembro:

Artigo 1.º

Nos primeiros ou em novos arrendamentos de prédios para habitação, não poderá exigir-se renda mensal de montante superior ao duodécimo do respectivo rendimento ilíquido inscrito na matriz ou que resulte de avaliação, nos termos do decreto n.º 37 021, de 21 de Agosto de 1948, para o efeito requerida pelo locador.

Artigo 2.º

Na porta de entrada de prédio facultado a arrendamento, ou em outro seu local bem visível, é obrigatória a indicação da respectiva identificação matricial, do correspondente rendimento ilíquido e da renda pedida.

Artigo 3.º

Os arrendamentos para habitação em Lisboa e Porto ficam sujeitos ao regime dos artigos 1 104.º e 1 105.º do Código Civil, mas a faculdade reconhecida aos senhorios de requerer a avaliação fiscal para correcção do rendimento ilíquido inscrito na matriz subordinar-se-á, temporàriamente, ao regime fixado nos artigos 4.º, 5.º e 6.º desta lei.

Artigo 4.º

1. Nos primeiros quatro anos da vigência desta lei a avaliação fiscal não é ser requerida se a renda tiver sido convencionada posteriormente a 31 de Dezembro de 1965;

2. Durante os anos de 1973, 1974 e 1975 só poderá ser requerida se a renda tiver sido convenvionada posteriormente a 31 de Dezembro de 1965;

2. Durante os anos de 1973, 1974 e 1975 só poderá ser requerida a avaliação para efeito de actualização das rendas convencionadas até 31 de Dezembro de 1938, 31 de Dezembro de 1964 e 31 de Dezembro de 1960, respectivamente.

3. A partir de 1 de Janeiro de 1976 poderá ser requerida a avaliação para efeito de correcção das rendas convencionais até 31 de Dezembro de 1965.

Artigo 5.º

A actualização da renda para o duodécimo do rendimento ilíquido resultante da avaliação permitida pelos n.ºs 2 e 3 do artigo anterior operar-se-á gradualmente com o aumento, em cada semestre, de 20 por cento do montante da renda mensal da avaliação, não podendo ser requerida nova avaliação enquanto não estiver, desse modo, ultimada a actualização.

Artigo 6.º

Os aumentos permitidos por esta lei são exigíveis mediante aviso do senhorio feito por qualquer modo, a partir do mês seguinte àquele em que tenha sido feita a comunicação.

Artigo 7.º

1. Os locatários de prédios arrendados para habitação, poderão requerer a avaliação do prédio para o efeito de fazer baixar as rendas convencionadas.

2. Aplica-se a estas avaliações o regime estabelecido no Decreto n.º 37021 de 21 de Agosto de 1948, com as necessárias adaptações.

3. A nova renda é devida a partir do mês seguinte àquele em que o locatário avisar por modo o senhorio de que passará a pagar o montante do duodécimo do rendimento ilíquido resultante da avaliação.

Artigo 8.º

Se o contrato de arrendamento tiver conjuntamente por objecto a habitação e o exercício de comércio, indústria ou profissão liberal, e dele não constar, nem da matriz, a promoção entre a parte destinada a habitação e a respeitante a qualquer daquelas actividades, é aplicável o regime deste diploma enquanto não se fizer a destrinça por forma legal.

Artigo 9.º

1. Constitui crime de especulação, punível nos termos da lei respectiva, o recebimento de renda de montante superior aos limites fixados neste diploma.

2. A sentença condenatória ordenará a restituição ao locatário do que a mais tiver pago.

Artigo 10.º

O Governo procederá à revisão do decreto-lei n.º 37021 de 21 de Agosto de 1948 por forma a facilitar, a boa execução da presente lei.

Mario Castrim em Ovar

O Grupo Atlético Vareiro, de Ovar, dando continuidade a um ciclo de conferências sob temas que vão do educacional ao artístico, promove hoje, a partir das 21 e 30, uma mesa-redonda em que será debatido o problema da criança e da T. V. como meio educacional. Tomam parte o professor Calvet de Magalhães, Maria Cândida Mendonça, Mário Castrim, Amélia da Fonseca e Alice Vieira.

Amanhã, no mesmo local e às 16 e 30, haverá um colóquio com Mário Castrim.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Bica «Bica, «Casa Palma Bica», Praça do Brasil SETÚBAL

Se à MELHOR qualidade corresponde o MELHOR preço tenha V. tambem o MELHOR! Tenha um GRUNDIG

a qualidade... ...e a forma perfeita

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luiz Pinto, «Café Sena» CEIA

A CORTE DE D. PEDRO IV

por ALBERTO PIMENTEL

NO MOMENTO OPORTUNO O DOCUMENTO DE UMA ÉPOCA

UMA EDIÇÃO DA Parceria A. M. Pereira, L.da

à venda em todo o país

LIVREIROS-EDITORES R. AUGUSTA, 64-66 - TELEF. 36 17 30 LISBOA

ÉUMVENDEDOR AMBICIOSO?

Se respondeu SIM, aproveite a oportunidade que uma importante Editora coloca ao su alcance.
Procuramos promotores ambiciosos.
Proporcionamos boas condições de renumeração, acesso nos quadros da empresa e apoio promocional.
Responda-nos para o Apartado n.º 21 199 ou pelo telefone n.º 863151/2.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
NÃO TEM SUCURSAIS
ABERTO AOS DOMINGOS

Estalagem "A GRUTA DO RIO"
RIO DE MOURO
Telef. 2980535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 79 02 11
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

INDIGESTÃO?...

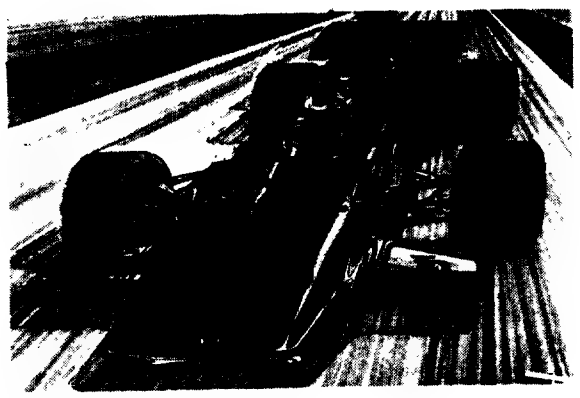
apenas em 3 minutos alivia o seu estômago de indigestões e acidez

Depois das refeições, se sofre de desarranjos estomacais, tome MAGNÉSIA BISURADA, em pó ou em comprimidos. Os medicamentos que a compõem, agem com prontidão e eficácia. Em 3 minutos aliviam as dôres, descarregam o estômago de opressões e dão-lhe novamente o prazer de se sentir bem. Tenha sempre consigo MAGNÉSIA BISURADA, em pó ou comprimidos.
Agora em modernas embalagens

MAGNÉSIA BISURADA* DIGESTÃO ASSEGURADA

* MARCA REGISTADA

TEXACO



CAMPEONATO DO MUNDO FÓRMULA I

GRANDE PRÉMIO DE INGLATERRA

EM SILVERSTONE

1.º E. FITTIPALD — LOTUS

UTILIZOU EXCLUSIVAMENTE

LUBRIFICANTES TEXACO

AGORA À VENDA EM PORTUGAL

DISTRIBUIDORES:

DIREX — Rua Saraiva de Carvalho, 207-B

Telefone: 66 06 58 — LISBOA

INAUGURAÇÃO

Em 1 de Maio

Garagem Auto Mónica, L.da

RUA SANT'ANA À LAPA, 71-C — LISBOA

A PRIMEIRA ESTAÇÃO DE SERVIÇO

TEXACO

EM PORTUGAL

COMUNICADO

STANDCAR

Comunica que o seu Salão de Vendas se encontra aberto todos os dias úteis, das 9 às 24 horas, a fim de apresentar ao público os novos modelos.

SKODA 110-R-COUPÉ

SUSUKI-500

ESTRADA DE BENFICA, N.º 707-A e B

TELEFONES: 708839-704626

"EXCESSOS FUTEBOLÍSTICOS" TAMBÉM EM ALMADA

Do nosso leitor sr. Luís de Almeida Silva, de Almada, recebemos a seguinte carta:

«No V. jornal de 30 de Março, na secção «Dizem os leitores», com o título «Excessos futebolísticos», uma leitora chamava a atenção para o facto de em determinada Zona de Lisboa, num campo de futebol aí existente, as bolas saltarem por cima do muro e virem bater nos carros que passam, o que põe em perigo os peões e os automobilistas, pedindo que se chamasse a atenção de quem de direito.

Pois em Almada acontece pior, no antigo campo do Ginásio Clube do Sul. O campo fica ao nível de um 1º andar, não tem qualquer protecção e as bolas batem nos vidros das janelas dos prédios, que os circundam, nos carros estacionados e nos que circulam, causando-lhes prejuízos, e as entidades responsáveis, neste caso a Câmara de Almada, responde da forma mais cómoda, que é a do ofício cuja fotocópia junto.

Devo esclarecer que (para melhor compreensão do referido ofício) existem umas barracas entre o campo (ao longo deste) e os prédios, onde os seus habitantes (ciganos) fazem as necessidades ao ar livre, sem se importarem com os moradores dos prédios. À noite por vezes há zaragatas que até metem tiros, tudo isto ignorado pela Câmara, como prova aquela fotocópia, pois até à presente data tudo continua na mesma.

Quanto a prejuízos já tenho, à minha conta, um vidro de uma porta da varanda e uma antena do carro.

Não tiro mais tempo a V. Ex.ª e agradeço antecipadamente como leitor do «D. L) **texto da resposta da Câmara Municipal de Almada ao nosso leitor sr. Luís de Almeida Silva (constante da citada fotocópia):** «Em referência ao solicitado na carta de 17 do corrente, informo V. Ex.ª que a responsabilidade dos danos consequentes dos jogos de futebol no campo do Ginásio Clube do Sul é da organização dos mesmos.

Quanto aos esgotos das barracas, esclareço V. Exª que estão em curso diligências quanto à solução dos mesmos.»

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

Caravanas rolotes

AR LIVRE, LDA.

NOVAS E USADAS

Largo Hintze Ribeiro, F.A.

(Rato) — Tel. 65 09 67

Lisboa

PAPELARIA FERROS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64/66.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

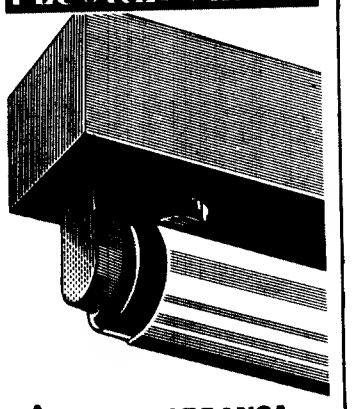
CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

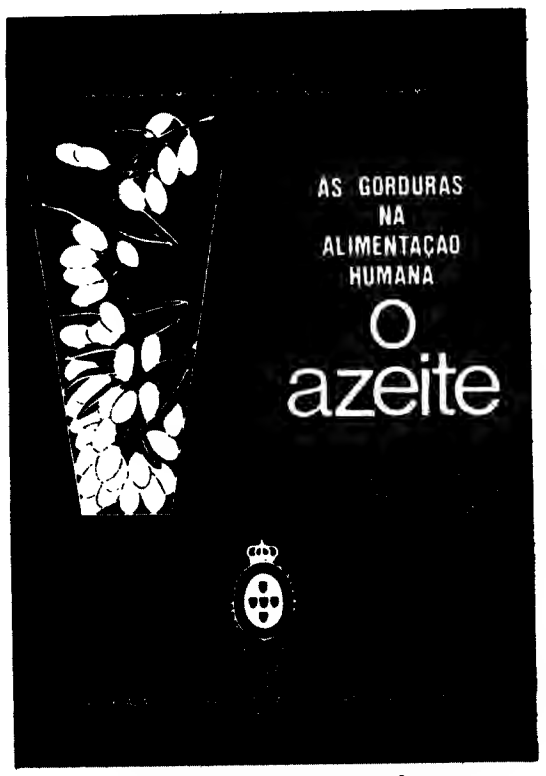
ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE



LÂMPADAS, ARRANCADORES, SUPORTES, BALASTROS E ARMADURAS

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA

TEL. 654165 * LISBOA



A VERDADE CIENTÍFICA ACERCA DO AZEITE

LIVRO INDISPENSAVEL AOS MÉDICOS E A TODAS AS PESSOAS ESCLARECIDAS

À VENDA NAS LIVRARIAS

LOTES PARA MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS ISOLADAS OU GEMINADAS

•

Preços a partir de: 100 contos

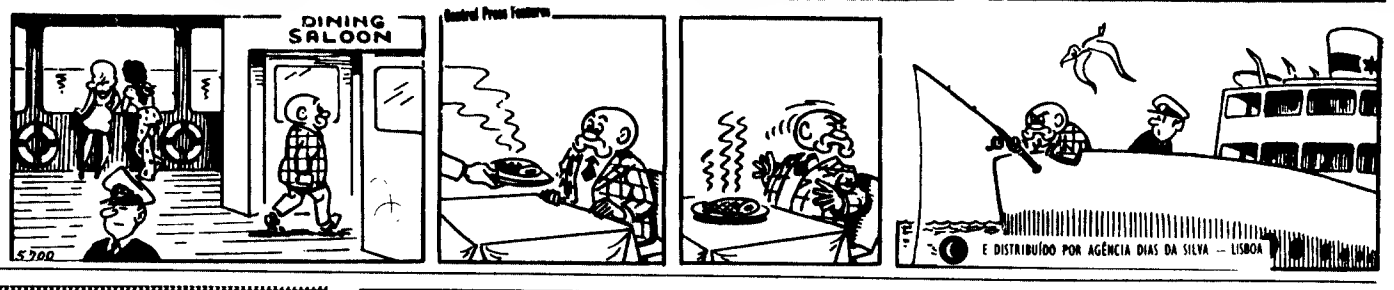
Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telefs.: 282345 - 280749 — CASCAIS

CASTEL EXPULSO

O actor sueco Lou Castel, há vários anos radicado na Itália, onde participou do elenco de numerosos filmes, inclusive os chamados «western-spaghettis», acaba de ser expulso daquele país, devido às suas actividades políticas. Castel tinha apenas visto de turista. Depois de uma entrevista que concedeu à imprensa em Roma e na qual fez declarações hostis ao governo italiano, foi sumàriamente conduzido ao aeroporto, sob a alegação de que o seu visto tinha expirado e que a sua presença era indesejável. (Telefoto UPI - Telimprensa - «DL»)



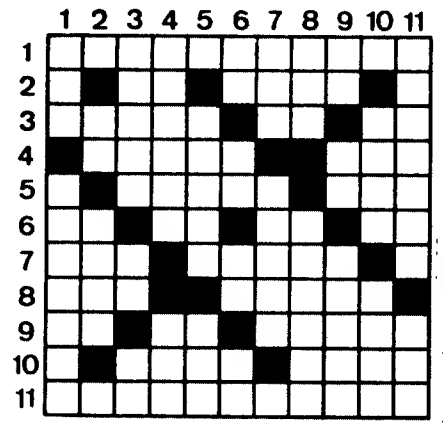
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 073

HORIZONTAIS:

1 Concluíram
2 Prefixo de negação. Vaso cavo (ant).
3 Munir Moderato (música) (abrev) Post scriptum.
4 Cidade do dep. de Bocas do Ródano Patas
5 Magros. Olá.
6 Prefixo que designa afastamento. Miriare. Ilha francesa do Mediterrâneo Prefixo de privação.
7 Colocar. Carcunda (prov)
8 Língua do grupo tibetano, falada ao N. do Tibete. Cidade do estado de S. Paulo.
9 Basta. Aragem. Demónio.
10 Pássaros. Rio navegável da Rússia oriental
11 Juncaríamos



VERTICAIS:

1 Mau cheiro Sapatos largos e grossos
2 Reis. Órgão da fala
3 Montões. Rádio (s q.) Antes do meio dia.
4 Metam em mala. Rio de Portugal.
5 Esfregam. Mãe de Romulo e Remo.
6 Actínio (s.q). Laço Antigo Testamento. Senhor.
7 Rio da Sibéria O Arão da Bíblia
8 Mulher chinesa da classe baixa Fresquidão.
9 Nome que os Egípcios davam ao Sol. Rio de Itália. Tratam por tu.
10 O mesmo que sertã ou frigideira (Prov. beir). Crosta escamosa que se forma na cabeça das crianças (pop)
11 Cidade do Peloponeso Duna na Suécia.

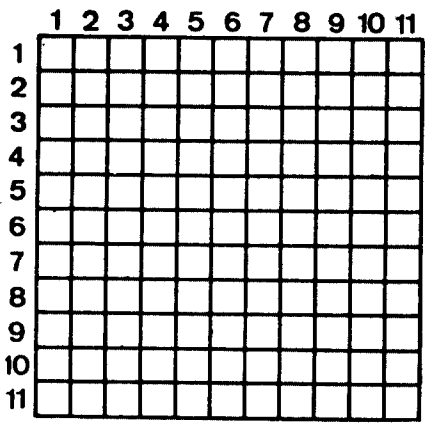
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6231

HORIZONTAIS:

1 Porquinho-da-Índia. Cálcio (s.q) Solitário.
2 Rei da Baviera que atacado de loucura foi inclausurado no castelo de Fustenried. Povo da Ilíria
3 Doença. Torces.
4 Bordo (planta) Observara
5 Trata por tu Corrente de água
6 Lance de si
7 Batraquio Rio de França Sopro
8 A Irlanda Bebedeira (T do Fundão)
9 Estacionam Adegas
10 Acrescentara Variedade de quartzo muito duro, de cores vivas e variadas
11 Roçar Divisões de uma casa



VERTICAIS:

1 Juba Ascender
2 Atacador Serra de Portugal
3 Uma das figuras das cartas de jogar também chamada conde Rio da Turquia.
4 Flauta chinesa de três buracos Meditara
5 Suspiros Oceano.
6 Um cento Letra grega
7 Motejar Cabelos brancos
8 Conciliara. Extingue (o fogo)
9 Encolorizado. Garantia de pagamento de uma letra dada por terceiros
10 Tangera Asa do nariz
11 Serra de Portugal Automóveis de grande categoria (pop)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 072

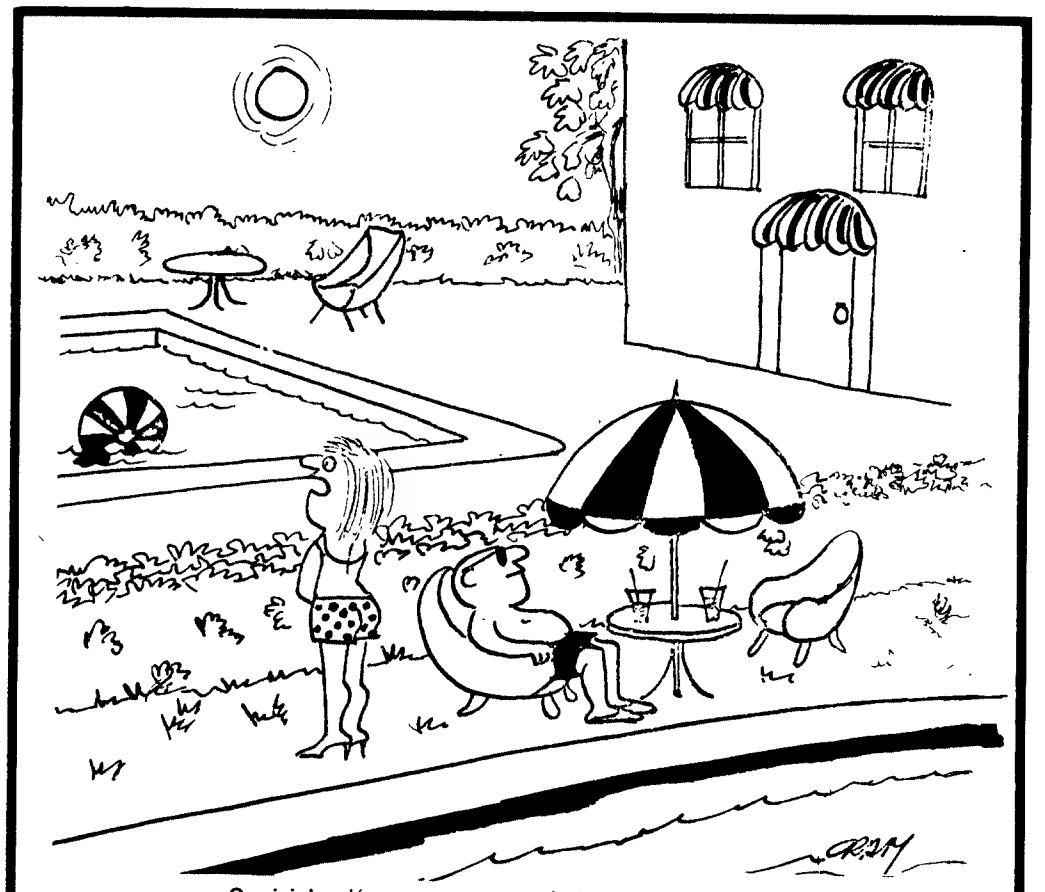
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Balar. Mauça	1 Balbo. MCCCV
2 Atum. Cartas	2 A ai. Vara.
3 Lazarone. SS	3 Luz RICA. Ou
4 Bi. Demo Paô	4 Amadora
5 Rom Sauda	5 Rem. Regra
6 Vir. Clã	6 Com.
7 Maçar. Deã	7 Manos Dia
8 Crá. Emir. Fr	8 Are. Acercar
9 Ca. Cg. Acaia.	9 Ut. Pula Ali
10 Re. Alco.	10 CASADA. FICA
11 VIÚVA Crias	11 Assoa Araós.

PROVÉRBIO Viuva rica, casada fica.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6230

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Pu. Pepim. Ta.	1 Peória Mi
2 Ela. Sim. Ler	2 Ula. Arcadia
3 Oaio. Pari	3 Ain. Canada
4 Numário	4 Ouros Dam
5 Ia Rã Ur Ac.	5 És Mas, Pesa
6 Arcos lasso.	6 Pica Fa
7 Cãs Sus	7 Im Rui Utás
8 Man Pau Mol	8 Piras Eró
9 Idade Teima	9 Lao Sumira
10 Idas Arrã	10 Ter Assomar
11 Caama. Soara	11 Arisco Lã

— O próximo!



— Os vizinhos já compraram outra bola nova para a piscina..

Benfica e Estrela Vermelha finalistas do Torneio Internacional de Juniores

Benfica e Estrêla Vermelha vão disputar, no domingo, a final do Torneio Internacional de Juniores, competição futebolística dotada com o troféu «Ribeiro dos Reis».

Ontem, efectuaram-se jogos em Faro, Leiria, Barreiro e Braga. Resultados e marcadores:

BENFICA, 2 - AJAX, 0

Encontro em Faro.

BENFICA — Fidalgo; Ramalho, Bastos, Soares e Franque; Sheu e Alves (Bernardino); Eurico, Norton, Sarmento e N'habola.

AJAX — Plankeu; Braam, Visser, Jansen e Dord; Baas e Hilster; Ombre, Bijvank, Zenderman e Heijt.

Golos de N'habola e Sarmento.

ACADÉMICA, 1-RANGERS, 0

Embate em Leiria.

ACADÉMICA — Carlos; Martinho, Alhinho, Jaime (Ramos) e Sérgio; Wilson (Augusto), Mueteira e Gregório; Filipe, Vítor Manuel e Costa.

RANGERS — Robertson; Burke, Thombson Callin e Struthers; Donaldson e Bannymon; Harrison (Pirrie), Walter (Michol), Dongael e Donald.

Tento de Costa.

VITÓRIA DE SETÚBAL, 2 - CAGLIARI, 0

Confronto no Barreiro.

V. SETÚBAL — Marrafa; Simões, João Cardoso, Praxedes e Serronha; Carlos Alberto, Sabu e Leonardo; Augusto (Henrieque), Marinho (Narciso) e César.

CAGLIARI — Copparoni; Matta, Melis, Loche e Lamagni; Leschio, Casciani (Losito) e Giordano; Simonali (Bellucci), Piras e Idini.

Goleadores: César e Leonardo.

F.C. PORTO, 1 - ESTRÊLA VERMELHA, 2

Duelo em Braga.

F. C. PORTO — Quim; Agostinho, Edgar, Teixeira e Gabriel; Júlio e Valdemar; Ferreira da Costa (Tavares) e António Joaquim; Zenha (Castro)e Ilídio.

E. VERMELHA — Atanaskovic; Popovic, Tupajic, Raduca e Valsiljevic, Getina e Radoswlejevic; Bibijakavic, Stefanovic, Djuric e Balascask (Savic).

Marcaram: Radoswlejevic (2) e Júlio.

Classificação da série A: Estrêla Vermelha e Académica, 5 pontos; Rangers, 2; Futebol Clube do Porto, 0. Estrela Vermelha (7-3) tem melhor coeficiente que a Académica (4-2).

Na série B: Benfica, Vitória de Setúbal e Ajax, 4 pontos; Cagliari, o. Benfica (4-1) tem melhor produtividade que Vitória de Setúbal (3-1) ou Ajax (2-2).

Quarto precisa-se

Zona de Algés, com pensão completa e tratamento de roupas para cavalheiro de posição.

Resposta pelo telefone n.º 650212 ou a este jornal ao n.º 250.

AGENTE OFICIAL:
OLIVEIRA
Electrodomésticos
Av. Almirante Reis 95-A
Tel. 538323
LISBOA

Agostinho: terceiro na "Vuelta"

Apenas com dez segundos mais que o vencedor, Joaquim Agostinho classificou-se no terceiro lugar da prova de contra-relógio, na distância de seis quilómetros, com que ontem se iniciou a «Volta a Espanha».

Previstos 90 corredores, a partida foi dada com a comparência de uma centena, já que à última hora se registou a inscrição da turma espanhola «Karpy».

A vitória desta corrida inicial coube ao holandês René Pijnen, com o tempo de 7 m e 34 s (à média de 47,5 km/h), logo seguido por Gonzalez Liñares (da Espanha) que averbou dois segundos mais.

Joaquim Agostinho fez, portanto, 7 m e 44 s.

A seguir classificaram-se: 4.º — Jesus Manzaneque (Espanha) 7 m 45,7 s; 5.º — Leif Mortensen (Dinamarca) 7 m 49,4 s; 6.º — José Pesarrodona (Espanha) 7 m 49,8 s; 7.º — Bernard Labourdette (França) 7 m 51,5 s; 8.º — Miguel Maria Lasa (Espanha) 7m 51,6 s; 9.º — Gerard Vianen (Holanda) 7 m 52,0 s e 10.º — Francisco Galdós (Espanha) 7 m 52,4 s.

Corre-se hoje a tirada Fuengirola — Cara, na extensão de 159 quilómetros.

DESPORTO ESCOLAR

Torneio de apuramento para o Madrid-Lisboa

De acordo com o programa estabelecido desenrolou-se no Pavilhão da Tapada da Ajuda e no Estádio Universitário (andebol)e no ginásio do Liceu Pedro Nunes (voleibol) a primeira jornada dos torneios masculinos de Iniciados que virão indicar os representantes da zona de Lisboa na fase final (distrital) prevista para 13 e 14 de Maio do campeonato escolar.

RESULTADOS (andebol)

1.ª série: Liceu Pedro Nunes, 16-Escola Luis António Verney, 12 e Liceu D. Pedro V, 19-Escola Nuno Gonçalves, 13.

2.ª série: Escola D. António da Costa, 16-Escola Eugénio dos Santos, 9 e Liceu D. João de Castro, 22-Colégio Manuel Bernardes, 15

3.ª série:Escola Francisco Arruda, 20-Pupilos do Exército, 15. O Liceu Camões venceu o Liceu Gil Vicente por falta de comparência deste último.

4.ª série: Liceu Passos Manuel, 13-Escola Ferreira Borges, 10

RESULTADOS (voleibol)

1.ªsérie: Escola Veiga Beirão, 3-Liceu Passos Manuel, 0.

2.ª série: Colégio Valssassina, 3-Escola Eugénio dos Santos, 0; Escola Pedro de Santarem, 3-Liceu D. Pedro V, 1. Os jogos Colégio Militar-Liceu Padre António Vieira (da 4.ª série, andebol) e Colégio Militar-Liceu D. Pedro Nunes (da 1.ª série, voleibol) terão lugar no próximo domingo.

Os torneios prosseguem amanhã com jogos previstos para os campos da Escola Ferreira Borges e Casa da Mocidade (andebol) e Tapada da Ajuda e ginásio do Liceu Pedro Nunes (voleibol) todos com inicio às 15 e 30.

BOXE: A Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo realiza hoje, pelas 21 e 45, a quarta sessão do «Torneio de Estreantes». Disputar-se-ão sete combates, um delés entre os «consagrados» plumas António Mondim e José Luis.

MOEDA OLÍMPICA: Cunhadas especialmente para os Jogos de Munique, serão postas a circular (entre 9 de Maio e a abertura dos Jogos) cinquenta milhões de moeadas de prata, com o valor nominal de 10 marcos (cerca de 90$00) que se destinam a financiar as competições.

DL
EM TODAS

TOTOBOLA

Académ.-E. Vermelha	X
Benfica-Cagliari	1
Porto-Rangers	1
Setúbal - Ajax	2
E. Vermelha-Rangers	1
Académica - Porto	1
Cagliari-Ajax	2
Setúbal-Benfica	2
Cagliari - Setúbal	1
E. Vermelha - Porto	2
Ajax-Benfica	1
Rangers - Académica	2

LUTAS AMADORAS: A Federação enviou a todos clubes seus filiados com base nas dificuldades surgidas para a formação da selecção nacional, uma circular em que aponta os problemas existentes e apela para uma coligação de esforços que permita o incremento da modalidade.

FARO: Nos Campeonatos Regionais de Iniciados (Masculinos e Femininos) os atletas mais destacados foram: João Caetano, António Gonçalves, Lélio Amado, Mário Alves, Francisco Glória, Gualdino Viegas, Marcelino Santos, Francisco Martins, José dos Santos, António Figueira, Deodato Guerreiro, João Fernandes e Maria Isabel da Encarnação.

HÓQUEI EM PATINS: Com vista à formação da Selecção Nacional, faz-se amanhã, pelas 17 horas, no pavilhão do Clube Atlético de Campo de Ourique, uma sessão de observação.

HOQUEI EM CAMPO: Foram escolhidos para os cargos de «seleccionadores-treinadores das equipas seniores e júniores os srs. Álvaro de Jesus Gonçalves e Manuel Henrique Bravo.

RECURSO: O Conselho Jurisdicional da Federação de Basquetebol deu razão ao protesto apresentado pelo Clube Nacional de Natação sobre o jogo com o C. I. F. (para o «Nacional» Feminino da I Divisão). O encontro repete-se amanhã ás 22 e 30, no Pavilhão da Ajuda.

AÇORES: O União de Tomar venceu (por 3-0) o Lusitânia de Angra do Heroismo.

«LIBERTADORES DA AMÉRICA»: O S. Paulo do Brasil, derrotou, o «Independiente», da Argentina, por 1-0, num encontro a contar para as meias-finais da «Taça dos Libertadores da América» e que correspondia à 1.ª «mão» da eliminatória. O único golo do encontro foi marcado por Toninho.

Dulce Gomes Gonçalves Ferreira

Missa do 1.º ano

Raimundo António Ferreira, filhas, netos, irmão e mais família participam que será rezada Missa no dia 29, pelas 12 horas na Igreja de São José ao Largo da Anunciada, por alma de sua mulher, mãe, sogra, avó e parente, agradecendo a todas as pessoas que se dignem asistir a este piedoso acto.

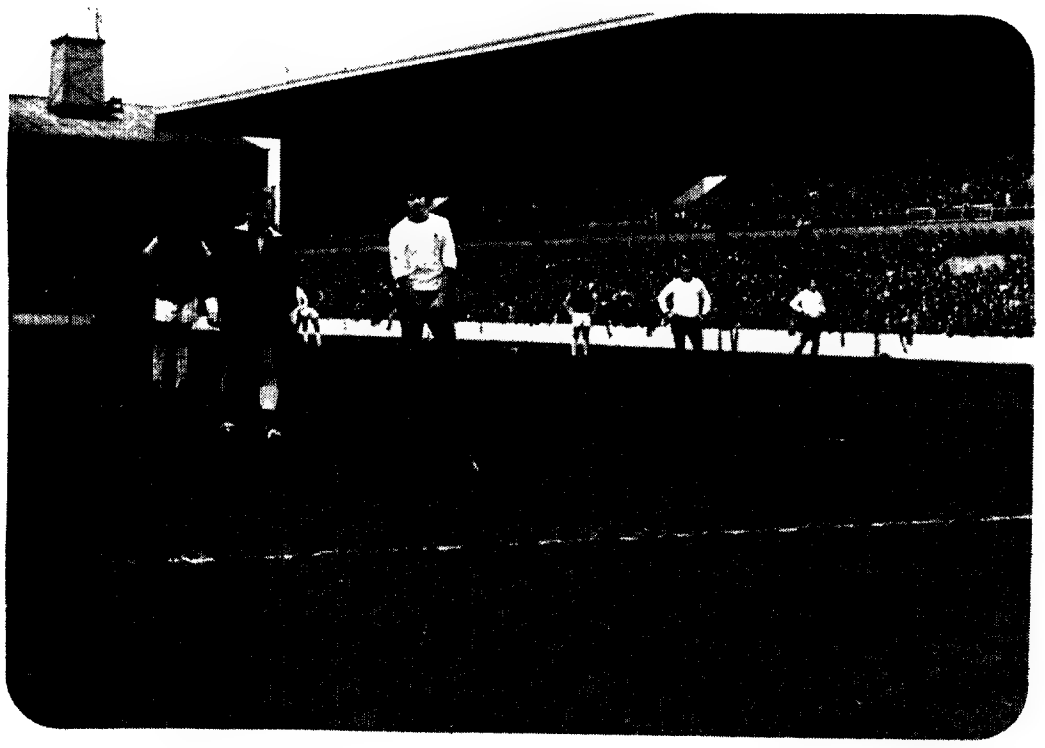
Allen: esperança Sportinguista-73

Confirmação plena da notícia dada em primeira mão pelo nosso jornal: Ronnie Allen é o novo treinador do Sporting e tudo indica que se encontrará em Portugal no fim da próxima semana.

O famoso «manager» inglês iniciou a sua carreira de futebolista no Port Vale. A sua fama como avançado-centro surgiu rápida e pouco depois militava no West Bromwich Albion, ao serviço do qual foi várias vezes «internacional». Acabada a sua actividade no Crystal Palace, tentou ser treinador do Wolwerhampton, o que veio a conseguir passados tempos, satisfazendo assim uma das suas grandes ambições. Aqui esteve, com resultados satisfatórios, durante quatro épocas, transitando depois para o Atlético de Bilbao e conseguindo colocar os bilbaínos em lugar de destaque no campeonato. Agora, no Sporting mais uma vez terá oportunidade de demosntrar as suas reais qualidades.

FUTEBOL BRASILEIRO NA HORA DOS MILHÕES

DEPOIS DE TOSTÃO FISHER E GERSON



RIO DE JANEIRO, 28 __ O futebol brasileiro está na hora dos milhões: Tostão foi o ponto de partida para as transferências sensacionais. Enquanto muitos nomes giram já nas esferas altas dos dinheiros, dois deles são já (quase) realidades: Fisher e Gerson.

Fisher, que é titular da selecção argentina, e representava o San Lorenzo, não tornará a vestir a camisola representativa da selecção do seu país, nem a do seu clube: acaba de ser transferido para o Botafogo, por troca de 150 mil dólares (cerca de (4.500 contos).

O jogador deve chegar ao Rio de Janeiro ainda esta semana, para iniciar a sua preparação. Não está ainda marcada a data da sua estreia.

A história desta transferência, tratada no segredo dos deuses, é relativamente curta: Tudo começou na passada semana, quando o vice-presidente do Botafogo, Xisto Toniano, entrou em contacto com os dirigentes de San Lorenço de Almagro. Havendo hipóteses de o negócio se realizar, os últimos acertos foram feitos telefònicamente entre os presidentes dos dois clubes, Altemor Dutra de Castilho e Juan Carlos, amigo íntimo do treinador do Botafogo, Tim. Este, quando a transferência se concretizou, deu largas ao seu contentamento, pois conhece bem o jogador quando treinou o S. Lorenzo de Almagro. Fisher - disse **«é um jogador de primeira categoria e vice-artilheiro do campeonato deste ano.»**

O casal Gerson voltará ao Rio

Cristiane (3 anos) não se dá com o clima de São Paulo

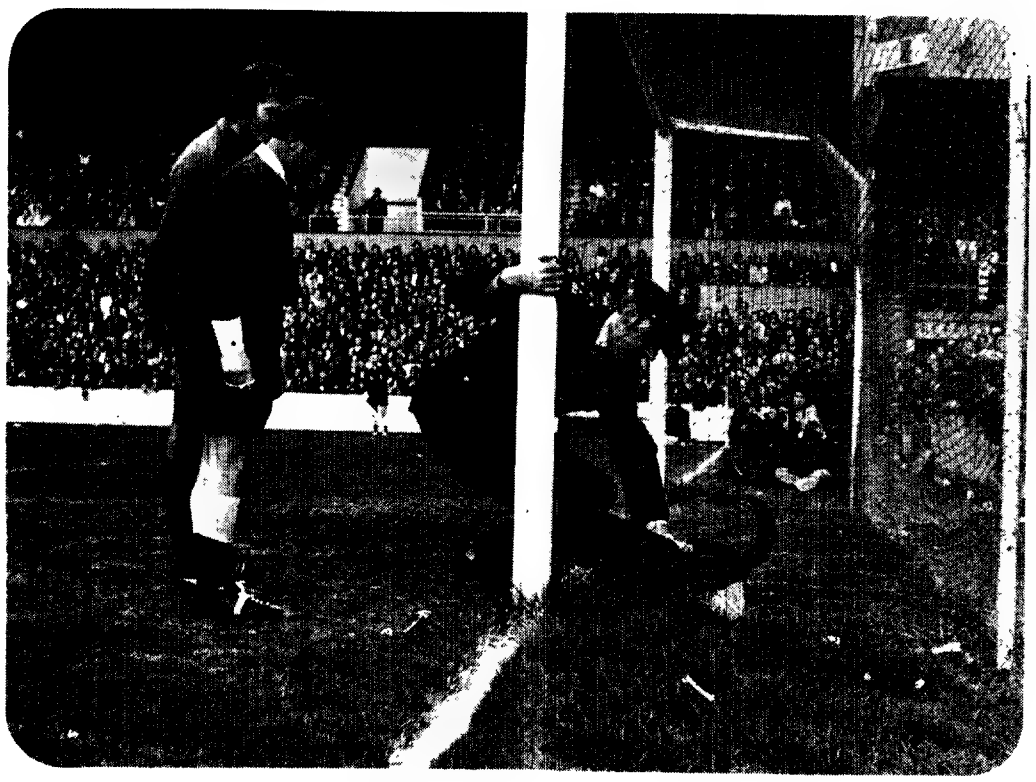
GERSON CUSTA 6.500 CONTOS

Gerson, que pertencia ao S. Paulo, andava a manifestar há muito o desejo de se transferir para o Rio. O primeiro clube a interessar-se foi o Botafogo, mas depois surgiu o Fluminense (da dupla Zezé Moreira-Paulo Amaral) que subiu a parada e tudo indica virá a ganhar. Pelo «passe» de Gerson, o Fluminense pagará 1 milhão e 300 mil cruzeiros (cerca de 6.500 contos). A proposta do Botafogo era ligeiramente inferior: um milhão e 200 mil cruzeiros (500 mil à vista, e o restante em sete prestações de cem mil).

Gerson, não esconde a urgência que tem em sair de S. Paulo rumo ao Rio. A sua vida particular, transformou-se num autêntico drama, em fase da doença de sua filha Cristiane, de 3 anos de idade. Ela não se dá bem com o clima de S. Paulo, e o médico aconselhou urgente mudança de clima. É por isso que Gerson volta no Rio de Janeiro.

À data do envio deste material para a redacção, não está ainda definitivamente assente a ida de Gerson para o Fluminense, embora todos estejam convencidos de que a transferência se efectivará. O jogador, porém, não tem outra solução: sair de S. Paulo, nem que para isso tenha de deixar a sua profissão. Entre o futebol e a filha, escolherá, em última análise, a última.

Entretanto, o Fluminense (quase com o passe de Gerson na secretária), não desarma: e quer Artime, do Nacional de Montevideu. Quem lança a notícia é Zezé Moreira, esperando-se apenas que o Nacional seja eliminado da «taça dos Libertadores da América», para a transferência se concretizar. Não há dúvida: o futebol brasileiro vive a hora dos milhões.



AS EMPRESAS J. PIMENTA MOVIMENTAM-SE

Um grupo de directores e técnicos das empresas J. Pimenta partiu para a Alemanha, a fim de visitar a importante Feira de Hanover e alguns centros de especialização o que muito virá a contribuir para o desenvolvimento daquelas empresas.

Entretanto, regressou de Itália um outro grupo de dirigentes, que foram acompanhados pelo sr. João Pimenta, presidente do Conselho de Administração e administrador sr. Mário Fernando Martins, que teve o ensejo de estabelecer diversos contactos tendentes a um melhor conhecimento da evolução técnica, na utilização do homem e da máquina.

AVISO FORMAL!

Pedi, implorei! Se não deixares de dizer coisas feias a meu respeito ou não apareceres ou telefonares para o 533959 (às horas que sabes), dentro de 48 horas tomarei providências.

Odeio-te, Harry Kellerman!

Nesta altura entra a polícia

Jogavam West-Ham e Liverpool e as coisas não estavam a correr bem para a primeira equipa, que perdia por 2-0.

De súbito, um jogador não equipado resolve entrar em campo; revelando boa preparação física, deambula por todos os terrenos, consegue «dribles» estonteantes, o próprio árbitro é fintado. Muito cavalheiro __ ou não estivessemos em Inglaterra __ o jogador de quatro patas, que por acaso é o cãozinho que vêm nos retratos, toma o partido do clube mais fraco: avança, codicioso, para a baliza do Liverpool! Offside, Offside, grita o guarda redes! O árbitro apita, o jogo interrompido e o nosso canino herói aproveita o poste para fazer aquilo que os seus iguais fazem normalmente encostados a uma árvore.

Uma multidão de cerca de 36 mil pessoas aplaude a jogada. Mas então entra a polícia, porque, francamente, há coisas que não se fazem em recintos publicos, mesmo na terra dos fleumáticos, e indiferentes ingleses. Não sabemos é se foi efectivamente aplicada a multa correspondente à contravenção. É um pormenor que não consta desta história a três retratos que publicamos graças ao nosso serviço de intercâmbio com «The Sun».

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	435$	–	435$
Cons 3 %	456$5	–	–
Cons 3 1/2	557$	–	–
Centenarios	–	1.284$	–
Tes 5 % 57	1.000$	1.000$	–
Tes 5 % 59	1.000$	1.000$	–
Exter 1ª s	–	600$	–
Extern 1ª c	605$	600$	–
Extern 3ª s	–	800$	830$
Extern 3ª c	–	820$	–
Caut 3ª s	–	–	170$

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx 6 %	–	950$	–
C M L 5 3/4	–	960$	965$
C P 5 5 % — 67	–	930$	–
C P 5,5 % — 68		–	960$
C P 5 5 % — 69		–	–
Corr 5 3/4 %	–		–
Metr 5 3/4 %			930$
Tur 5 3/4 %	1.000$	1.000$	–

ELÉCTRICAS

G 5 % — 58		–	800$
G 5 % — 59	–		780$
G 5 % — 62	965$	960$	980$
G 5 % — 63	965$	960$	980$
G 5 % — 64	965$	950$	970$
G 5 % — 65			980$
G 6 % — 67	–	–	980$
G 6 % — 69	–		980$
G 7% — 71	1.008$	1.005$	1 009$
H E C 5 %	–	785$	–
H E C 6 %	805$	800$	–
H E D 5 %		–	–
H E D 6 %	800$	795$	800$
H E N P 5 %		–	985$
H E S E 5 %	–	–	–
H E S E 6 %	–	930$	–
H E Z 5 % — 57	950$	950$	–
H E Zêz 6 %	–	850$	–
N Elec 5 %	–	–	–
N Elec 6 %	–	–	895$
Termoel 5 %	930$	–	–
U E P 5 % — 60	–	–	780$
U E P 5 % — 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	–
	–	–	–

DIVERSAS

A P T 5 % — 56		–	880$
A P T 5 % — 58			880$
L snave 6 %	960$	–	970$
Nitratos — 60	–	–	810$
Pet 2ª e 3ª		880$	–
Sacor 7%	1 018$	1.016$	1.020$
Sacor 5 % — 54	–	940$	–
Sacor 5 % — 60	–	840$	–
S d 5 % — 2ª	–	–	800$
S d 5 % — 3ª	–		–
S d 5 % — 4ª			–
Socel 5 %		910$	–
U Fabril 67		–	950$
U Fabril 68			–

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	520$	650$
Rev 5 % 57		700$	–
Rev 5 59,60	–	700$	–
Moçamb 5 %		400$	800$
Sonefe 5 %	–	–	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2 790$	2 785$	2 795$
Alentejo	1.280$	1.280$	1 290$
Angola	3 515$	3 515$	3 520$
Cred Predial	6.450$	6 450$	6.470$
Esp Santo	9 080$	9 080$	–
Fomento	–	–	37 000$
F & Burnay	5.460$	5.460$	–
N Ultram	5.965$	5 965$	5 980$
N Ultram			4 900$
Portugal	–	–	–
Portugal p	5 700$	5.500$	5 700$
P Atlantico	9 650$	9 600$	9 700$
Totta & Açores	6 000$	6 000$	6 010$
Algarve	1 800$	1 800$	–
Borges & Irmão	8 300$	8 250$	8.350$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	21-4-72	27-4-72	28-4-72
GERAL	185.0	185,7	185,3
METROPOL	186.2	187.2	186,7
ULTRAM	176.0	184.9	175,4

De Seguros

Alentejo	151$	151$	152$
Bonança	–	15.000$	–
Impéric	20.000$	17.000$	–
Mundial	1.315$	1.310$	1.315$
Soberana	–	1.800$	1.850$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1 160$	1 160$	1 170$
C P E n		1.150$	
E Beiras		–	
G Elec c	357$	356$	358$
H E A A	197$	196$	197$
H E N P	–	230$	240$
H E S E	–		
U E P		194$	195$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1 095$	1.090$	1.099$
Ag Incomat	–	–	2.700$
Ag S T e P	–	175$	180$
Aç Angola	–		1.050$
Alg Angola		225$	235$
Ang Agric		650$	700$
Boror	125$	–	135$
Boror Com	–	–	–
Buzi	87$5	87$	87$5
Cabinda	–	–	–
Com Lob to	860$	860$	870$
D A T 100	2 020$	2.000$	2 020$
H E Revue	–	585$	600$
I do Princ	–	–	–
Moçambique	168$	165$	169$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	383$	380$	385$
Zambézia	66$	66$	67$

Diversas

Ag Lx ant	–	–	–
Ag Lx 34	–	430$	450$
Ag Lx — 36	–	390$	–
Cel Guadiana	5.200$	5.200$	5 250$
C Leiria p	5 400$	5 400$	5 450$
C Tejo p	–	13 200$	13.300$
F Ramada	1 400$	1.370$	1 400$
Fornos Elect	140$	138$	140$
P Celulose	–	3 900$	4 000$
Siderurgia p	4 300$	4 250$	4 350$
Siderurgia n	2 800$	2.790$	2 850$
Socel	–	3.750$	3.790$
Cidla	6.900$	6.900$	6.980$
C U F	3120$	3.100$	3 140$
Intar	545$	545$	550$
Nitratos	1 100$	1.100$	1 120$
Petroquimica	1 120$	1.100$	1.120$
Sacor	3 250$		3 300$
Tab Portugal	–	–	–
Tabaqueira	7 350$	7 350$	7 400$
U F Azoto	885$	885$	890$
Empor	–	–	300$
Ind Aliança	–	–	–
I P Colón	1 000$	990$	1 000$
Nac Naveg	7 100$	7 100$	7 120$
Naveg (Col)	2 350$	2 300$	2.400$
P Pesca	–	–	–
R Marconi		1 900$	–
T A P	1.263$	1 263$	1.270$
Compal			700$
Salvor			–
T Penina		1 100$	1 300$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

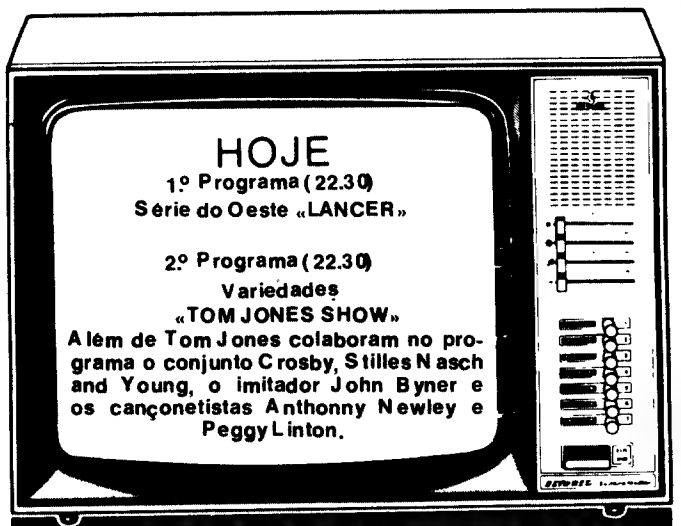
Atlantico
F I D E S

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul Rands	31$50	34$00
Alemanha Marco	8$35	8$65
America		
Dolares de 1 a 2	26$20	26$90
Dolares de 5 a 20	26$50	27$30
Dolares de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Nov	1$80	2$80
Austria Schilling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil Cruzeiro	3$70	4$70
Canada Dolar	26$70	27$50
Dinamarca Coroa	3$75	4$05
Espanha Peseta	$40.7	$42,7
Franca Franco	5$35	5$65
Holanda Florim	8$25	8$55
Inglaterra Libra	70$00	72$00
Italia Lira	$04 45	$04,75
Marrocos Dirham	5$00	5$50
Noruega Coroa	3$95	4$25
Suecia Coroa	5$45	5$75
Suica Franco	6$93	7$18
Ouro		
Soberano Libra esterl	350$00	370$00
Soberano 2 Libras	680$00	720$00
Onca Troy Barra	43$00	45$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇOES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados Máquinas Voadoras
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Nanny e o Professor»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.50 Há só uma terra
20.00 Auditório musical
21.00 Telejornal 3.ª edição
22.00 Frente a Frente com Fernando Lopes
22.30 Série do Oeste «Lancer»
23.30 Telejornal ultimas notícias
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados Máquinas Voadoras
20.40 Vária
21.00 «Nanny e o Professor»
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.30 Tom Jones Um programa de variedades
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

12.45 Abertura e filme infantil
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Dó lá si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Universidade na TV
15.40 TV Educativa
16.05 Daniel Boone
16.55 Estúdio sem marcação
17.20 Teledesporto
17.45 Lassie
18.15 Programa feminino
18.45 E a vida continua
19.00 Se bem me lembro
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.40 Eurovisão Transmissão directa de Londres do jogo Inglaterra-Alemanha
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 «Os caminhos de Noel»
22.30 Andebol Transmissão do encontro Belenenses-Sporting
23.30 Telejornal ultimas notícias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Século XXI
22.30 Dr. Marcus Welby
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14.º
PENHAS DOUR.	10.º
COIMBRA	13.º
PORTALEGRE	16.º
LISBOA	15.º
FARO	19.º
FUNCHAL	16.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima **18,8.º**

F. DE CASTELO RODRIGO
Mínima **8,5.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13.6.º
Atmosfera	16.8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.58	**3,7 m**	9.31	**0,9 m**
16.16	**3,8 m**	21.48	**0,9 m**
Dia 29			
4.33	**3,6 m**	10.02	**0,9 m**
16.49	**3,8 m**	22.21	**0,9 m**
Dia 30			
5.07	**3,6 m**	10.34	**1,0 m**
17.21	**3,7 m**	22.55	**1,0 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado dos quadrantes Norte.

AMANHÃ
Nascer às **6.42**
Ocaso às **20.27**

hoje	Dia 6	Dia 13	Dia 20

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Convivio Programa da "Juventude"
17.30 Melodias do cinema
18.05 Ao encontro da melodia, com a orquesta de Bert Kaempfert
18.30 Forças Armadas (Programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Publica da Defesa Nacional)
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natalia Bispo
20.00 Diario sonoro
20.20 O saxofonista Max Prejer
20.30 18º episódio do folhetim «O Colar da Rainha»
20.50 O organista Ray Coligrion
21.00 Junção (Com o programa estereofónico em MF 1)
21.15 Transmissão, do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em três actos «A Valquíria», de Wagner. No 1º intervalo Quatro Polcas, de Smetana. No 2º intervalo Momentos musicais de Schubert. No final, cerca da 1 45 Desdobramento (separação da média 1 do Programa Estereofónico diario sonoro
01.58 Junção (com o Programa em MF 2)
02.00 Fecho

2.º Programa

16.00 Ciclo do barroco italiano
16.45 Musica de vanguarda
17.12 Valsas nobres e sentimentais (Ravel)
17.30 O compositor do mês Branms
19.00 Musica e muscos portugueses, por Nuno Barreiros
20.00 Diario Sonoro - Quatro danças gregas, (Skalkotas) violino Byron Kolassis
20.30 Concerto pelo coro polyphonia
21.00 De tudo um pouco
21.30 Lingua portuguesa, pelo dr António Ribeiro dos Santos
21.40 Ao sabor da fantasia
22.00 Música da Europa
22.58 Desdobramento- sai o MF2
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa em MF2

23.00 Noticiario
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro - (cont.)
00.30 Diario sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

RÁDIO CLUBE PORTUGUES
16.04 Programa C D C
18.00/21.00 Programa movimento
21.03 Portugal alem da Europa
21.15 Musica para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
0.02 «P B X»
2.00 A noite é nossa
6.00 Diario rural
7.00 Talismã

Emissor de Miramar

16.04 Programa C D C
18.00 Depois do dia
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinee Teatral
19.03 Miscelanea
19.17 Conjunto
19.30 Estudio 64
20.10 Norte dia a dia
21.05 Só-Radio
21.45 Mensageiro do Evangelho
22.02 Em destaque
22.15 Novas de Alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Radiorama
18.00 Orquestas
18.20 Boletim liturgico
18.30 Terço e benção da Basilica dos Mártires
19.05 A vida e uma coisa maravilhosa
19.30 Pagina 1
21.00 Meditando
21.03 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Só Musica
23.00 A 23ª hora

Estação do Porto
16.00 Radiorama
18.00 Tangos
18.30 Terço e benção da Basilica dos Mártires em Lisboa
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.09 Pagina 1
20.30 Continua a pagina 1
20.58 Meditando
21.02 Os novos emissores em marcha
22.00 Audtório
23.00 A 23ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
RÁDIO GRAÇA
Das 6 00 às 10 00 e das 14 30 às 17 00
RÁDIO PENINSULAR
Das 10 00 às 12 00 e das 19 30 às 22 00
CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 12 00 às 14 30
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 17 00 às 19 30 e das 22 00 às 2 00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Lídia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCÂNTARA
Infante Santo, R. do Olival, 290 (tel. 661003); **Probidade,** Rua de Alcântara, 15-A (Tel. 638589).

ALMIRANTE REIS
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487).

ALTO DO PINA
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912)

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Beio,** Av. de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos,** Av. Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725859); **Rainha Santa,** Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil) (Tel. 765262).

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969)

ANJOS
Guerra, R. Andrade, 32 (Tel. 845513)

AREEIRO
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820)

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28 (Tel. 40536); **Galénica,** Rua das Pretas, 12 (Tel. 322588).

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República), (Tel. 772291); **Saldanha,** Av. Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938); **Santa Maria,** Av. 5 de Outubro, 283-A (Tel. 763016).

BAIRRO ACTORES
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487)

BAIRRO ALTO
Oliveira, R. D. Pedro V, 123 (Tel. 327880)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIXA
Internacional, Rua Áurea, 228 (Tel. 322017).

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124 (Tel. 783179); **Marques,** Estrada de Benfica, 648 (Tel. 700096); **Vitex,** Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548).

CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Tel. 680931); **Rualto,** Rua Alto do Carvalhão, 5-A (Tel. 651721)

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 668206); **Almeida,** Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969)

CONDE REDONDO
Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (Tel 45048).

ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758).

GRAÇA
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 840125); **Monte (do),** R. Senhora do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Anunciada,** Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360); **Progressiva,** Rua de Santa Marinha, 18 (Tel. 863619)

GRILO
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR
Patuleia, R. do Lumiar, 120 (Tel. 790332).

OLIVAIS
Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivais-Sul) (Tel. 311091); **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (Tel. 315539).

PEDROUÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741)

PENHA DE FRANÇA
Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. BENTO
Valentim, Rua Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 679453)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tel. 42312).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS:
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)
CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS:
Alcântara Guerreiro, B.º Residencial dr. Augusto de Castro-Lote 10 (Telef. 2430691)
PAREDE:
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)
S. PEDRO DO ESTORIL:
S. Pedro (Telef. 263052)
ESTORIL:
Ostende, R. de Espinho, 1 (Telef. 260391)
CASCAIS:
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170); **Nova,** Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Melo, P. D. João I-Lote 146-B.º Janeiro (Telef. 932756); **Central,** Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210); **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); **Jardim,** Av. Conde de Oeiras, Loja X-1-Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA:
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461)
VENDA NOVA:
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530)
QUELUZ:
Zeller, R. da República, 83 (Telef. 950045); **Correia,** L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
CACEM:
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS:
Química, Est. de Mem Marins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA:
Valentim, Tel 980456)
SINTRA:
Marrazes, L. Afonso de Albuquerque (Telef. 980058)
COLARES:
Colares, Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Cameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)
ALMADA:
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-A (Telef. 270242)
BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174 (Telef. 224302)
BARREIRO:
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2273035)
COVA DA PEIDADE:
Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)
MOITA:
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO:
Moderna, R. Bulhão Pato 60 (Telef. 230156)
SESIMBRA:
Leão, Av Salazar (Telef. 229471)
SETUBAL:
Oliveira, L. da Misericórdia (Telef. 22488)
SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

Sub-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8; **Martino, Sucr.** Praça Marq. Pombal, 122; **Pombeiro,** C. Márt da Pátria, 152; **Prelada (da),** R. Central de Francos, 316; **S. Roque da Lameira,** S. Roque Lameira, 1111; **Sá da Bandeira,** Rua Sá da Bandeira, 236

SUB-TURNO B .

Ameal, R. do Ameal, 1227; **Campo Alegre (do),** R. do Campo Alegre, 723; **Ferreira da Silva,** Rua dos M. da Liberdade, 150; **Peninsular,** Rua Chã, 100-102; **S. Lázaro,** Av. Rod. de Freitas, 297

COIMBRA

Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (tel. 26046); **Silva Marques,** Rua da Sofia, 129-133 (tel. 23067; **Santa Cruz,** Rua das Padeiras, 94 (tel. 23569).

cinemas ● cinemas ● cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18-15-21.30
(Grupo C-14 anos)
«SIGA AQUELE CAMELO»! A comédia da Arábias, com os cómicos ingleses ao ataque

CONDES (Tel. 322523)
14,15 - 16,30 - 18,45 - 21,45
(Grupo C - 14 anos)
«A ÚLTIMA GRANADA» com Stanley Baker, Alex Gord e Honor Blakman.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00
Grupo D-18 anos
«O GENERAL DELLA ROVERE» com Vittório de Gica e Sandrea, Milo e «DIABÓLICAMENTE TUA».

VOX (Tel. 720808)
15,15 - 18,30 - 21.45
(Grupo C-14 anos) 6.ª Semana «O RECADO» O drama de uma geração com Maria Cabral e José Viana

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Gene Hackman e Roy Seheider em «THE FRENCH CONNECTION» (Os incorruptíveis contra a droga)

ESTÚDIO (Tel. 585134/5
15.30-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos)
3.ª Semana «UMA ABELHA NA CHUVA» com Laura Soveral, João Guedes e Zita Duarte.

LYZ (Tel 48560)
14.45-21.00
(Grupo C-14 anos)
«O BARÃO VERMELHO» com John Philip Law e «UM HOMEM DE QUEM EU GOSTO» com Jean-Paul Belmondo

ROYAL (Tel. 885037)
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
«VISITA» com Ingrid Bergman e Anthony Quinn. «PAIXÕES QUE ESCALDAM» com Paul Newman

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
O JARDIM ONDE VIVEMOS Com Dominique Sanda e Helmut Berger. 2.ª semana.

EDEN (Tel. 320768)
21.45 (ESTREIA)
(Grupo D-18 anos)
«QUANDO ELAS TINHAM CAUDA» com Montgomery Wood. Às 15.30-18.30 (18 anos) última de «GOLPE DE MESTRE»

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45 (ESTREIA)
(Grupo D-18 anos)
«O BAILE DO CONDE DE ORGEL» com Jean Claud Brialy. Às 15.15 (18 anos) última de «ENCRUZILHADA DE SENTIMENTOS»

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)
17.00-21.30
(Grupo D-18 anos)
«MORTE EM VENEZA»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-21.30
Grupo C (14 anos)
CATLOW com Yul Brynner e Richard Crenna. Quinzenas do bom cinema. Hoje ás 18.30
(Grupo D-18 anos)
«AO CAIR DA NOITE»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15-21.45
(Grupo D - 18 anos)
10.ª Semana de êxito. Com Renato Rascel, G. Granata e G. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO». Hoje ás 0.30 (Adultos «A ILHA DO INFERNO» com John Payne. Domingo ás 11 h. (6 anos) «O MELHOR DE BUCHA E ESTICA»

ODEON (Tel 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
11.ª Semana.
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 e 18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
«A LONGA JORNADA» com Marcello Mastroianni e Chaterine Deneuve.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
«A REGRA DO JOGO» com Marcel Dalio, Nora Gregor e Roland Foutain.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«O MALANDRO» com Richard Burton

EUROPA (Tel. 661016)
21.30
(Grupo D-18 anos)
«A DÉCADA PRODIGIOSA» ás 15.15 (18 anos) última de «KLUTE». Sábado e Domingo às 18.30 (6 anos) «OS SOBRINHOS DO ZORRO»

ROMA (Tel. 727778)
15.30-21.45
(Grupo B-10 anos)
«O MURO DO ATLÂNTICO» com Bouvil, Peter McEnery e Terry-Thomas.

LIDO
21.30
(Grupo D-18 anos)
«MORRER DE AMAR» com Annie Girardot

AVIZ (Tel. 47173)
15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos). 13.ª Semana
O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21.45
«TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUÑUEL
Cinema-Snack-bar-Pub «The Flag»
Faça três coisas num sitio só

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30-16.45-19.00-21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª semana
O último filme de Milos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente)
Hoje ás 0.30 (Adultos) «COMO MATAR A SUA MULHER»

IMPÉRIO (Tel 555134/5
15.15-21.30
Grupo D-18 anos
«TRAFICANTES DE SONHOS» com Sven-Bertil Taube e Barbara Parkins. Hoje ás 18.30 (10 anos) «MILLIE, UMA RAPARIGA MODERNA»

outros espectáculos

LISBOA, Teatros

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

VILLARET
21.00 - 23.00 (18 anos)
«O Tartufo»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente».

A.B.C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Viva a Pandilha»

GIL VICENTE
22.00 (14 anos)
«Ivone, Princesa de Borgonha».

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte em 12 assaltos»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A casa de Bernarda Alba»

S. CARLOS
21.15 (14 anos)
Opera
«A Valquiria»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Domicilio conjugal»

PARIS
21.00 (14 anos)
Ivan o terrível»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Hercules contra os mongois»

MAYER
21.00 (18 anos)
«Petulia»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Morrer de amar»

OLYMPIA
21.00 (14 anos)
«A deligência dos condenados»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 - 10 anos
«Bom funeral amigo para Sartana»

CARCAVELOS
Vitória-cine
21.30 - 17 anos
«Os Beijos roubados»

ESTORIL
Casino
17 e 21.30 - 18 anos
«Morte em Veneza»

ESTORIL
Palácio
21.30 - 18 anos
«Tempo de viver»

CASCAIS
S. José
21.30 - 10 anos
«Pedro o pescador»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.30
(18 anos)
«Morrer de Amor»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 - 14 anos
«O falso assassino»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 - 10 anos
«A Lei do Zorro» e «O último fica vivo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 - 18 anos
«A Faca na água»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 - 18 anos
«Ideia fixa»

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Ora bolas pró pagode»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Decada prodigiosa»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A Decada prodigiosa»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Casanova 70»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A Virgem e o cigano

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Teus olhos negros»

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Shango»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Hercules contra Roma» e «O K Nero»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Trinitá — Cow-Boy insolente»

AGUIA D'Ouro
21.30 (18 anos)
«trinitá Cow-Boy insolente»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«4 noites de um sonhador»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Viúva Conderc»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«O Salto do anjo»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo Nu»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.30 (17 anos)
«Destinos opostos»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

ARREDA Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

ADEGA MESQUITA
Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bilarno, Alcindo Carvalho e Filipe Duarte. Tocam: António Luís Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Altama, Lisboa. Telef. 861633.**

TAMILA Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam. Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE Cantam. Carlos Barra, Julieta Brigue Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Tel. 369760.**

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 46384.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

DL

RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

A BOLSA OU A ORELHA

Um americano de visita a Londres ficou sem uma orelha ao recusar-se a dar a carteira a um grupo de ratoneiros. O caso passou-se na estação de Victória do metropolitano londrino. Ao aguardar transporte, o infortunado turista foi em socorro de alguns australianos assaltados pelos gatunos. Estes exigiram-lhe, então, a carteira. Perante a sua recusa um dos ratoneiros sacou da navalha, cortou cerce a orelha do turista e sem a largar saltou para um comboio que abalava nesse momento da estação. A orelha foi encontrada horas depois noutra estação dos arrabaldes e já voltou ao seu lugar graças a uma adequada operação de enxerto.

A "LAND ROVER" lança novos modelos

Os inscrivelmente versáteis LAND ROVER fizeram a apresentação dos seus novos modelos «todo-o-terreno» para 1972.

A Garagem Victória, representante no nosso País daquela marca inglesa, reuniu-se ontem com os Orgãos de Informação e algumas entidades militares e civis efectuando uma sessão de demonstração que teve lugar no campo de treinos do Exército, no Restelo. Aí pudemos observar a vastissíma gama de viaturas LAND ROVER que vai desde carros para transporte de pessoal ou carga em estrada, ou fora dela, até aos concebidos especificamente para transporte de carga em todo o terreno, passando por carros de bombeiros, carros-oficina, com ou sem compressores, geradores, guinchos, ambulâncias, viaturas para recolha de lixo ou equipadas com reboques ou alfaias agrícolas, etc.

O novo RANGE ROVER era um dos polos de atracção da exposição. Esta nova viatura alia todas as extraordinárias possibilidades do LAND ROVER ao conforto de um automóvel de turismo, capaz de atingir velocidades da ordem dos 160 quilómetros/hora.

Da exposição faziam parte, ainda, os automóveis ROVER 2000 TC e 3500. Este último modelo passa a têr incluído, como equipamento normal, ar condicionado e direcção assistida.

AS VIATURAS EM DEMONSTRAÇÃO

Participámos pessoalmente nas provas de demonstração que se efectuaram e, apesar de termos uma certa noção do que é uma viatura «todo-o-terreno», ficámos surpreendidos com o que vimos executar aos LAND ROVER.

Com uma impressionante facilidade eles vencem obstáculos como, por exemplo, subir e descer rampas com inclinações da ordem dos 50 por cento, passagem por lamaçais, valas de água, etc. ou, ainda, fazendo reboques de outras viaturas, por meio do próprio guincho, em inclinações acentuadas.

Após a demonstração os presentes foram obsequiados com um «cocktail» servido nas instalações daquela firma em Carnaxide.

ANGARIADOR — LITOGRAFIA

Pretende casa prestigiosa do Norte, de preferência com experiência no ramo. Carta à n/ Delegação do Porto, ao n.º 201

as viagens da "EUROPEIA"

viagens apolo

Férias na praia

— 8 ou 15 dias

TORREMOLINOS

Partidas em avião fretado: todas as quartas-feiras de 5 de Julho a 24 de Setembro

Partidas em autocarro: todos os Domingos de 4 de Junho a 24 de Setembro

PALMA DE MAIORCA

Partidas em avião fretado: todas as segundas-feiras de 3 de Julho a 11 de Setembro

Reserve os seus lugares com antecedência na

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
AV. DA LIBERDADE, 233 • TEL 53 81 21 • LISBOA 2

Rallye de Marrocos

ROMÃOZINHO - ARNAUD: vedetas entre vedetas

MARRAKECH, 28 (Pelo telefone). Mais de 50 000 pessoas assistiram ontem à noite, em Marrakech, ao final da primeira etapa, à chegada dos concorrentes do XV RALLYE DE MARROCOS.

Das 52 equipas que na quarta-feira partiram de Casablanca apenas 28 se encontram em prova, contando-se entre os desistentes pilotos como Trautman, Deschaseaux (vencedor da edição de 1971 do Rallye) Aaltoñnen e muitos outros nomes famosos.

A propósito da sua desistência Aaltonen disse-nos: — **Fui obrigado a abandonar a prova por ter partido a caixa de velocidades. Guiei um dia e uma noite sem embraiagem e a caixa acabou por não aguentar.**

E sobre a esquematização da prova: — **Acho o rallye muito bom mas penso que as provas de classificação no Norte de Marrocos não são necessárias. Após Fez, o itinerário deveria dirigir-se para o Sul pois as classificativas que se disputam o alcatrão não me parecem importantes.**

A etapa de hoje, num total de 960 quilómetros, inclui três provas de classificação e poderá ser decisiva na escolha do vencedor da prova.

Aaltonen pensa que haverá muitas surpresas e muitas desistências, porque uma grande parte dos carros não aguentará o ritmo que tem sido imposto.

A equipa portuguesa constituída por Francisco Romãozinho e José Arnaud continua a fazer uma prova verdadeiramente excepcional.

Ganhando credenciais de vedeta Romãozinho tem discutido de igual para igual com os mais famosos nomes do automobilismo europeu e, esta manhã, à partida para a segunda etapa, seguia à frente da classificação do Grupo I e era o 7.º da Geral.

No comando da prova encontrava-se o francês Thérier que após uma excelente recuperação desalojou Jean Pierre Nicolas, que perdeu bastante tempo por ter partido um rolamento de uma roda.

As posições alteraram-se bastante com a disputa das 6.ª e 7.ª provas classificativas, a última das quais, com uma extensão de 280 quilómetros, iria provocar consideráveis diferenças. renças de tempos.

Um dos factos a assinalar nesta XV edição do Rallye de Marrocos será sem dúvida o número elevado de pilotos notáveis que foram já afastados.

Mas isso, mais do que a dureza encontrada, deve-se especialmente ao ritmo diabólico imposto pela maioria dos pilotos.

Basta dizer que, numa das provas de classificação, treze concorrentes, entre os quais Francisco Romãozinho (grupo 1), bateram o tempo conseguido por J. P. Nicolas nesse mesmo troço o ano passado.

Muito embora esta manhã à saida de Marrakech existisse já um esquema de classificação e fossem já conhecidas as possibilidades relativas de cada piloto, a maioria dos jornalistas aqui presentes e dos técnicos responsáveis pelas várias equipas consideram que, verdadeiramente, só hoje começou o rallye visto que, até agora, excluindo as duas últimas classificativas, os concorrentes tinham andado sobre pisos relativamente bons o que dava nítida vantagem aos carros mais potentes.

A OPINIÃO DE ROMÃOZINHO

Segundo Francisco Romãozinho, **a primeira etapa foi muito mais dura do que parecia, sobretudo devido aos dois troços finais que são muito extensos.**

Muitos concorrentes notáveis não podem já lutar por lugares de destaque. Isto é uma verdadeira aventura, pois os troços são tão longos que tudo pode acontecer.

As coisas passam-se a uma escala muito diferente daquilo a que estamos habituados.

Ritmo e cadência são, quanto a mim, o grande segredo para ganhar esta prova.

E sobre a segunda etapa: — **a etapa de hoje tem as dificuldades mais compensadas. Os três troços cronometrados são todos muito importantes e decisivos e creio que esta etapa vai ser a pedra de toque.**

INFORTÚNIO NO 7.º TROÇO

O último troço cronometrado da primeira etapa não correu bem ao jovem piloto português, tendo perdido em relação ao vencedor do mesmo nada menos de 30 minutos. Não fora uma série de contratempos e ele estaria agora em quinto lugar da geral.

Romãozinho explicou-nos a razão dessa penalização: — **Como o Citroen tem os filtros muito baixos, ao ter de atravessar uma série de pequenos rios parei para desligar os mesmos. Depois de feitas as atravessias novamente parei para tornar a ligá-los. Ao tentar arrancar não o consegui em virtude do travão de mão ter ficado bloqueado. Tive que desmontar todo o sistema de travagem para remediar a avaria.**

Para recuperar esse atrazo Romãozinho a andar exageradamente tendo mais adiante um furo que o fez perder mais algum tempo. Mas a pouca sorte não acabaria ainda. Os últimos 35 km do troço foram feitos apenas com dois cilindros por se terem isolado duas velas ao atravessar um rio.

A LUTA DE MARCAS

À esperada luta pelas primeiras posições entre a Citroen, Peugeot, Alpine e Lancia, outras marcas se vieram juntar, colocando alguns carros em posição de poderem discutir alguns dos postos daquelas primeiras, como é o caso da Mercedes e até mesmo da Volvo.

Se a Alpine e Lancia de Lampinen conseguirem chegar ao fim da etapa de hoje nas posições que até agora ocupam é muito possível que discutam entre si a vitória final, uma vez que a terceira etapa lhes é propícia.

A Citroen apesar de ter perdido pilotos como Boschinek e Deschaseaux mostra-se optimista em conseguir uma boa classificação pois tem três pilotos excelentemente colocados, que são Waldegaard, Neyret e Romãozinho.

O optimismo dos homens da assistência da Citroën, provinha principalmente do facto de acreditarem na resistência dos seus automóveis, facto que, segundo eles, começa agora a ser mais importante do que nunca, numa altura em que as mecânicas se começam a ressentir a sério das violências que lhes têm sido impostas.

Por AUGUSTO VILELA
nosso enviado especial

A ORGANIZAÇÃO

A organização da prova, que se tem mostrado impecável, estava ontem à noite a braços com um problema relativo à penalização na estrada, motivado por excesso de velocidade anotada pelas autoridades.

Até este momento nada está decidido mas é de crer que prevalecerá o bom senso e essas penalizações não sejam tomadas em consideração para não abrir o precedente de o resultado de um rallye sofrer a influência de um polícia mal humorado.

TEMPOS DOS TROÇOS N.ºs 6 E 7

6.º TROÇO: - 1.º Waldegaard 1 h 52' 20"; 2.º Thérier 1 53 41; 3.º Andersson 1 56 18; 4.º Lampinen 1 59 11; 5.º Nicolas 1 59 20; 6.º Neyret 2 01 00; 7.º ROMÃOZINHO 2 01 00; 8.º Chasseuil 2 05 02; 9.º Mikkola 2 05 21; 10.º Ponnelle 2 05 47; 11.º Aaltonen 2 06 00; 12.º Tony Fall 2 12 51; 13.º Jacquemin 2 18 51 etc.

7.º TROÇO: — 1.º Thérier 2 54 04; 2.º Andersson 2 55 41; 3.º Waldegaard 2 56 45; 4.º Lampinen 2 57 46; 5.º Neyret 3 04 31; 6.º Mikkola 3 09 05; 7.º Fall 3 10 21; 8.º Nicolas 3 14 19; 9.º Ponelle 3 20 13; 10.º ROMÃOZINHO 3 24 03; etc.

OS SOBREVIVENTES

Para a segunda etapa, como já dissemos partem apenas 28 concorrentes. São eles: — Romãozinho (Citroen), Lampinen (Lancia), Mikkola (Peugeot), Thérier (Alpine), Andersson (Alpine), Claude Lawrence (DAF), Neyret (Citroen), Waldegaard (Citroen), Fall (Peugeot), J. Heyder (Renault 16), Ponnelle (Citroen), Jacquemin (Renault 12 Gordini), Tourol (Mercedes 280 SE), Merlone (Volvo 142) Chasseuil (Peugeot) e Osstyn (Volvo 142 S) Dupret (R 16 TS), Lassus (Citroen) Claudine Trautman (R 16 TS), Guichet (Peugeot), Barrani (Mercedes) Karadegh (Opel) Dacchy (Peugeot), Laraki (Fiat), Le Bresilien (SAAB) e Gordine (Fiat).

ROMAGEM AO TÚMULO DE JAIME CORTESÃO

O Ginásio Liceu Jaime Cortesão, da Cidade de S. Paulo, Brasil, comemora amanhã o aniversário do nascimento do seu patrono.

Também em Lisboa, amigos e admiradores do ilustre historiador irão às 12 horas do mesmo dia ao cemitério dos Prazeres ao seu mausoléu.

Últimas

ROGERS: VIAGEM DE DESANUVIAMENTO

O secretário de Estado americano William Rogers parte na próxima semana para uma viagem a oito países europeus, a fim de preparar o que poderá ser um desanuviamento crucial nas relações militares entre o Oriente e o Ocidente.

As suas conversações com dirigentes de outros países da NATO facilitarão o caminho para a viagem em fins de Maio do presidente Richard Nixon a Moscovo, a qual funcionários de Washington esperam que coincida com a conclusão de um pacto destinado a refrear a corrida às armas nucleares. O governo de Nixon parece ansioso por dissipar quaisquer receios de que os EUA venham a estabelecer quaisquer acordos secretos com a URSS por detrás das costas dos seus aliados ou contra os interesses deles.

Rogers inicia a sua viagem na terça-feira, devendo encontrar-se igualmente com o Papa Paulo VI e visitar, também, a Espanha que não pertence à NATO.

APOLO 17: ÚLTIMA MISSÃO LUNAR

Depois do regresso ontem, a bom termo da missão Apolo 16, a mais fértil em incidentes técnicos, a NASA está já a pensar no próximo voo tripulado para a Lua. Essa missão, a da Apolo 17, parte no dia 6 de Dezembro e é a última do projecto Apolo.

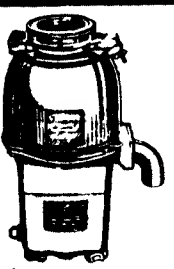
Para o próximo ano está previsto o primeiro lançamento de um «skylab» (laboratório espacial), o qual permitirá à três tripulações de três homens passar de quatro a oito semanas em órbita terrestre.

O primairo veículo «vai-vem», reutilizável, só será experimentado dentro de cinco anos, segundo os planos oficiais. Entretanto, é possível que, po r volta de 1975, americanos e soviéticos viagem num mesmo veículo espacial.

Ontem, o presidente Nixon convidou pelo telefone os três astronautas da Apolo 16 para um jantar na Casa Branca. Nesse jantar estará presente o presidente mexicano Echevarria. O insólito do convite esteve em que se desconhecia estar planeada a visita de Echeverria aos Estados Unidos.

Os astronáutas Young, Duke,e Mattingly iam hoje a caminho do Hawaii de onde seguirão para Houston, no Texas.

TWEENY



PRÁTICO E ROBUSTO
TRITURADOR DE RESÍDUOS
PARA A SUA COZINHA

REPRESENTANTE
ANSELMO SANTOS
AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109
LISBOA — R. COR. BENTO ROMA, 12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAIS

OS SOBREVIVENTES

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

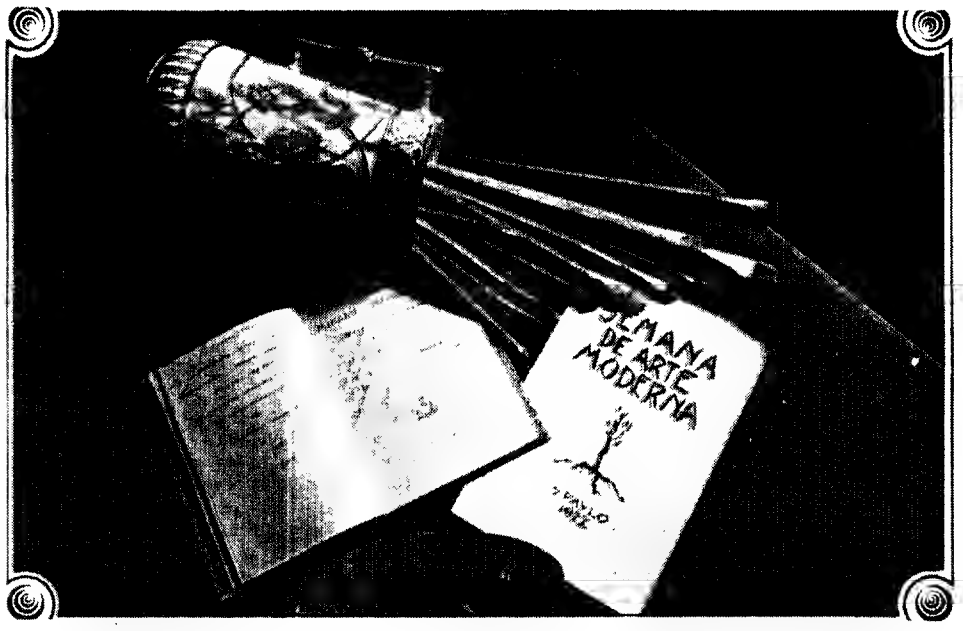
UM OLHAR DE HOJE LANÇADO PARA O AMANHÃ

«Diavirá
e o abutre
que do não-ser
se nutre
enterrará
tudo
no sub-solo.
Diavirá
o sol será
um girassol
universal
despetelado
olho por olho
no sub-solo

(OS. 120)

Canto bem arraigado na hora presente, este trazido pela mais recente criação de Cassiano Ricardo, «OS SOBREVIVENTES» (1), não se limita, porém, ao restrito «aqui e agora». O impulso de vida que o alimenta projecta-o, confiante, para o amanhã prestes a surgir. Se é verdade, pois, que a cada momento, vem à tona do fluxo poético, o mundo apocalíptico/tecnicista, pós-bomba atómica (que nos torna a todos sobreviventes a cada dia que passa), não é menos verdade que o «renascer» em alegria e sem temores é das crenças mais fortes, latentes em cada página que se volta.

«Sobreviventes
de uma época
que termina,
__ são esses,
(...)
sobreviventes
dos fatos
que amanhecem
com eles
(...)
sobreviventes
chegados da
Lua
entre a fábula
celeste e a
terrestre;
(naturais,
voltaram sobre-
naturais;
viventes
voltaram sobre-
viventes)



1922: Nasce em S. Paulo a arte moderna brasileira. Ao alto: Companheiros da geração moder nista, de 22. Da esq.ª para a dirt.ª: Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato e Cassiano Ricardo.

Um artigo de
NELLY
NOVAES COELHO

Metamorfoseado ou não, nas «dramatis personae» que povoam a poesia ricardiana, a personagem central de «OS SOBREVIVENTES» é o homem colectivo, isto é, o homem das mil faces que, no dia-a-dia e nas tarefas mais díspares, constroi o tempo histórico que está abrindo caminho para a nova era, a espacial. Prensado entre «miséria e maravilha», voltamos a encontrar o homem ricardiano que, desde «JOÃO TORTO E A FÁ BULA» nos fora dado conhecer, o ser deformado e inconsciente da sua deformação, porque o «trágico» no nosso mundo está, agora, transformado em «mágico».

«Não comemos, a fome é que nos come.
E quanta vez, por mais que o ignoremos,
algo, em longo segredo, nos consome.
Deformação terrível, associada
tanto ao maravilhoso como ao feérico,
a que sofremos sem saber de nada.»

(JTF __ «Os Deformados»)

Se em «JOÃO TORTO E A FÁBULA» (1954) o núcleo geratriz dos poemas foi a «Deformação» trágica, inconsciente e irredutível do homem-século XX, em «OS SOBREVIVENTES» prossegue a mesma visão de mundo mágico-trágica que alimenta os poemas de «JEREMIAS SEM-CHORAR» (1964).

«O mundo do «terror»
e do «encanto»
me obsta o pranto.»

(JSC. 7 Razões pra não Chorar»)

Fluindo dessa apreensão dual da realidade, «OS SOBREVIVENTES» apresentam também a mesma preocupação com a palavra-em-si, que as experiências vanguardistas inocularam na poesia experimental de «JEREMIAS-SEM-CHORAR». E aqui volta a palavra

Continua na pag. sete

ARPAD SZENES

A Fundação Calouste Gulbenkian inaugurou recentemente uma exposição retrospectiva da obra de ARPAD SZENES. Trata-se de uma realização da maior importância cultural, focando o trabalho de um poeta da pintura, que «reúne em si a sabedoria e às virtudes do racional ao dom da magia». Sobre ele escreveu Murilo Mendes: «Distanciando-se das modas extremistas, obedece ao seu rítmo interior e prossegue uma obra notável pelo requinte e as ressonâncias musicais, onde as pausas mallarmeanas de silêncio são sempre de rigor. Obra que nos obriga a reencontrar o charme da vida, a nossa nobreza original, nossa dignidade anti lógica, nosso pudor, mais que nunca ameaçados pela fúria do século».

CAL(i)GRAFIAS

A PALAVRA SOBRE A PALAVRA

Eduardo Prado Coelho

12 500 passos
com a
colecção duas horas
de leitura
e você?

à venda o

Nº 6 **PANAIT ISTRATI**
Codine

próximo volume

(DIA 25 DE MAIO)

7. VERSOS E ALGUMA PROSA DE LUÍS DE CAMÕES
Antologia e prefácio de Eugénio de Andrade

15$00
UM VOLUME POR MÊS
ao dia 25

NÃO
é uma
colecção de bolso!

EDITORIAL INOVA LIMITADA
apartado 466/Porto

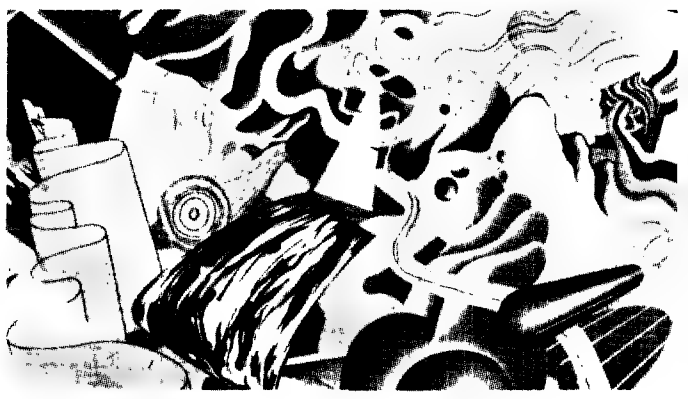
JORNAL DE CRÍTICA

recomeça a sua publicação no dia 30
no

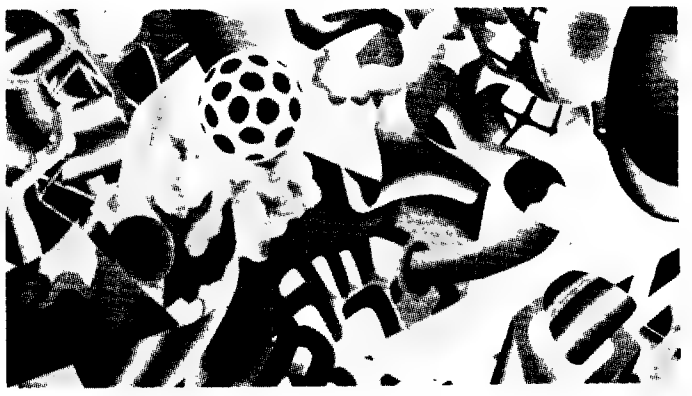
JORNAL DO FUNDÃO

Coordenação de ORLANDO NEVES, FERNANDO LUSO SOARES e FERNANDO ARROIO. Colaboradores permanentes: MIGUEL SERRANO, SERAFIM FERREIRA, CARLOS PORTO, CORREIA DA FONSECA, TITO LÍVIO e PEDRO BANDEIRA FREIRE

O **JORNAL DO FUNDÃO** vende-se em Lisboa nas tabacarias, nos «ardinas» e na livraria OPINIÃO, Rua Nova da Trindade, 24



Hans Zweidler: A alegria e furor poético



Lixo urbano, visão cósmica

LIXO URBANO

Artes Visuais

Hans Zweidler, cerca de trinta anos de idade, natural de Zurique, frequência de duas escolas de arte, prática de gravura, fixação em Paris desde 1963, participação em algumas exposições colectivas — estas muito sumàriamente enunciadas no texto do catálogo da sua terceira exposição individual (Galeria S. Francisco, Lisboa).

A pintura deste jovem autor desenrola-se a partir de um conjunto de apreensões que se fazem na realidade. Mas essa experiência não se confirma pela reprodução linear dos objectos visíveis: optando por uma liberdade eufórica, por um ritmo dionisíaco de construção, Zweidler mistura no plano os mais diversos registos de um mundo que visualmente se reelabora. Trata-se de uma pintura figurativa, feita de coisas concretas e quase sempre «palpáveis», que descreve objectos com laboriosa precisão e um de cada vez, mas cujo princípio global de organização evita as relações de tipo ilustrativo ou anedótico. Nenhum quadro conta a história, embora pressuponha várias. O espaço plástico é assim, de um modo quase invariável, uma espécie de janela aberta sobre um mundo caótico de peças diversas, de utensílios absurdos, de organismos impensáveis, de ferros e de plásticos, de linhas sinuosas e de planos deformados. Tudo se mistura em grandes acumulações de formas coloridas, de fortes estridências, aludindo obliquamente aos fragmentos do lixo urbano ou aos destroços anatómicos de máquinas cuja função já foi cumprida. Lixo urbano, reflexo do mundo industrial, mas também lixo cósmico.

Vejamos: numa primeira leitura de identificação e quantificação em torno dos elementos representados (assunto desta viagem poética da alegria e da exacerbação), ficamos na posse de referências mais ou menos claras a objectos que são fruto da criação do homem. Em geral, tais objectos nunca chegam a definir-se, nunca são **narrados** por completo. São apenas **aludidos**, permanecendo parcialmente desvendados sob o peso e o rosto de outras presenças do mesmo modo truncadas. Hans Zweidler utiliza constantemente o processo da sobreposição (completado pela aspereza das relações cromáticas) para dinamizar o quadro de forçar o espectador a sucessivas indagações. Tais indagações, embora baseadas na natureza, colocação e direcção das formas, estão antecipadamente condenadas ao malogro, ficam sempre àquem do significado último dos objectos representados, são apenas o início de uma viagem em permanente recomeço. É pela fecundidade dessa armadilha que o espectador se apercebe de que nem tudo, na superfície, se encontra plàsticamente tratado da mesma maneira. Há anotações gráficas que se contrapõem ao efeito do **trompe-l'oeil** e que tecem no plano algumas formas menos tangíveis, ondulações atmosféricas, sinais de movimentos já cumpridos, linhas sinuosas de uma «sonoridade» musical. Entre essas anotações e para além delas, nos vazios que se localizam entre as coisas «sólidas» parcialmente narradas, um outro espaço se percepciona, indirectamente se experimenta. Então damo-nos conta de que tudo o que povoa esta pintura parece suspenso nesse mesmo espaço, flutuando em função de uma misteriosa imponderabilidade. Formas esféricas, como astros artificiais, avançam sole-

ROCHA DE SOUSA

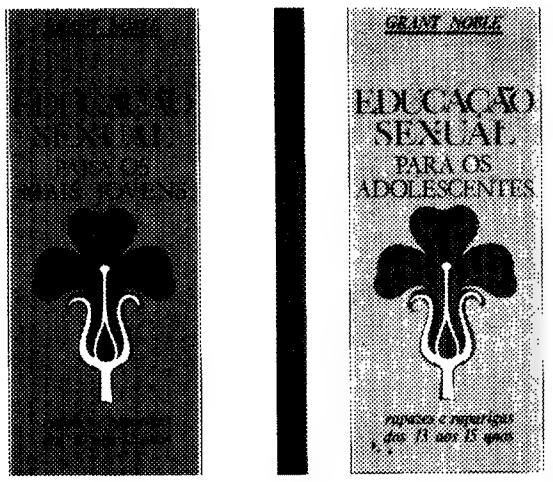
Continua na página seis

VENDA PARTICULAR
MOBILIÁRIO USADO
Recheio de moradia c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147

com PERSONAL
e mesmo para parar a queda do cabelo!

Com PERSONAL
a caspa desaparece, suspende-se a queda, os cabelos voltam a crescer
PERSONAL renova e restitui uma nova juventude ao seu cabelo
TRATAMENTO COMPLETO
45 dias
2 frascos de PERSONAL (diurno e nocturno)
DISTRIBUIDORES
Norte: TUBARÃO MENDES & PINHEIRO, LDA. Rua Sta. Teresa, 14 PORTO
Centro e Sul: J. C. CRESPO, LDA. Rua da Madalena, 197 LISBOA
exija PERSONAL na sua farmácia

EDUCADORES!



1 — **EDUCAÇÃO SEXUAL — Para os mais jovens.**
2 — **EDUCAÇÃO SEXUAL — Para os Adolescentes.**
EDIÇÃO ILUSTRADA
Dois livros organizados nos moldes do Ensino Programado. Para os filhos, mas também para os Pais.
CENTENAS DE MILHARES DE VOLUMES VENDIDOS EM TODA A EUROPA
Distribuição de: LIVRARIA PAISAGEM
RUA JOSÉ FALCÃO, 184-188 — PORTO
À VENDA NAS LIVRARIAS

EM CAIXA

EXPOSIÇÃO 72, Sociedade Nacional de Belas-Artes
Esta Sociedade procurou reencontrar o sentido e o significado possíveis de uma exposição colectiva de arte moderna, hoje, em Portugal. Fê-lo efectivamente com zelo. Embora sem poder contar com grande número de artistas representativos, agora presos a outros tipos de relação com o meio, logrou apresentar uma exposição limpa e de agradável convivência. O júri convidado a fazer uma selecção das obras concorrentes pelo Porto, apesar da sua inegável qualificação, tornou-se permeável a uma equívoca presença «contestatoria» funda da em razões muito discutíveis e especialmente pessoais e que em qualquer dos casos não pode confundir-se com uma intervenção artística de carácter provocatório. A Sociedade Nacional de Belas-Artes fez bem em não «censurar» o insulto. A exposição é clara, é a exposição possível e necessária. As obscuridades pessoais são da responsabilidade de quem as subscreve e sanciona.

MANUEL CASIMIRO, Galeria Judite Dacruz. Uma exposição de delicadas construções gráficas em que o ponto gera a linha e em que a linha elabora tecidos rítmicos, ressonâncias musicais.

DORINDO DE CARVALHO, Galeria Europa-América e Galeria Diário de Notícias. Procurando responsabilizar-se individualmente como criador plástico (artista gráfico e pintor), Dorindo de Carvalho mostra que o saldo do seu trabalho pende, de maneira muito clara, para o artista gráfico. O conjunto de ilustrações que apresenta, particularmente referido à normalização gráfica de uma colecção de bolso, é bastante homogéneo, dentro da economia dos seus meios técnicos e expressivos.

ISABEL LAGINHAS, Galeria S. Francisco. Uma pintura que se projecta no onírico, feita de uma certa crueldade e de um certo lirismo, confundindo irònicamente os instrumentos de trabalho que o atelier pode revelar com a vontade de **carpinteirar** a própria destruição das formas plásticas.

MARIA GABRIEL, Galeria Opinião. Com base numa arrumação harmoniosa das partes da composição, Maria Gabriel desenvolve «histórias» absurdas, de requintado equilíbrio formal, que são uma espécie de **desvio** das memórias, dos emblemas e símbolos da vivência urbana e quotidiana.

CAL(i)GRAFIAS

1 A palavra inscreve-se no silêncio do papel. Através dela passa a teia de um pensamento, as linhas de uma ideia, o trémulo sopro de uma vida. Nela se demoram os nossos gestos de pensar, o movimento de um saber que, por ser essencialmente idiomático, aí vai retendo (depositando) as mais diversas significações.

Assim a palavra se move sob a rede de um discurso, se recria, se transforma, infinitamente se multiplica. Assim a lemos. Assim dela vamos falando através de outras palavras, que a destroem, a criticam, a transformam, de certa maneira a ampliam e lhe concedem portanto a sua mais importante razão de ser.

A palavra desenhando no papel o rosto e os limites de um saber.

2 MATERIALISMOS...

No número 2145 (23.2.72) do semanário COMÉRCIO DO FUNCHAL, para o qual aqui temos por diversas vezes chamado a atenção dos que nos lêem, publicava-se um texto de Júlio Henriques («nosso correspondente em França»), intitulado POESIA É (TAMBÉM) POLÍTICA.

Vem este texto precedido (além de uma frase de Maiakovsky datada de 1926 que lhe serve de epígrafe) da seguinte nota de redacção: *«Através de uma óptica materialista Júlio Henriques situa polèmicamente um dos mais discutidos poetas portugueses: Herberto Helder.»*

Assinalemos, antes de mais, que anunciando *situar um poeta* (supomos que se pretenderia dizer *«a sua obra»* ou *«os seus textos»)* este artigo acaba ùnicamente por tentar comentar (dispersa, errada e ligeiramente) o livro VOCAÇÃO ANIMAL.

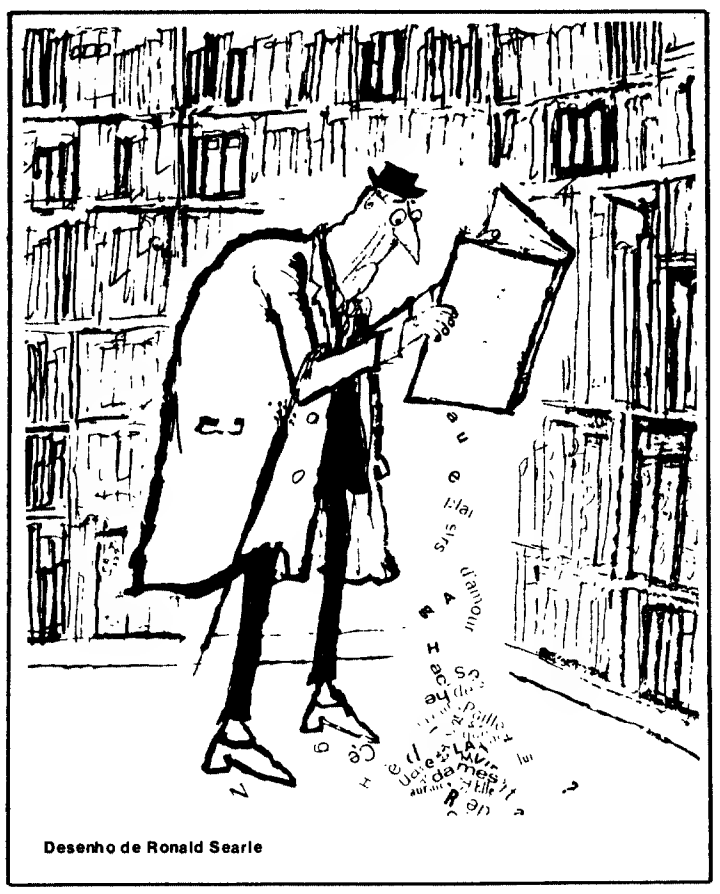
Tentemos agora acompanhar o pensamento de Júlio Henriques destacando algumas das suas mais curiosas afirmações:

> *. a. a poesia aparece* (neste livro) *como «uma realidade em si», construída na organização dum discurso poético «puro».*
>
> *b. o livro de H.H. é típico de um abstraccionismo que nos é apresentado como manifestação de vanguarda* (...)
>
> *. c. não vemos nos seus textos os elementos de ligação com a realidade material e objectiva __ e esta realidade, queira-se* (sic.) *ou não, existe* (...)
>
> *. d. é a partir desta realidade objectiva que a arte progressista, enquanto representação de ideias progressistas, é construída.*
>
> *e. quais são as referências às condições materiais __ à natureza, às relações humanas __ expressas na poesia de H.H.? As referências são os sonhos, o surreal, expressando um desespero, um fechar fronteiras, um beco (sem saída), niilismo como que inocente.*
>
> *E isto a que ideologia pertence? Não nos parece que seja ao materialismo* (...)
>
> *. f. poderá a poesia progressista esquecê-lo* (penso que o autor do texto pretendia aqui referir-se à luta de classes, se bem que o não tenha feito com a clareza suficiente e, para o caso, necessária), *caminhando por vias abstractamente puras* (...)?
>
> *g. E porque não há arte pura, acima das classes, quando uma obra se nos apresenta de tal modo abstracta que nos é impossível, lògicamente, apreender-lhe o sentido, isso só revela, quanto a nós, que a posição assumida pelo artista não assenta na defesa do progressismo (materialismo dialéctico e histórico), mas, quando muito, expressa uma revolta individualista e puramente literária, de conteúdo pequeno-burguês. Tal nos parece ser o caso da poesia de Herberto Helder.*
>
> *h. Esta poesia «vanguardista» pressupõe uma revolta individual contra os valores estabelecidos da escrita tradicional, do discurso poético tradicional. Mas é, na nossa opinião, uma revolta idealista, porque se refugia em si mesma: a revolta formal parece bastar-lhe. O processo, aliás, não é novo: o surrealismo era (é) isso mesmo.*
>
> *i. O surrealismo também pretendeu (pretende) ser o antídoto do sonho. Mas não se baseando no apreensível (no real), como pode ter no movimento social um papel activo, de «empurrar para a frente» o pensamento?*
>
> *j. Por progressismo (terminologia incorrecta mas que as leis* (?) *determinam) entendemos a luta pela mudança das classes e das ideologias no poder, que o desenvolvimento económico determina.*
>
> *k. A neutralidade do livro de H.H. é típica: o abstraccionismo não fala da realidade objectiva, cala, por conseguinte, o que se passa nas relações humanas.*

Após estas longas transcrições, que se poderá pois concluir do emaranhado e confuso texto de Júlio Henriques __ onde alguns conceitos de sentido bem preciso são manipulados sem qualquer espécie de rigor?

Em primeiro lugar, que o autor não entendeu (ou se mostrou incapaz de *ler*) o livro de Herberto Helder __ daí que nenhuma referência precisa tenha sido feita aos textos nele incluídos no decorrer do seu artigo. Nem uma transcrição, nem um esboço de análise, nada. Há aliás no seu texto uma referência precisa a essa incapacidade de entendimento ou de leitura: *(...) quando uma obra se nos apresenta de tal modo abstracta que nos é impossível, lògicamente, apreender-lhe o sentido (...).* É pois em nome da *lógica* (qual?) que Júlio Henriques pratica a abordagem de um texto (literário, ideológico).

Tal afirmação chegaria para invalidar todos os comentários de Júlio Henriques que directamente se dirigissem aos textos de Herberto Helder. O autor é no entanto audacioso e irresponsável. E assim, para espanto nosso, conclui: se o texto não é imediatamente *entendível* é porque *«a posição assumida pelo artista* (sic) *não assenta na defesa do progressismo (...).* E com isto, pensa ele, fica tudo dito.



Desenho de Ronald Searle

O artigo de Júlio Henriques está, como o de alguém que necessita a todo o custo de um disfarce para as suas insuficiências teóricas, sobrecarregado de *«ismos.»* É no entanto evidente que o autor não sabe o que é o «surrealismo», nem o que designa por «progressismo», nem o «abstraccionismo», nem o «niilismo», nem o «individualismo», nem o «vanguardismo», nem o «tradicionalismo», nem o «idealismo», nem, evidentemente, o «materialismo» em nome do qual pretende basear as suas *opiniões.* Também não sabe o que define e torna específico um texto literário, nem o que é «representação», nem o que é «arte progressista», nem o que são nem quais são o que designa por «condições materiais»; também não sabe o que define um sistema ideológico ou o que caracteriza uma ideologia e, evidentemente, ainda não estudou como devia, , quais são e como se estabelecem as relações entre os textos literários e os sistemas sociais, políticos, económicos, ideológicos ou, por outras palavras, quais as relações ou correspondências entre a produção e circulação material e a produção e circulação significante.

Apesar disto (o que é francamente audacioso), Júlio Henriques emite juízos de valor sobre os textos de um poeta. Apesar disto designa o seu texto por *«análise materialista»* __ designação que, é evidente, não tem no seu caso qualquer sentido rigoroso.

Trata-se apenas, cremos, de uma fascinação pelo que Júlio Henriques julga tratar-se de uma «moda».

Ao afirmar que a Herberto Helder *«a revolta formal parece bastar-lhe»*, deixa implícita a velha distinção entre *«conteúdo»* e *«forma»* (expressa, além disso, em termos incorrectos e simplistas), que tão mal fica a uma análise que se quer *«materialista»*.

E que mais será possível dizer-se em face de tamanha confusão embrulhada sob a capa protectora das «análises materialistas»? Talvez apenas (e será decerto o principal) que, com tudo isto, Júlio Henriques só desvaloriza aquilo que com tão evidente boavontade pretende afinal defender.

Ao publicar este artigo, o semanário COMÉRCIO DO FUNCHAL, mesmo considerando as posições em que ùltimamente se tem definido, prestou um mau serviço aos seus leitores e ao correcto esclarecimento e compreensão da poesia de Herberto Helder.

Talvez seja de recomendar ao autor a leitura de um texto de Herberto Helder publicado no número 2 da revista moçambicana CALIBAN. Isto, evidentemente, além de toda a restante obra do poeta.

Toda a violência inovadora e a audácia dos textos de Herberto Helder, assim como o trabalho por ele realizado ao nível da transformação e transgressão de uma linguagem poética convencional e estereotipada, não podem evidentemente ser encarados ou analizados nos termos em que o fez agora Júlio Henriques.

3 JORNALISMO ESTEREOTIPADO

Em entrevista concedida ao n.º 1253 (10.3.72) da revista FLAMA, afirmava a certa altura o escritor Carlos de Oliveira, a propósito do que recentemente se tem passado na nossa imprensa no que respeita à redacção de títulos e notícias:

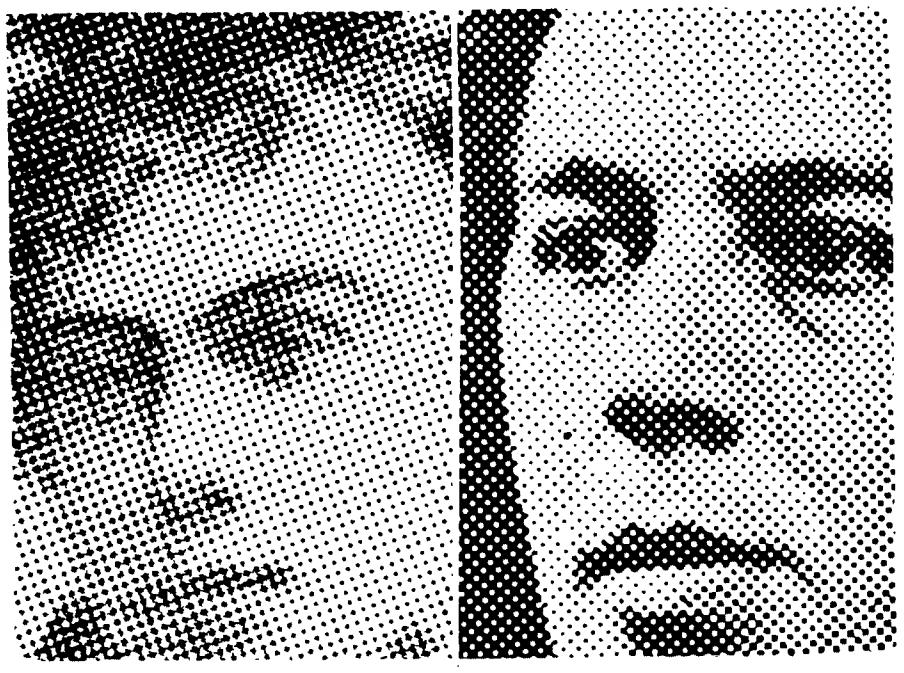
> *«Já que falamos de jornais aproveito para levantar um problema cada vez mais notório nas páginas de certos diários. Sobretudo nos títulos das notícias (cuja responsabilidade é dos chefes de redacção). Coisas mais ou menos como estas: «mau tempo impede viagens»; «inflação assusta governantes europeus»; «Vitória de Setúbal empata Belenenses»; «tensão afasta maestro»; «viagem de Nixon decide Vietname»; etc. Ou ainda piores. Uma espécie de Português básico e telegráfico, aparentemente rápido com a sua quase sistemática eliminação de artigos e preposições, mas que é, pelo contrário, uma tendência pouco aconselhável de meter travões no terreno resvaladiço da escrita e da fala. Nisto, antes o acidente mortal a grande velocidade. O idioma é uma coisa dinâmica, sempre a andar, sempre a transformar-se. Não falo portanto em nome de gramatiquices, sintaxes, caturrices petrificadas. A proposta que nos fazem agora de um português tatebitate, esquemas frásicos sempre iguais, estereotipos despidos de toda a articulação (que é o que esboça o ritmo, os gestos da linguagem), não tem nada a ver, claro está, com o movimento real de um idioma. E dada a influência quotidiana dos jornais, pode recear-se muito a sério o aparecimento de uma esclerose linguística. Como curá-la depois? Quando Fernando Pessoa dizia que a sua pátria era a língua portuguesa não estava a brincar(...)».*

Dada a importância de que estes factos se revestem aqui deixamos registadas estas palavras de Carlos de Oliveira. Isto porque se é de recear uma «esclerose linguística» não nos devemos esquecer que ela se fará indubitàvelmente acompanhar de uma «esclerose» do pensamento.

Todos os dias o jornal interfere na vida do leitor, que aí vai procurar informação, esclarecimento, opinião __ quase sempre até (isso é conhecido) a orientação e definição do seu esquema de pensamento. Além disto, é vulgar que o jornal seja também utilizado pelo leitor como «abonação» de algumas das suas afirmações. É frequente ouvirmos dizer: «é verdade» ou «é assim que se escreve porque eu li no jornal». É pois de recear que através desta «esclerose linguística»

NELSON DE MATOS

. Continua na pag sete



RIMBAUD:
«Ler literalmente
e em todos
os sentidos»;

BRETON:
pedir não o amor
mas a loucura
(«Gostaria que fosses
loucamente amada»)

A PALAV

Narra-se aqui o gesto de uma transgressão: a de certos limites que são ordens, leis, arrumações. É norma separarmos a literatura das linguagens que lhe são estranhas, e com essa mágica imposição pretender salvaguardar o mito de uma autonomia: preserva-se a palavra literária do contágio da política, da linguística, da psicanálise, da sociologia, ou da filosofia. Os textos aqui convocados desejam ultrapassar tais proibições. E pensaram ir mais longe: abolir as várias tentativas que se fazem para segregar o espaço da ficção do espaço da crítica, e o lugar da escrita do lugar da vida. Não pelas tradicionais vulgaridades, repetidas até à náusea, que nos ensinam como a arte exprime a vida, reflectindo-a no seu anseio do melhor, cantado e sublimando os seus valores espirituais. Mas por um nexo diferente, que supera (assim julga fazer) os fetichismos da cultura, manobras sempre reaccionárias para recalcar a contradição e a miséria, e que só a custo, talvez dolorosamente, se chega a formular, porque nos aparece como heterógeneo à ordem do dizer, porque é no próprio dizer que essa heterogeneidade se (des) diz. Inacessível pulsação que habita o fluxo da escrita, que a fende e dilacera, a exalta até ao limite do impossível, até à impossibilidade do limite: destino de castração a lancetar a literatura, a anular, num golpe definitivo, as ditaduras do saber, as ilusões do positivismo, a tecnocracia dos «críticos». É neste ponto que a nomeação se pluraliza (o significado flui sob o significante) e vem interditar todos os mitos da denotação e toda a ingenuidade cientista, impondo, para o dizer da castração, a inter-dicção da metáfora (a sua distância insuturável, a sua heterogeneidade, a sua euforia).

O vazio assim designado aparece inscrito desde a leitura do título: «a palavra sobre a palavra» vem apontar o abismo entre duas palavras que são, na sua absurda e inadiável identidade, a insistente figura da repetição e da diferença: estatuto que nenhuma crítica pode ocultar, sob pena de se deixar emudecer, ou distrair. Deste modo, toda a palavra sobre a palavra é palavra sob a palavra. Ou ainda: palavra sob (re) a palavra — numa vacilação indefinida que, em cada instante, se (re) formula, se formula em (re). Todo o combate contra o positivismo se desenha no emblema destes parênteses, que, na sua fragilidade e estremecimento, exigem uma escrita desfocada, uma alternância do fundo e da forma (como se aprende nas experiências visuais do gestaltismo), um excentramento e reversibilidade que inauguram o espaço diferente que procurámos anunciar: o da metáfora, o da sob (re) posição, o que atravessa a relação sobre-sob (conjungação de ponte e rio), o que a trans-põe, o que no hábito de toda a trans-gressão, no mesmo gesto a re-põe.

A palavra sobre a palavra é o próprio gráfico da metáfora. Deste modo, quando se nos depara a expressão «onda de desejo» (como a legenda publicitária repete), o termo «onda» está em vez de algo que se poderia designar de «movimento sentido na experiência do desejo», uma palavra (p1: «onda») sobrepõe-se a outra palavra (p2: «movimento...»). Por conseguinte, p1 vem dizer p2 (excesso significante) des-dizendo-o, des-focando-o, porque p1 diz **mais** do que p2 (ciência do excesso), na medida em que o diz **menos** (o não diz directamente, o des-diz). A diferença mais-menos representa-se na precaridade palpitante dos parênteses, no seu abrir-e-fechar, no seu ofuscado bater de pálpebras.

Por outro lado, a significação própria de «onda» (S1) altera-se, transfere-se, fere-se no rigor deste transporte, transpõe-se. Em «onda de desejo», o sentido próprio (S1) suporta o im-próprio (S2), porque a «onda» que se alteia na expressão é uma onda-outra, uma outra-onda, uma desapropriação de S1, uma navegação da palavra (perdida a âncora, anoitecido o cais).

● Próprio/impróprio. A noção de metáfora implica que o sentido próprio viage em diversos veículos que lhe são impróprios: assim, o transportado existe fora do transporte, alheio a ele. O que restitui as antinomias tradicionais: essência/acidente, intuição/discurso, pensamento/linguagem, inteligível/sensível, origem/derivação, interior/exterior, etc..

Mas que impede o próprio de se manifestar pròpriamente (apropriadamente)?

E não haverá metáforas em que o termo próprio seja ausente? O que diz Aristóteles, quando observa que, não havendo palavra para designar a acção do sol, nós podemos metafòricamente dizer «semear a luz». «Nenhuma referência sendo propriamente nomeada numa tal metáfora, a figura é arrastada na aventura duma longa frase implícita, duma história secreta, de que nada nos garante que implique um retorno ao nome próprio. A metaforização da metáfora, a sua sobredeterminabilidade sem fundo parece inscrever-se na estrutura da metáfora, mas como a sua negatividade. Desde que se admita uma relação analógica, todos os termos estão já colhidos, um a um, numa relação metafórica, e tudo começa a funcionar não em sol mas em estrela, ficando a origem pontual da verdade ou da propriedade invisível ou nocturna» (J. Derrida).

Que é próprio do sol? Eis um referente que se nos escapa na sua realidade sensível, porque é ele que torna possível todo o desdobrar da sensibilidade: a luz não se vê, mas **dá a ver**, mostra-se como efeito de mostrar, retrai-se ao designar o que nos atrai. Dado que, para nós, o sol é sempre im-próprio, inacessível na sua propriedade, «nunca o sol está presente em próprio no discurso. Sempre que há uma metáfora, há sem dúvida um sol nalgum lado; mas sempre que há sol, a metáfora já começou. Se o sol é já metafórico, sempre, já não é completamente natural. É já, sempre, um lustre, dir-se-ia uma construção **artificial** se isto se pudesse dizer no momento em que a natureza desaparece. Porque se o sol já não é completamente natural, que permanece de natural na natureza?» (Cf. Jacques Derrida, «La mithologie blanche», in **Poétique**, nº 5.

● Impressionismo?
Suponho que esta tão vulgarizada acusação foi mal entendida. não se trata de opor «impressionismo» a «cientismo», porque essa é a própria antinomia segregada «impressionistamente». Assim, o jogo de ecos reproduz-se: o «novo crítico» desqualifica a «tradição» porque ele limita-se a compendiar «impressões», sem outra base que não seja a da «intuição» do sujeito; o crítico tradicional observa irónicamente que todas as construções «científicas» são racionalizações de «evidências» não legitimáveis.

A destruição do «impressionismo» (que vive já a noite da sua ruína) implica uma outra aventura: a migração, a a-topia (trata-se de um começo sempre em re-começo). Atinge-se o novo continente no momento em que se abandona o senso-comum, o bom-sentido do senso-comum. Tal ruptura é um corte insensato que passa pelo paradoxo, pela polissemia, pela disseminação, pela errância (pelo erro). Ler, como pedia Rimbaud, «literalmente, e em todos os sentidos». Porque nenhum sentido é o bom (não há verdade-fixa em literatura), nunca o bom-senso pode alcançar o que só na dispersão se constrói.

A luta contra o senso-comum desenrola-se em várias frentes: no uso das «ciências humanas», no abuso da metáfora. Ou ainda: no rigor e no terror. Ou ainda, na prática textual que provoca a transformação da linguagem e a sua intensificação. O risco que se corre obtém recompensa na libertação da mediocridade que (por vezes) suscita. Honestamente: ou vale a pena assim, ou nada vale a pena.

● Se o uso da ciência é emigração e o uso da metáfora é imigração (retorno à terra impressionista), a ruptura opera-se pelo jogo da diferença e/i, que converte o texto em inevitável lugar de exílio: transparece a atopia que o promove obedecendo à instância do desejo.

● Perguntava K., ao conhecer o título projectado, se da palavra sobre a palavra não viriam a nascer outras palavras, «palavrinhas». Estavas certa, não o sabendo: a verdade produz-se onde não a perseguimos, inesperada. Barthes a tal aludia ao referenciar como homólogas as palavras interditas pela ordem social (a palavra sobre a palavra e a palavra sobre o sexo). toda a leitura se desenvolve eròticamente em obra de sedução. O crítico, conduzindo o texto à luz da sua revelação (ficção científica: viagem à volta do sol), deixa-se ir seduzindo pela sombra inconsciente que o duplica, pela noite que o atrai. Mas o entenebrecimento do crítico é também enternecimento. percorre-se lentamente um rosto até o inventar. (Tu)

● Pedia-te que acreditasses, este livro foi escrito à volta duma ideia fixa: a ternura.

● Daí o curso biográfico, a inscrição do prazer, o cerco erótico. A sensatez do bolor força o crítico a um estatuto absurdo. ele lê e avalia,

INTRODUÇÃO A UM LIVRO FUTURO

Eduardo Prado Coelho

RA SOBRE A PALAVRA

legisla e julga, escreve sem corpo e sem desejo, na rasura da morte, objectivo e imparcial. Quando Barthes nos confidencia que publicou um livro sobre Racine transpondo para ele certos problemas pessoais de alienação amorosa, tal dizer perturba e escandaliza, porque introduz, no irrepreensível tecido do labor crítico, um golpe, uma impureza, uma dissonante mistura. Também aqui a instituição funciona repressivamente, impondo a exclusão psicótica do sujeito, o delírio da coerência e da homogeneidade. Alguns são ainda piedosos: vivem na beatitude do positivismo. Mas a violência do real faz estalar a ordem do texto, alvoroça-o, desordena-o. Sedução, violação. Longo caminho para chegar junto de ti (Bresson, **Pickpoket**): todo o curso é recurso. Mas nenhuma noite impede o alarme do canto.

● «Criticar poesia, fazer crítica de poesia,' com aquela confiante e tradicional boa consciência nossa conhecida, é o mesmo que criticar o Sol e as estrelas. No fundo, falamos sempre de outra coisa, e o melhor é sabê-lo para nos poupar ao menos uma suficiência de sonho. (...) O máximo da abertura humana contido na palavra é o que a poesia justamente *é* e configura. Supor que pode ser julgada a partir de outro horizonte que o da luz por ela criada é conceber que são as trevas quem ilumina o dia» (Eduardo Lourenço).

● Se são as palavras que trazem algum conhecimento as mais agradáveis e se a metáfora produz esse tipo de prazer (Aristóteles *dixit*), como excluir o crítico do prazer da metáfora, da metáfora do prazer?

● Porque a palavra nunca se crava no sol, nunca toca directamente o objecto: sob a palavra outra palavra («sous les pavés, la plage», «soyez réalistes, demandez l'impossible»), sobre a palavra uma palavra ainda. O real é realidade: texto, véu, modelo, xadrez amortecido de significações. O correr do sentido é sempre discurso, curso que se diz no incessante desvio das palavras, no percurso metonímico do desejo (um objecto por outro objecto, uma palavra por outra palavra).

● A impossibilidade da relação *natural* (do sujeito ao objecto, do desejo à fruição, da palavra ao real, do olhar ao sol) ensina-nos a necessidade (o recurso) do desvio: escrever é um exercício perverso. À volta de: sob (re), sobre/sob. Pelo estremecimento (entre parênteses): na clandestinidade do discurso (na sua treva, na sua derrota). Pela castração do traço separador: no definitivo aniquilamento duma avalia,

forma/fundo, dum som/sentido, dum exterior/interior, duma superfície/profundidade.

● Pelo tocar da pele: apelo, violência, ternura.

● Impossibilidade de passar do corpo ao papel, do desejo à escrita: noite da metáfora.

● Nunca se dirá como tu, nua sob o casaco de malha, de camisola e collants negros sobre, saíste nessa noite.

● Outros falarão de literatura. Se quiserem.

● Alexandra. Dedicar um livro (disse-o uma vez à G., era quase um exorcismo) é uma outra forma de não querer perder pessoas. Porque são muitas as pessoas que vamos encontrando (inesperadas como a verdade), e algumas há que julgamos admiráveis e insubstituíveis, e um dia, sabe-se lá porquê, tão estranho como o ciclo das marés, esboroa-se o suporte fantasmático e começamos a esquecê-las, tão profundamente que a própria face se vai diluindo, exangue, amarelecida. Fica-nos, depois, não a recordação, mas a sua ausência: um vazio contornado, apenas angústia. E, por fim, já perto do cansaço, o sentimento da extrema sordidez de tudo isto.

Às vezes, resiste-se. Usávamos a técnica das «fotografias» (lembras-te?), não as reais, mas as outras, aquelas que, em certos momentos, num esforço semelhante ao desespero, fixamos, está tudo muito bem, evidente, e, de súbito, sentimos como tudo se nos escapa, fuga, espanto do irreversível, e dizemos que é preciso que, pelo menos, uma imagem reste (o teu sorriso, um choro silencioso de destruição e abandono, cantávamos de noite junto ao mar, uma saia vermelha muito curta, outra amarela e as meias negras, grossas, e a mão febril de M.) que se não esqueça, impossível esquecê-la, injusto esquecê-la, porque queremos lembrá-la, e assim coleccionamos, na miséria da memória, irrepetíveis imagens, e fica-nos o reconforto de saber que, quando as esquecermos, nem mesmo sabemos já que as esquecemos.

Há quem use a literatura, mas o espaço literário é quase irrespirável. Somos profissionais de gostar ou não gostar, de dizer bem ou dizer mal. Traficamos ideias e afectos a troco de notas. Ensinamos o inacessível, presos à firmeza dum saber, desgarrados da fascinação. E, no termo de muitos dias em que falamos de palavras, textos, escritores, escolas, revistas, polémicas, um revolta nos assalta de não estarmos vivos. Mergulhamos então no outro lado, na espuma das manhãs, no espaço da vida, e dizemos a cada instante: isto é um copo e bebemos; vamos para as ondas com gritos de heróis e deixamo-nos envolver nelas, a fazer carreiras; sentimos a fome e o húmido combate de uma boca; aceleramos contra o vento; e aí percebemos a fragilidade do que se nos propõe, porque nada tem sentido ou intensidade sem palavras que o signifiquem, o anunciem, o prolonguem. Sabemos agora como são indestrinçáveis o texto da vida e o texto da literatura, como se tecem sem fronteiras, presos à voragem que os une. Este texto que escrevo não deixa de exibir as cicatrizes de incisões recíprocas.

Aprendemos assim que a questão não consiste em separar a literatura da vida e esta daquela, mas em praticar o espaço que se rasga entre a ordem e a desordem, entre a lei e a transgressão: espaço convulsivo de vertigem e cumplicidade. Há uma norma da literatura e da vida, indispensável à nossa adequação ao mundo, ao nosso habitar quotidiano, e há uma transgressão da literatura e da vida, que recupera tudo o mais, e lhe atribui, no limite, uma razão. O que importa é encontrar o nome único (Klossowski), o objecto transicional («deve-se procurar sempre a moeda de ouro», disseste-me uma vez), que opera a passagem e a institui: da necessidade à liberdade, do lugar à utopia, do sono ao desejo. A literatura não é nem a liberdade, nem a utopia, nem o desejo: mas é a palavra que deles transporta (metáfora) a exigência, e a impõe, o nome único que se repete na proliferação interminável dos nomes. Toda a sageza consiste em multiplicar e os sinais que pronunciam a cena do desejo. Em dar-lhes força, chama, intensidade.

Não perder pessoas obriga a não dispersar os sinais recolhidos, a insistir neles, vincando a sua urgência no interior da rotina e do quotidiano. Dedicar um livro é converter em palavras o que, de outro modo, se iria espacejando, dissolvendo. É ainda afirmar o que, em cada dia, se esquiva: no campo público dos encontros, quebram-se as declarações mais íntimas, deslaçam-se os murmurados propósitos de transparência, como se não fosse possível atenuar o frio que nos bloqueia, e fica-nos a polida atmosfera dos princípios, a impecável dignidade das gramáticas, a solidão alcatifada dos discursos. E, contudo, na armadura poluída, abrem-se gargantas turvas que se não acalmam: uma fadiga que cresce, que entorpece; uma corrupção galopante de todas as razões, um não haver motivo nem sentido; gritos.

Quando se diz «gostaria que fosses loucamente amada» (Breton) pede-se, não apenas o amor, tópico esbatido de romances cor-de-rosa, mas a loucura. Só aí se ergue o desejo essencial deste livro. Por isso te peço que o leias, o recomeces e o reinventes: palavra sobre a palavra.

● Uma vez iniciado o processo, nada o poderá deter. Da medida para a desmesura, do cálculo para o delírio, do «conforme» ao «apesar de». Num filme, *Lillith*, enunciava-se claramente o mecanismo desta alternativa: «Se eu morrer esta noite, terá sido bastante? Então viverei para sempre».

● Escrever sempre: palavras sobre palavras, palavras sob palavras. Como se alguém pudesse (des)aparecer na palavra seguinte.

Outros falarão de literatura.

São Martinho do Porto, 29 de Março de 1972

Eduardo Prado Coelho

ARTES VISUAIS

Continuação da página dois

nemente sobre o nosso olhar. Tudo se desagrega e congrega ao mesmo tempo, num **caos organizado** que é fruto da coesão gravitacional e de vastas repulsões. Os detritos de uma circunstâncialidade que a análise narrativa pode identificar, transformando-se assim em símbolos de uma realidade menos limitada, dentro de relações que uma visão cósmica estebelece.

Paralelamente, Zweidler procura imprimir a certos elementos uma evidência carnal, memória de apelos eróticos que entre a máquina e o homem alcançam uma definição perversa. O mundo do inconsciente emerge na irracionalidade desses confrontos, desses enlaces e perfurações. Nessa medida, Hans Zweigler, embora elaborado o discurso pictórico com base numa estrutura irradiante e dinâmica que no barroco se filia, vai à experiência surrealista buscar os elementos principais da sua exploração poética.

Esta análise à pintura de Hans Zweider ficaria incompleta se não acrescentássemos (ainda que para terminar) que a reduzida propriedade da sua oficina e o gosto um tanto gratuito pelo efeito espectacular lhe atenuam, de forma por vezes claramente comprometedora, o resultado final de grande parte dos quadros expostos.

JOÃO BREHM, Galeria de Arte Moderna, S.N.B.A.

As pinturas de João Brehm representam paisagens. Mas não são as paisagens o objectivo do pintor. As paisagens constituem um meio, um modo de dar forma a uma mensagem que se situa para além do mundo visível. Estas pinturas, organizadas tècnicamente com pouco rigor mas com simplicidade afinal eficaz, resolvem-se em função de três cores apenas: um fundo uniforme azul, uma malha de modulação em preto e marcação prateada das zonas que definem os céus. Sobre um fundo-suporte azul desenvolve-se, a preto, a representação das paisagens. Tais paisagens, pela sua particular topografia e pela aspereza do horizonte desabitado que denunciam, resumem eficazmente cenários de solidão, uma grandeza planetária extra-terrestre, uma visão que tece (ilustrativamente) um mundo de ficção-cientìfica, a imagem do sonho, o espectáculo de um universo vazio e desolado. A natureza gráfica da malha de modulação, embora propondo a proporcionalidade e a presença reconhecível das massas rochosas afasta o espectador da ideia naturalista e força-o a uma percepção distanciada, sublinhada pela cor do céu e pelo azul homogéneo que define a opacidade da terra e a tranquila horizontalidade das águas paradas. A ausência do homem (e das marcas do seu trabalho ou das suas construções) não traduz apenas um devaneio de natureza lírica: transporta-nos ao significado da sua vida e à absurdidade das coisas que ele, não visitando, não significa. João Brehm aproxima-se de uma proposta que, a ser desenvolvida, pode ganhar um valor de comunicação mais intenso e profundo.

ESTRANGEIRO

HANNE DARBOVEN: ALGARISMO DESFUNCIONALIZADO OU DESFUNCIONALIZAÇÃO DA LINGUAGEM?

«O algarismo é a maior das invenções», diz Hanne Darboven, jovem conceptualista de origem alemã que viveu alguns anos em Nova Iorque. Uma nota de Ermeline Lebeer («L'Art Vivant», Março, 72) dá-nos conta da pesquisa desta autora e da sua exposição na Galeria MTL de Bruxelas. Hanne Darboven estabelece longas séries de números alinhados, ou, mais precisamente, de datas. Os seus trabalhos mais elaborados são consagrados principalmente à tradução gráfica de um dia, um ano ou mesmo de um século, integrada em cadernos de 365 páginas (366 para os anos bisextos) — cada página correspondendo a um dia do ano considerado. Com o fim de representar o ano de 1971, por exemplo, Hanne Darboven começa por adicionar os algarismos dos números que correspondem às datas. O seu método habitual conduz à separação dos números do mês e do ano (e não dos do dia). A data de 15-3-72 retraduz-se do seguinte modo: 15 mais 3 mais sete mais 2 igual a 27. Para exprimir gràficamente os números assim obtidos — números a que Hanne Darboven acrescenta a menção **k constrution, Case** — ela adopta vários métodos que englobam o desdobramento dos números e a utilização de abreviaturas. Estabelece entretanto um quadro prévio que resume estatìsticamente o conceito motor destas operações, quadro onde sobressai, por exemplo, a frequência com que aparece certa soma de algarismos de uma data em confronto com o número de úma outra. A duração visual toma então um carácter repetitivo e circular que ilustra perfeitamente a ideia básica do empreendimento.

Hanne Darboven insiste em que os seus trabalhos sejam considerados desenhos, o espectador é livre de os olhar como entender, não sendo obrigado a decifrar o conceito que preside à resolução dos textos gráficos e pode muito bem contentar-se com o seu aspecto puramente visual. Assim, em todas as últimas realizações de Hanne Darboven, o algarismo liberta-se do seu conteudo adventício. A serialidade numérica ai procede de um espírito de sistematização vazio de referência do mundo da praxis. Totalmente desfuncionalizado, o algarismo representa-se apenas a si mesmo.

DO OUTRO LADO DO PALCO

O Lar
de David Storey
enc. de Luzia Maria Martins
Teatro Vasco Santana

Há ainda Tchekhov, temperado com Beckett, na peça de David Storey, todavia aparentemente mais fácil. Um dos grandes êxitos da Companhia Teatro Estúdio de Lisboa que agora volta. Um trabalho meticuloso de Luzia Maria Martins que utilizou um bisturi extraordinàriamente dúctil e inteligente. Excelente nível de interpretação que faz deste espectáculo uma das coisas mais sérias e dignas do nosso teatro (para colocar ao lado do **À Espera de Godot,** na encenação do saudoso Ribeirinho). É justo deixar aqui os nomes dos intérpretes: Helena Félix, Ana Paula, António Montez, Francisco Nicholson e Amílcar Botica. A ver ou a rever.

PRONTO A DESPIR
de Aníbal Nazaré,
Henrique Parreirão
e Henrique Santana
Teatro Maria Vitória

Os responsáveis o disseram: trata-se de mais uma revista tradicional. Quer dizer: mais um trabalho de rotina. Duas ou três piadas políticas; um número excessivamente ambíguo; debilidade plástica; inexistência musical. E quatro vedetas desaproveitadas: Ivone, Mariema, Nicolau Breyner e Salvador. Só se pode recomendar a quem não perde uma revista. Mas para esses a recomendação é desnecessária, não é? **C.P.**

A CASA DE BERNARDA ALBA
de Federico Garcia Lorca
Enc. de Angel Facio
Teatro Capitólio

Uma encenação que nos reconduz a Lorca através do paroxismo a que pode chegar a repressão sexual — com todas as inerentes implicações ideológicas.

Vasco Morgado, a quem se deve a visita do TEP a Lisboa, afunda no péssimo Capitólio, e quase sem promoção, um trabalho teatral verdadeiramente notável. **V.S.T.**

PRÉDIO
ALMADA
Construção cimento armado, revestido a marmorite, comp. de 5 pisos, 10 inquilinos, habitaç. de 3 div. ass., cozinha, casa de banho, desp. e hall. PREÇO 1 450 000$00.
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292, 1.º — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA
Elegância Personalissima
ANTICHOC - RESISTENTE
100% IMPERMEÁVEL
EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS
Com 3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização
Preço: desde 550 contos
Próprio: JOAQUIM BARAONA
Avenida Valbom, 28-1.º—Telef. 282345 CASCAIS

APARTAMENTOS
EM CASCAIS
EM EDIFÍCIO DE LUXO
•
Proprietário: JOAQUIM BARAONA
Av.ª Valbom, 28-1.º
Telef.: 28 23 45 CASCAIS

OS SOBREVIVENTES

Continuação da primeira pagina

a ser explorada em seu tríplice valor básico, em seu aspecto gráfico, em sua camada fónica e em sua carga semântica.

Poeta sintonizado fundamente com as mais leves mutações do seu tempo, Cassiano Ricardo é, entre os mestres da poesia brasileira, o que de mais perto (e mesmo polèmicamente) tem acompanhado as explosões renovadoras e sempre contribuído com a sua peculiar sensibilidade e inteligência para a expansão experimentalista da nova poesia. Seja atendendo aos imperativos de novo aproveitamento do espaço em branco pela exploração do jogo semântico-vocabular e da visualidade do texto (conscientizados e divulgados entre nós a partir do Concretismo); seja deslocando a atenção do «tema» que se espraia em variantes, para o «problema» que se circunscreve rigorosamente em cada livro ou em cada bloco poético (tal como o exige o rigorismo construtivista da praxis), Cassiano Ricardo vem demonstrando não só uma vitalidade ímpar na sua geração, como também, submetendo-se a uma das mais sérias provas a que um poeta pode passar: a de se empenhar na conquista de novas soluções estilísticas, decorrentes de novas visualizações do mundo, e continuar fiel à sua «garra» original. E isso está sendo plenamente logrado pelo criador de «MARTIM CERERÊ».

Neste «OS SOBREVIVENTES» voltamos a encontrar o recorte estilístico que fez de «JEREMIAS SEM-CHORAR» um dos pontos mais altos do itinerário poético de Cassiano Ricardo.

«Uma ponta de faca
em agudo estilete
que corta (hoje) fundo
o perfil das palavras»

(OS. «Arrancada Flor»)

Um extraordinário rigor selectivo coloca as palavras «em situação» e através desse novo **código**, agudiza-se a **mensagem**, sem que em momento nenhum surja a gratuidade vocabular ou a artificiosidade (tão fáceis de acontecerem em experimentações poéticas vanguardistas, ou tidas como tal...). A imagem-de-mundo ricardiana, fundindo tempo histórico, experimentação estilística e essência humana num todo essencial, apresenta a rara coesão que só as poesias em tom maior soem oferecer.

É dessa atitude de raiz que emerge a preocupação com o homem situado no «aqui e agora» que singulariza a poesia ricardiana e que impregna «OS SOBREVIVENTES», livro onde Cassiano caminha, como sempre, na região fronteiriça entre o **ser do quotidiano** e o **ser essencial**. Aderido ao mundo do dia-a-dia, nada escapa ao seu olhar perscrutador.

Observe-se, por exemplo, no poema «Pigmalião (de hoje)», o registro de uma das experiências científicas mais recentes e espantosas do nosso tempo, a criação de vida humana em laboratório. Como sempre, ao transformar o facto em poesia, o poeta ultrapassa o imediatismo do real-concreto e atinge o mistério humano ali latente.

«No tubo de ensaio
o esboço de uma criatura
humana.
Um pequeno número 8,
deitado.
Óvulo humano fecundado
«in vitro»
por cruel ciência.»

(OS. «Pigmalião (de hoje)»)

Com a concisão sintetizadora inerente à palavra poética, Cassiano Ricardo, em apenas dois sintagmas («Um pequeno número 8/deitado») evoca em nossa mente o signo que é o símbolo matemático do **infinito**. Portanto, justapondo a ideia de «infinito» à visão do tubo de ensaio, o poeta ultrapassa, de golpe, a experiência científica, radicada no «aqui e agora», para tocar no enigma da existência humana, o mistério das origens.

Embora a indagação do transcendente não seja a fonte nutridora da poesia ricardiana (desde sempre aderida ao homem situado no mundo concreto), o certo é que toda a sondagem da realidade, por ela realizada, vai sempre além das aparências, procura o que está oculto sob elas e que lhes dá, afinal, a verdadeira significação.

Já tivemos ocasião de dizer, em outro estudo, que se temos na nossa literatura um poeta cujos olhos têm o condão de apreender o invisível que está latente nas realidades visíveis, esse é Cassiano Ricardo. Todo o seu imenso caudal poético está fervilhando de exemplos em que a realidade concreta, apreendida pelo seu olhar poético-mágico revela as faces mais insólitas e inesperadas.

Do **plano real-objectivo**, o poeta desliza constantemente para o **plano do maravilhoso**. Leiam-se, por exemplo, os poemas «Otávio e Lúcia»; «O Paraquedista e a Medusa»; «Festa Chinesa»; «O Teatro dos 4»; «Velório»; ou ainda o pungente «O Poeta e seu Prefixo», onde Cassiano eterniza em beleza aquilo que foi o último instante de uma vida plena de actuação e de amor criativo, a vida de Mário Faustino, jovem e brilhante poeta da «geração de 60», morto num desastre de aviação, num choque contra o Pico do Cerro de La Cruz no Peru, em Novembro de 62.

«Avião de asa aberta
em forma de cruz
súbito crucifixo
no ar.
Pico do Cerro de La
Cruz
crucificação, também,
no chão».

(OS. 60)

Utilizando uma técnica redutora que se aproxima dos recursos de composição cinematográfica, «flashes» e «cortes», o poeta dá-nos os acontecimentos pelo enfoque de elementos isolados, que se tornam automàticamente índices do motivo-nuclear do poema, a morte do homem. Note-se, por exemplo, o terceiro bloco do poema.

«Nem um botão de camisa nem um fiapo de roupa nem um simples relógio de pulso pra identificar o homem e sua hora.»

(OS. 60)

Composto gràficamente de maneira compacta (amontoando as palavras como o amontoado de destroços do avião), é como se um olhar percorresse os despojos, em câmara lenta, à procura de algo que pudesse identificar o homem. Mas ali só estava o caos. Desapareceram as formas familiares que denunciavam a presença da vida. «nem um botão de ca-/misa nem um fiapo de/roupa nem um simples/relógio de pulso pra/identificar o homem/e sua hora». Ao mesmo tempo, o corte que separa o «homem» de «sua hora» (alusão ao título do livro de Mário Faustino, nascido com tão diversa conotação, pois se referia à vida que devia ser vivida...) concretiza aos nossos olhos a cisão que acabara de ocorrer entre o «homem» e sua vida temporal. Para mais além o poeta concluir. «Só ficou deus/na engrenagem». De volta ao caos não-identificado pelos seus atributos temporais, o homem só perdura pela essência de seu ser indestrutível e identificado a «deus», só ela persiste na visão interior do poeta, anulando a destruição concreta.

Antípoda do «caramujo/Omisso, em neutro» (do poema «Fusa e Semifusa»), Cassiano Ricardo prossegue, pois, na sua incansável faina de poeta, sempre distendido no encalço do seu tempo, a fim de testemunhá-lo em poesia. Dentro de seu universo poético «OS SOBREVIVENTES» alinham-se entre os companheiros, vindos de uma jornada que já dura mais de meio século, e tal como eles, oferecem-se como um todo essencial onde a condição humana e a criação poética se fundem num só e superior fenómeno.

NELLY NOVAES COELHO

(1) Cassiano Ricardo, **Os Sobreviventes**. Rio, Livraria José Olimpio Editora, 1971 (270 págs.).

CAL(i)GRAFIAS

Continuação da pagina três

os jornais estejam lentamente a contribuir para a deformação dos já de si débeis esquemas de pensamento dos seus leitores. Sobretudo daqueles que lêem apenas um único jornal e não têm portanto uma mais larga variedade de referências.

— ANDRÉ MARTINET (in ÉLÉMENTS DE LINGUISTIQUE GÉNÉRALE):

Que é uma língua?: *«Uma língua é um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se ANALISA* (subl. nosso) *a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fónica.* (...)»

. *«A linguagem serve, por assim dizer, de suporte ao pensamento, tanto que poderíamos até perguntar se mereceria o nome de «pensamento» uma actividade mental que se não exercesse no âmbito de uma língua.»*

Pelo seu lado, o diário «A CAPITAL» publicava sobre o mesmo tema, no seu número de 5.4.72, o seguinte texto:

«Os títulos de «A Capital» estão na iminência de levantar polémica. De facto, diversas pessoas nos têm escrito deplorando, em termos mais ou menos cáusticos, o teor «abrasileirado», como dizem, dos nossos títulos. Este teor abrasileirado, objecto da desaprovação destas opiniões, manifesta-se, com efeito, na frequente ausência dos artigos (definidos e indefinidos) antes de certos substantivos e na utilização do presente do indicativo nos verbos referindo acções passadas. Assim, censuram-nos, por hipótese, escrevermos no título de uma notícia, suponhamos que de polícia: «Criança Foge de Casa», em vez de «Uma criança fugiu de casa».

O certo é, porém, que o carácter sincopado de um título a que se pretenda dar algum destaque, o torna mais sugestivo e, de algum modo, dotado de maior poder de impacto.»

Para além das incorrecções contidas neste pequeno texto do jornal, e de que o leitor fàcilmente se aperceberá, devemos assinalar o seguinte:

a. que o jornal tenta desviar o problema para a questão do respeito ou não pelas normas da gramática;

b. que o jornal tenta aproveitar a discussão levantada como *«animação» das suas páginas*, já que mais adiante afirma:

«(...) decidiu A Capital proceder à realização de um inquérito sobre a questão dos títulos condensados, do tipo dito abrasileirado, junto de nomes conhecidos do público, cuja diversidade previsível de opiniões contribuirá pelo menos para uma maior animação das nossas páginas. E desta animação quer-nos parecer que «A Capital» beneficiará precisamente na medida em que logrará despertar o interesse do público.»

c. até à data, participaram nesse inquérito o Conde de Paço de Arcos e um escritor chamado Joaquim Lagoeiro. Ambos insistem em encarar o problema ùnicamente sob o aspecto do desvio às normas gramaticais e da defesa e do respeito pela língua pátria;

d. no entanto, um outro escritor e no mesmo jornal (Suplemento «Literatura e Arte» de 12.4.72) decidiu voluntàriamente intervir através da secção que semanalmente aí mantém. Trata-se de Alexandre O' Neill que, encarando os comentários do Conde de Paço de Arcos os comenta também como se se tratasse da única hipótese de encarar o problema. Assim, responde: *«O policiamento da língua é uma bonita actividade; a denúncia das transgressões cometidas à Sociedade de Língua Portuguesa é o cúmulo do zelo. (...) O título (sacrílego!) que o senhor dá como exemplo: HUGHES SOME NA NICARÁGUA está curtíssimo e certíssimo! Toda a gente percebe — e de que maneira — que a Nicarágua como que engoliu, papou Hughes, que Hughes como que se volatilizou na Nicarágua. (...) O «some», assim a seco, é muito mais impressivo. Hughes sumiu-se ou foi sumido, desapareceu ou foi desaparecido, fugiu ou foi fugido?. Mais simplesmente «sumiu».*

Mais adiante, acrescenta O'Neill que não vê nenhuma razão para que *«os jornais mais renovados»* não introduzam *«nas suas manchetas»* estas *«espreitadelas ao estilo telegráfico.»*

E se um escritor português o não vê (um homem permanentemente utiliza as palavras como material de trabalho, instrumento de comunicação e intervenção nas estruturas ideológicas onde se movimenta; um homem que utiliza uma cultura e um saber que são essencialmente idiomáticos.

Não, O'Neill, não se trata da defesa da gramática nem da não violação *do nosso idiomazinho pátrio.*

O que se defende é outra coisa. Há tempos, na SEARA NOVA, Luís Salgado Matos perguntava se o ensaio e crescente divulgação e utilização da língua inglesa não estariam a ser utilizados como veículos de propaganda do neo-capitalismo. Que nos estará a tentar transmitir este português tatebitate? Pense um pouco. Que consequências poderá ele ter sobre as pessoas que diàriamente procuram um jornal (quase sempre um único jornal) para esclarecimento e informação e que através dele acabam por ser formadas (mentalizadas)? Já pensou porque é que a preocupação inicial de uma nova ciência é o estabelecimento de um vocabulário específico e suficientemente autónomo em relação à linguagem normal? Já pensou que será através desse vocabulário que essa ciência irá transmitir e tornar operatórios os seus novos conceitos?

. A. LEONTIEV (in LINGUAGEM E RAZÃO HUMANA): «Uma das funções importantes da linguagem é a de servir como instrumento do pensar. (...) é o uso da linguagem que determina o pensamento teórico do homem.»

«(...) há um assinalável paralelismo entre a nova política económica — que visa conquistar um lugar secundário no seio do neocapitalismo internacional — e as correntes que favorecem a adopção da «língua franca» deste neocapitalismo.»

Luís Salgado de Matos
(in SEARA NOVA nº 1 506 — Abril/71)

Que se estará a passar nas redacções dos nossos jornais? Que se estará a passar na mente de tantas pessoas? Que será isso de *«jornais mais renovados»* como diz O'Neill? Que será isso de *«poder de impacto»* como diz o texto de «A Capital»? Que impacto? Sobre quem?

Voltemos ao texto justificativo de «A Capital» porque novas questões se nos levantam:

«para bem ou para mal, uma das tendências da Imprensa diária portuguesa e de outros países europeus é a da limitação progressiva a um teor meramente informativo, tendendo o jornalismo de opinião a deslocar-se, simultâneamente, para as diversas espécies de publicações, mais ou menos periódicas, abrangidas na genérica e corrente designação de revistas.»

O que é um jornal *«meramente informativo»?* Que é *«informação»?* Quais são os outros países europeus a que a nossa imprensa está a seguir as pisadas? Haverá (ou será possível que haja) em algum lado jornais *«meramente informativos»?* Será possível a *«neutralidade»* de uma informação de carácter jornalístico qualquer que seja o seu teor? Como se recebem essas informações? De onde se recebem?

Mesmo para as que são obtidas em presença do acontecimento: não será a informação (como representação do real que pretende ser) resultante do diálogo (do confronto) entre um olhar e a realidade? Será possível a *«neutralidade»* desse olhar?

Questões, como vemos, algo complexas, e que não podem evidentemente ser iludidas com justificações parciais e apressadas.

Quando se critica esta forma de jornalismo estereotipado não são portanto questões gramaticais que se encontram em causa. Essa seria a forma mais fácil e mais ingénua de relegar para segundo plano (como aliás foi feito) aquilo que verdadeiramente é importante.

Fernando pessoa não estava, na verdade, a brincar connosco.

NELSON DE MATOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

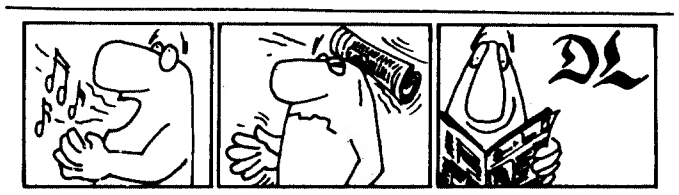
COVAIS A DESOCUPAR E ANUIDADES EM ATRASO

Avisam-se as famílias dos falecidos inumados em Maio de 1967, nas sepulturas seguintes, de que devem comparecer na Administração dos Cemitérios respectivos, para conhecimento das exumações a efectuar em Junho de 1972.

Alto de S. João, 6600 a 6805 adultos e 9604 a 9643 menores; Prazeres, 373 a 375 adultos e 197 menores; Ajuda, 4212 a 4296 adultos e 88 a 93 menores; Benfica, 3648 a 3884 adultos e 1726 a 1786 menores; Olivais, 10 155 a 10 183 adultos e 2177 a 2179 menores; Lumiar, 552 a 650 adultos e 1528 a 1541 menores.

Avisam-se os interessados de que os Serviços Cemiteriais não poderão ser responsabilizados pelo desaparecimento ou descaminho de valores que porventura tenham seguido à terra com os restos mortais a exumar, pelo que terão conveniência, quando assim tenha acontecido, em que por si ou por quem os possa representar, seja presenciada a abertura dos covais para efeito das exumações. Caso pretenda assistir a essa abertura, deverá o interessado nos restos mortais ou quem o possa representar, expressamente declará-lo quando, para tratar da exumação, comparecer na Administração do Cemitério respectivo.

Avisam-se também, os interessados nos compartimentos de jazigos ossários municipais, cujas anuidades estão em atraso, de que devem actualizar o respectivo pagamento.

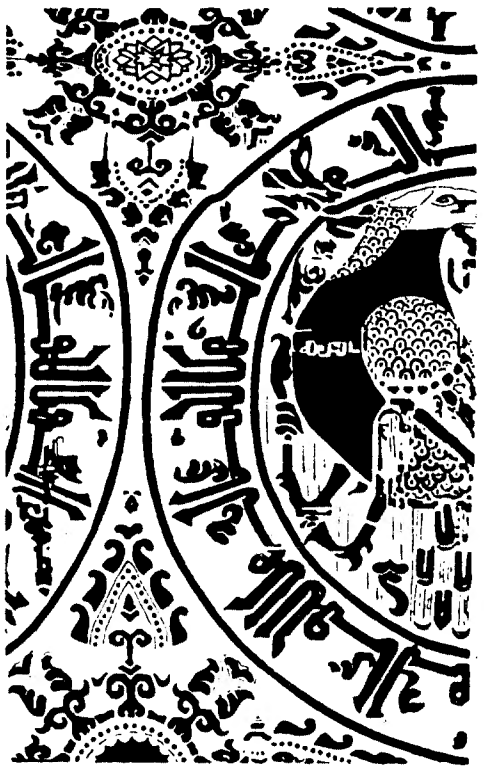


literogramas

TÍTULO: **«PORTUGAL NA ESPANHA ÁRABE»**
EDITORA: **SEARA NOVA**
COLECÇÃO: **«PARALELOS»**
ORGANIZAÇÃO, PRÓLOGO E NOTAS: **ANTÓNIO BORGES COELHO**
N.º DE PÁGINAS: I.º VOLUME): **240**

RECUPERAÇÃO

Numa outra página de crítica literária (no «Jornal do Fundão» de 26 de Março p.p.), para um comentário naturalmente imediatista de «Portugal na Espanha Arabe» eu partia de uma quase simultânea leitura deste livro e do romance (anti-romance) de Goytisolo, «Reivindicação do Conde Julião». E agora insistirei mais uma vez no motivo desta singular proximidade. O problema que continuo a sentir mais em causa., a propósito do volume organizado e prefaciado por António Borges Coelho, é o de *uma recuperação* (operada para lá do nebuloso conhecimento-pelo-lendário) da presença tão silenciada dos muçulmanos na Península Ibérica — tal como naquele texto de ficção de Goytisolo se procura também recuperar uma Espanha autêntica. Eis-nos, então, com o primeiro volume (ao todo serão quatro) de uma obra documentária organizada sistemáticamente. E com um objectivo: esclarecer, ilustrar, liquidar (ao nível de todos os leitores) o ror imenso de equívocos que sobre nós paira relativamente ao



significado e ao relevo histórico da referida presença árabe nas Espanhas dos séculos 8 a 12.

Ainda não há muito, António Borges Coelho nos tinha proporcionado o acesso a um outro livro de que também seria ridículo apregoar importâncias. Aludo ao «Tratado sobre a reforma do entendimento», do português *Espinosa* — o qual português só não foi por desvirtude de factores persecutórios por demais conhecidos. Entretanto, com este primeiro volume de «Portugal na Espanha Arabe», Borges Coelho confirma-nos o seu afã insistente em rebuscar, nos textos (nas superestruturas) do passado, a explicação de muita coisa quase imperdoávelmente omitida nos quadros culturais de hoje.

Destaco, da nota prefácio deste livro, as suas considerações iniciais — que se devem reter como importante advertência. E estranho e triste, mas é verdade. Deram-nos os árabes o último elemento componente, significativo, da nossa língua. Uma influência que se diria ao nível da «substância» (nomes de instrumentos, peças de vestuário, de mobílias, etc...), não ao da estrutura da língua, a qual permaneceu fundamentalmente latina. O que explicará, decerto, que a fala árabe quase tenha desaparecido do chamado *português coloquial* dos nossos dias. Nos nomes ou designações de objectos a coisas dominam hoje as línguas modernas (o francês, o inglês, etc...). Mas nada, para além disto — a não ser uma sufocante poeira cerebral, um determinado *preconceito ideológico* — nos pode explicar os equívocos que vivem mais comuns relativamente aos vários aspectos da influência cultural dos muçulmanos. Com efeito, a generalidade dos portugueses razoávelmente iluminados pensa ainda que a civilização árabe peninsular nos roçou sòmente a pele. Observa António Borges Coelho que até a própria Historiografia reinante passa apressadamente sobre as implicações daquela civilização, deixando-a na penumbra, isto em contrapartida de se cantarem «hossanas e louvores ao esplendor da civilização *visigótica* (!) e romana».

Este primeiro volume de «Portugal na Espanha Arabe» — onde o prólogo de Borges Coelho projecta, na síntese de meia dúzia de páginas, uma luz dianteira — recolhe textos de geografia económica, de políticae organização social do Andaluz, desde o ano de 711 até ao estabelecimento de um Emirato independente. Importará, no entanto, um leitor enunciar-lhe a sequência dos restantes tomos desta obra. Assim, o segundo destina-se á recopilação de textos de natureza idêntica aos do primeiro, referidos porém a um tempo que vai daquele Emirato até à queda do Califado de Córdova; o terceiro, por seu turno, abarcará a história dos reinos das taifas, da dominação almorávida e almoada; e por fim, dar-nos-à o quarto volume conta dos poemas, narrativas e prosas filosóficas dos árabes do Andaluz, particularmente de autores nascidos ou relacionados com o território que hoje é o português (Almutâmide, o rei-poeta de Sevilha, que nasceu em Beja — Ibne Sara de Santarém — Ibne Amar de Silves — Ibne Aluarquil de Beja — e muitos outros). Mas«Portugal na Espanha Arabe» dár-nos-à, certamente, documentada noticia do processo sócio-económico que acompanhou a invasão peninsular dos muçulmanos. Conquistanto as terras, os árabes iam-nas repartindo de imediato pelos adstritos e servos dos visigodos. O domínio dos maometanos vindos do Norte de Africa acompanhará assim aquilo que se pode chamar uma «revolução agrária» (o povo, aliado dos invasores, contra a nobreza goda e as instituições eclesiais, senhoras das terras e dos bens de produção). Talvez parta daqui uma explicação eficaz, para certas antíteses ideológicas.

Longo sedimento tem sepultado as verdades que «Portugal na Espanha Arabe» se propõe trazer à luz da crítica. Habituados a um enunciado antagonismo ideológico entre cristãos e árabes, que nos é desenhado logo nos bancos primários da escola, e certos de que tudo aquilo que fez a Reconquista iniciada por Pelágio foi matéria (ideal-espiritual) de uma Cruzada, a compilação de António Borges Coelho apresenta-se-nos como uma surpresa. Falo, evidentemente, como leitor comum — e ao seu nível. O grande mérito deste livro, que deve ser lido amorosamente por todos, e que os professores interessados deviam oferecer à curiosidade dos seus alunos, sem dúvida situa-se no processo de pureza com que se desvenda *pelo original* uma «civilização do silêncio» — isto é, uma civilização reduzida ao silêncio.

F. L. S.

TÍTULO: **NÓS MATÁMOS O CÃO-TINHOSO!**
AUTOR: **LUÍS BERNARDO HONWANA**
COLECÇÃO: **AFRONTAMENTO. PORTO. MARÇO 72 (2.ª ED. REV.)**
N.º PAGS **145**

A RESPIRAÇÃO: SUOR

Não sei se realmente sou escritor. Acho que apenas escrevo sobre coisas que, acontecendo à minha volta, se relacionem intimamente comigo ou traduzam factos que me pareçam decentes. Este livro de histórias é o testemunho em que tento retratar uma série de situações e procedimentos que talvez interesse conhecer. É Luis Bernardo Honwana que escreve: em nota do autor à primeira edição de **Nós Matámos o Cão-Tinhoso!** E daqui partimos para o texto com quatro palavras: **escritor, testemunho, situações, conhecer.**

Escritor. De súbito: uma explosão. Acordar de noite e sentir medo, vergonha, sentimento íntimo de querer estar com os outros. À nossa volta: o mundo. Em nós: o mundo. De súbito: a força a crescer e a rebentar em frases. O estilo a correr nas veias. Substantivos, pronomes, artigos, adjectivos, resvalam pela vertente da literatura. Luís Bernardo conhece as palavras, incendeia-as; raivosamente (dolorosamente) tenta a contensão. Escreve. Ultrapassa o discurso. Ganha força. O papel vai-se enchendo de sinais. O estilo afirma-se. Ouve-se alguém dizer: **sim**. E ele avança; penosamente. Os canais da informação estalam, quebram de notícias. Escreve. Está com os outros. Sente, sabe.

Testemunho e situações: de uma zona; de uma época. As sete narrativas do livro estão ligadas ao mesmo tempo, ao mesmo espaço. Tudo é um inventário de situações. E, por entre parágrafos, nos gestos suspensos, nas atitudes do jovem do curral, no ondular da machamba, nos olhos azuis do cão-tinhoso, na capulana de Sartina, na **loucura** de Vírgula Oito, nas águas do Icomáti, descobre-se que **já era tempo**

de sermos doidos, e o silêncio terrível mas cúmplice de Madala é o nosso silêncio; a nossa cumplicidade. **Poça, aquilo tinha que mudar!...**

Conhecer. Qualquer texto propõe uma teoria do conhecimento. Da apreensão. Mas, com **Nós Matamos o Cão-Tinhoso!**, Luís Bernardo Honwana situa-se numa zona em que o conhecimento é urgente. Não falo apenas dos factos. Falo de um conhecer profundo, doloroso. De **coisas que acontecem à minha volta.** Nesta altura entra em campo **o escritor.** Um inventário é fácil de fazer. Basta escola, papel e lápis, coisas para inventariar. Mas, servir-se dos factos, **a, b, c, d,** e apresentá-los aos nossos olhos para nos situarmos e os sentirmos, é outra loiça. Entramos na total realidade da invenção. Depois: a imensa força de uma aparentemente fácil e infantil narrativa. Depois: a (re)construção de uma linguagem seca e nova. Ironia. Ácido sorriso.

Outra vez: **escritor**. As rolas, ah! as rolas: **Cantando, a rola não lamenta, como fazem muitos outros pássaros, acusa. Entristece o vale. Torna despropositado o verde dos campos e insípido o azul intenso do céu.** Pássaro este que na história **(Nhinguitimo)** ganha a força da imagem. Retrato de outra gente. Luís Bernardo escreve. **Nasci em Lourenço Marques, em 1942, e vivi com os meus pais na Moamba, até aos 17 anos.** Penso na frieza da análise, na distanciação rigorosa, no desmontar do texto. E não consigo evitar que sentimento alastre no papel. Não consigo (francamente: nem me interessa) sair de um terreno que me dizem ser pouco crítico. Dou comigo a gritar: olá amigos! Uma personagem responde-me: **A gente cresce com muita coisa cá dentro mas depois é difícil gritar, tu sabes...**

Palavras, palavras, palavras... O que ficou por escrever, o que devia ser escrito. O que... Detenho-me. Escrevo sobre um livro. Um livro que se destina a ser lido. Mas, se de literatura se trata, muito mais me dizem estas histórias. São já História. E aqui o importante de **Nós Matámos o Cão-Tinhoso:** o sinal mais. Embora toda a realidade seja ficção (e vice-versa), talvez aquilo que não chega a ser dito em palavras, mas que se respira, seja o fundamental. E, se respiração é já suor, se o morse cifrado das palavras se transforma em mensagem decifrada e aberta, então qualquer coisa importante se está a passar. Já não há palavras, não há texto, não há livro: apenas um sinal. Mas que difícilmente se apaga da memória.

E.G.C.

A C Adriano de Carvalho ● C P Carlos Porto ● E G C Eduardo Guerra Carneiro ● E P C Eduardo Prado Coelho ● F C M Fernando Correia Marques ● F L S Fernando Luso Soares ● J V P José Vaz Pereira ● J M Julio Moreira ● M M C Manuel Maria Carrilho ● N J Nuno Judice ● N M Nelson de Matos ● R S Rocha de Sousa ● V S T Vitor Silva Tavares